

A Escola, as Parcerias e a Mudança: Teoria e Prática

Contributo de um estudo empírico
Anexos



Universidade de Évora
Mestrado em Educação
Especialização em Administração Escolar

Isabel Maria Ramos Estação

Anexos

Departamento de
Educação



103081

371.2

Anexo 1 - Guião de Entrevista Semi-Estruturada (Escolas)

Instituição: Escolas - EB 2/3 de Aljustrel; Secundária de Aljustrel; EB 2/3 S de Almodôvar; Secundária de Castro Verde; EB 2/3 S de Ourique.

Entrevistados: Presidente do Conselho Directivo / Grupo de Trabalho (do Conselho Pedagógico) responsável pelo acompanhamento do Projecto “À Descoberta da Vida Activa”

Tipo de Entrevista: Colectiva

Objectivos:

Captar as razões que conferem significado à aceitação e ao desenvolvimento do projecto “À Descoberta da Vida Activa”, correlacionando-as com as concepções de “escola” e de “poder” dos órgãos directivo e pedagógico das Escolas.

Reconstruir o quadro da(s) dinâmica(s) da acção colectiva dos actores que dirigem as Escolas através da identificação dos processos e procedimentos de constituição da parceria.

Questões:

1. Em Outubro de 1995, a ESDIME, apresentou-vos o projecto “À Descoberta da Vida Activa”, ao qual a vossa Escola respondeu positivamente. Importa-me identificar os factores em que fundaram a vossa decisão bem como conhecer os processos inerentes a essa tomada de decisão, pelo que são as seguintes as primeiras questões que vos coloco:

- 1.1. Quem tomou a decisão de aceitar a parceria proposta?
- 1.2. Quem foi consultado?
- 1.3. Como foi efectuada a divulgação do projecto?
- 1.4. Quais as razões determinantes na aceitação e estabelecimento desta parceria?

2. A ESDIME propôs como metodologia de intervenção a articulação entre as várias acções programadas no âmbito do Projecto com os objectivos definidos e as actividades planeadas no Projecto Educativo e/ou Plano de Actividades da vossa Escola.

- 2.1. Foi por vós aceite essa metodologia?
- 2.2. Como procederam?
- 2.3. Que princípios, que objectivos, que actividades privilegiaram?

3. A prossecução do Projecto neste ano lectivo radicou, possivelmente, numa avaliação positiva do desenvolvimento/resultados do mesmo no ano lectivo transacto. Em vossa opinião:

- 3.1. Como sentiu/viveu a comunidade educativa - alunos, professores, encarregados de educação - o Projecto?
- 3.2. E, no decurso do corrente ano, qual a vossa percepção do funcionamento do Projecto: que sucessos e que dificuldades têm enfrentado?

4. Este projecto pretendeu (e pretende) estabelecer inter-relações entre a Escola e várias entidades do concelho: autarquia, empresas, associações, etc.

- 4.1. Foram, por via do projecto, estabelecidas novas relações com intervenientes exteriores à Escola?

4.2. Quais os parceiros preferenciais para a Escola?

4.3. Que tipo de colaboração existe entre a Escola e os agentes exteriores?

5. Uma das acções desenvolvidas na vossa Escola é o “Atendimento para Orientação Vocacional e Profissional” para alunos do 9º Ano. Esta é, segundo os seus proponentes, uma prática formativa contextualizada em que a par do desenvolvimento pessoal e social dos jovens tem como objectivo prioritário a inserção social local. Dado que existe um trabalho conjunto entre a Psicóloga responsável pela Orientação e os Directores de Turma, gostaria de saber se:

5.1. Têm sido percebidos por vós reflexos desta modalidade de formação ao nível das práticas formativas da Escola?

5.2. Tem, por outro lado, a vossa Escola inscrito como prática curricular - disciplinar ou ao nível das actividades de complemento curricular - o desenvolvimento de áreas ou temas específicos inseridos nas realidades locais, contrariando desse modo a uniformização da nossa formação escolarizada?

6. É um lugar comum a afirmação de crise da Escola articulada a uma cultura de passividade e de interiorização de comportamentos burocráticos por parte do corpo docente e, concomitantemente, postula-se a necessidade de mudança.

6.1. Esta parceria, em vosso entender, ao promover redes de relação interactiva com a comunidade local, poder-se-á constituir como factor de mudança interna da Escola?

6.2. Consideram que, ao estabelecerem este parceria, de certa forma “ultrapassando” as limitações do quadro legal existente, estão a afirmar a identidade e a autonomia da Escola?

6.3. A vossa avaliação da realidade vivida desta parceria, enquanto possibilitadora da participação, formal e informal, de actores exteriores à Escola, poderá constituir-se como embrião na construção de políticas educativas locais?

6.4. Por outro lado, ao procurar estabelecer redes de comunicação entre diferentes Escolas da mesma região no sentido da partilha de saberes, de práticas e de experiências, este projecto de parceria, poderá, prospectivamente, contribuir para que, contrariamente ao que acontece actualmente, as Escolas possam decidir (e implementar) uma rede escolar articulada e complementar entre si, diversificando as ofertas educativas?

7. Por fim, e para sintetizar todas estas questões, que vantagens particulares (obviamente legítimas) pensam poder retirar desta parceria ou, colocando a questão de outra forma, qual o valor acrescentado que pretendem obter possibilitando e apoiando a intervenção de um agente externo à Escola no processo de formação dos vossos alunos?

Anexo 2 - Guião de Entrevista Semi-Estruturada (ESDIME)

Instituição: ESDIME

Entrevistados: Presidente / Sociólogo / Psicóloga

Tipo de Entrevista: Colectiva

Objectivo:

Apreender o significado, enquanto representações, do investimento na formação dos jovens, correlacionando-o com as perspectivas de desenvolvimento local através da dupla identificação do paradigma de promoção do desenvolvimento preconizado pela Agência e das razões que conferem significado à sua participação no contexto do Sistema Escolar.

Questões:

1. Como Agência para o Desenvolvimento Local a operar numa região específica têm, obviamente, um conhecimento profundo sobre a mesma. Daqui decorre a minha primeira questão:

Na vossa opinião quais os principais estrangulamentos e as principais possibilidades de desenvolvimento desta região?

2. Que lógica, ou lógicas, preside(m) à vossa intervenção nos processos de desenvolvimento?

3. Qual a vossa concepção do papel da formação na promoção do desenvolvimento?

4. Numa época em que os recursos humanos se mostram mais importantes do que nunca para o devir das economias e das próprias sociedades, a vossa intervenção nas Escolas procura responder a esta preocupação e simultaneamente contribuir para melhorar a qualidade da educação? Ou de uma forma mais sintética a vossa acção inscreve-se no binómio *educação/economia* ou, de forma mais integrada, na tripla relação *educação/democracia/cidadania*?

5. A vossa proposta de intervenção nas escolas, concretizada no projecto “À Descoberta da Vida Activa” foi aceite pelo universo das escolas contactadas. Na vossa opinião essa aceitação radicou em que factores: na essência do próprio projecto, na metodologia proposta, na necessidade das escolas encontrarem novos parceiros para responderem cabalmente aos problemas que se lhes colocam ...?

6. Da análise das acções programadas no vosso Projecto - essencialmente a Acção 3. “Actividades de aproximação à vida profissional” e a Acção 4. “Atendimento para a orientação vocacional e profissional” - perpassam duas ideias fundamentais: por um lado, a preocupação de levarem à prática modalidades de formação adaptadas ao público a que se destinam, contrariando a uniformização da formação escolarizada dominante; por outro, a ideia de assunção de um sistema de educação/formação capaz de responder aos desafios da mudança. Na vossa opinião quais as especificidades e particularidades da vossa acção formativa? E quais as competências necessárias aos jovens para intervirem na construção do futuro?

7. Propõe-se, o projecto, ao criar interfaces com outras instituições locais introduzir - ao nível da participação desses parceiros - uma coerência de conjunto na acção educativa. Podemos concluir que se perspectiva, deste modo, a emergência de políticas educativas integradas a nível local no quadro dos processos de desenvolvimento?

8. De que forma, ao longo destes três anos, têm sido, por vós, vivida esta parceria no meio educativo? Existem diferenças substanciais entre as escolas? Qual a vossa percepção do funcionamento das escolas? Como sentem “a crise de afirmação e desadequação [da escola] face à mudança e transformação a decorrer no mundo rural”?

9. Que vantagens particulares (obviamente legítimas) pensam poder retirar destas parcerias ou, colocando a questão de outra forma, qual o valor acrescentado que pretendem obter intervindo nas Escolas?

10. O presente projecto concebido e propostos por vós tem, na minha opinião, características inovadoras considerando o espectro de programas de patemariado sócio-educativo de que tenho conhecimento. Neste sentido, e para confirmar ou infirmar esta ideia, gostaria que me apontassem, na vossa perspectiva, as características essenciais deste projecto de formação-desenvolvimento e simultaneamente equacionassem a relação entre as vossas expectativas e as realidades que têm vindo a vivenciar nas Escolas.

11. E, por fim, qual o futuro deste projecto?

Anexo 3 - Ficha de Caracterização das Escolas

✧ Identificação:

Nome: _____

Morada: _____

✧ Características Físicas:

✓ Data de Construção: _____ / _____

✓ Início de Funcionamento: _____ / _____

✓ Espaços Interiores:

*Nº Salas Normais: _____

*Nº Salas Específicas: _____ Quais: Lab. Ciências Naturais
Lab C. Físico-Química
Informática
Ed. Visual
Ed. Tecnológica

*Outros Espaços:

Refeitório Bufete
Biblioteca Sala Professores
Polivalente Outras Quais? _____

✓ Relação Espaços / Necessidades:

Suficientes Insuficientes
Adequados Desadequados

✓ Relação Equipamentos / Necessidades

Suficientes Insuficientes
Adequados Desadequados

✓ Espaços Exteriores:

	Sim	Não
Conservados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Funcionais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

✧ Características Organizacionais:

✓ Modelo de Gestão: _____

✓ **Orgãos e Serviços Instituídos:**

* Conselho Directivo: Nomeado Eleito

* Conselho Pedagógico - composição:

- Presidente do C. Directivo
- Vice -Presidente C. Directivo
- Coordenador dos Directores de Turma
- 1 Delegado/Representante por Grupo Disciplinar
- 1 Delegado/Representante dos Alunos / Ano
- 1 Representante da Associação de Pais

* Conselho Pedagógico - secções:

- Secção de Formação
- Secção de Acomp. Apoios e Complementos Educativos
- Secção de Acompanhamento da Área- Escola
- Outras Quais? _____

✓ Associação de Estudantes: Sim Não

✓ Associação de Pais e Encarregados de Educação: Sim Não

✓ Projecto Educativo: Sim Não

Tema Aglutinador: _____

✓ Plano de Actividades: Sim Não

✧ **Recursos Humanos**

✓ **Pessoal Docente**

Quadro 1 - Relação do Pessoal Docente por categoria

Categoria	Nº	%
Professores do Quadro de Nomeação Definitiva		
Professores do Quadro de Zona Pedagógica		
Professores do Quadro de Nomeação Provisória		
Professores Provisórios Profissionalizados		
Professores Contratados com Habilitação Própria		
Professores Contratados com Habilitação Suficiente		
Professores Contratados com Habilitação Mínima		
Estagiários		
Total		

Quadro 2 – Estabilidade

Anos Consecutivos	Nº	%
2		
3		
4		
5 ou mais		
Total		

✓ PESSOAL NÃO DOCENTE

Pessoal Administrativo: Suficiente Insuficiente
 Pessoal Auxiliar: Suficiente Insuficiente
 Pessoal Operário: Suficiente Insuficiente

✓ ALUNOS

* Nº Total: _____ Cursos Diurnos: _____ C. Nocturnos: _____

* Residência: % Sede de Concelho _____ % Freguesias _____

* Distribuição:

2º Ciclo Ensino Básico Nº: _____
 3º Ciclo Ensino Básico Nº: _____
 Secundário Nº: _____

Quadro 3 - Relação do Número de Alunos e de Turmas por Ano

Anos de Escolaridade	Nº / Turmas	Nº / Alunos
5º Ano		
6º Ano		
7º Ano		
8º Ano		
9º Ano		
10º Ano		
11º Ano		
12º Ano		
Ensino Recorrente		
Total		

* Área(s) Opcional(is) - 3º Ciclo:

Educação Musical Francês Inglês Educação Tecnológica

* Agrupamentos Ensino Secundário

Agrupamento 1 - Científico-Natural (CSPOPE)
 Agrupamento 4 - Humanidades (CSPOPE)
 Agrupamento 3 - Económico-Social - Curso Tecnológico _____

* Actividades de Complemento Curricular:

Rádio: _____
 Jornal: _____
 Artes Plásticas: _____
 Artes Dramáticas: _____
 Informática: _____
 Ambiente / Ecologia: _____
 Desporto: _____
 Outros: _____

Observações:

Anexo 4 - Entrevista - Escola A

Data: 3 de Junho de 1997

Elementos Presentes: Vice-Presidente do Conselho Directivo ⇨ A; Director de Turma ⇨ B; Psicóloga Estagiária ⇨ C.

Duração: 100 minutos

Questões: vidé Anexo 1

Respostas:

1.

B ⇨ *O Projecto foi apresentado, pela ESDIME, ao então Conselho Directivo, o qual fez a sua análise e viu que era um projecto viável e que trazia vantagens para a comunidade escolar e para a comunidade local, num sentido lato, e neste sentido o C.D., como disse, aceitou. Levámos então a proposta para o C.P. que aceitou igualmente sem quaisquer reticências, tendo a Secção de Formação do C. P., juntamente com o Técnico da ESDIME, elaborado um plano de acções que posteriormente foi apresentado pelo grupo de trabalho ao C.P. e integrado no Projecto Educativo da Escola. Em termos da divulgação do Projecto, para além das vias normais dentro da Escola, aos alunos, até porque as acções são elas próprias veículos de divulgação do Projecto. Portanto passou a integrar o Projecto Educativo da Escola e divulgado enquanto tal. A população alvo foi fundamentalmente o 9º Ano mas também entraram outras turmas, nomeadamente do 10º Ano e também a turma do 12º Ano do Curso Tecnológico de Administração. Não houve uma divulgação especial do Projecto mas o Projecto integrou o Plano de Actividades desse Ano, e acima de tudo funcionou.*

1. (a)¹²³ - *Relativamente à divulgação: internamente na Escola foi feita via C.D. e também via coordenação do Conselho de Directores de Turma, visto que envolveu, essencialmente, D.T. do 9º Ano?*

B ⇨ *Houve, de facto, reuniões pontuais com os D.T. do 9º Ano, mas sobretudo vis C.D.. Aqui a coordenação de D.T. não teve o papel relevante que poderia ter tido, por circunstancialismos específicos....*

1. (b) - *Isso foi no ano de introdução do Projecto na Escola. E este ano lectivo, qual foi o processo utilizado?*

A ⇨ *Foi também via Conselho Directivo. Foi, pelo C.D., marcada uma primeira reunião com os D.T. do 9º Ano. Portanto, reunimos com os D.T., a Psicóloga da ESDIME como responsável do Projecto apresentou-o aos D.T., foi-lhes dito o que se pretendia fazer ao longo do ano. Nessa mesma reunião marcámos uma ida a cada uma das turmas do 9º Ano, e nessa reunião, na sala de aula, ao mesmo tempo que apresentámos o programa aos alunos enviámos uma carta a cada E.E. dando-lhe conhecimento do Projecto e solicitando autorização para a participação do seu educando nas acções programadas, nomeadamente na Orientação Vocacional.*

¹²³ As questões referenciadas com letras minúsculas, foram questões não previamente pensadas mas que entendemos como pertinentes formular no decurso da entrevista, a fim de coligirmos a maior quantidade de informação possível.

B ⇨ *Resta acrescentar que o ano passado houve uma interpenetração de facto, a parceria com a ESDIME não se ficou pela ESDIME foi também alargada, nomeadamente, à Somincor. Este ano, para além da Técnica da ESDIME tivemos também os estagiários de psicologia, que de alguma forma é a introdução de outro parceiro aqui nesta parceria, e que em termos globais correu tudo bem.*

A questão da Orientação Vocacional. O nosso programa, o ano passado, ia muito mais além que a orientação vocacional. Eu diria que a Orientação Vocacional foi para nós uma porta de entrada mas a nossa perspectiva foi sempre virada para a abertura da Escola à comunidade e por aceitarmos o princípio que o espaço educativo não é só a escola mas toda a comunidade é ela em si um espaço educativo, isto é numa perspectiva de realocização da acção educativa. Portanto, não há aqui só esse carácter usufrutário, se quisermos, em termos de orientação vocacional barata, mas sim uma perspectiva mais ampla de ligar a escola ao meio, de estabelecer inter-relações e por outro lado potenciar os recursos endógenos da própria comunidade e inserir os jovens ao máximo no próprio meio em que estão e alertá-los, já que os programas são iguais de Norte a Sul e há uma tendência, de certa forma, de não reflectir sobre o meio envolvente. E a ESDIME como Agência de Desenvolvimento Local, quando nos apresentou o projecto mostrou uma perspectiva alargada e integradora a esse nível.

2.

B ⇨ *Parece-nos já ter respondido em parte a essa questão. Todavia e relativamente à metodologia proposta pela ESDIME, concordámos na medida em que sentimos que eles não vinham impor nada, antes pelo contrário, sentimos haver da parte deles uma grande abertura para podermos vir a desenvolver um trabalho em conjunto.*

3.

B ⇨ *Há aqui hierarquias diferentes. Eu julgo que, em relação aos alunos do 9º Ano, aderiram bem, tanto o ano passado como este ano. Claro que não havia uma tradição de orientação profissional na Escola, isso era novo, as pessoas estavam muito viradas para os célebres vocacionais e só hoje as pessoas começam a entender que esta abre perspectivas mas que não é nenhuma varinha mágica, não há qualquer magia nem conto de fadas... e julgo que nesse sentido o projecto tem ganho visibilidade, tanto o ano passado como este ano, e ainda por cima este ano com uma técnica localizada, a tempo quase que inteiro na Escola, este abriu muito mais, houve mais movimentação, o ano passado houve mais dificuldades... Os alunos aderiram bem e as conversas com profissionais correram muito bem, os alunos gostam de lá ir e questionam, e por outro lado, as próprias conversas com Escolas Profissionais tanto o ano passado como este ano os alunos aderiram massivamente. Os professores, eu diria, que são uma classe que normalmente oferece alguma resistência à mudança, não é, em vez de a potenciar, julgo que essa resistência à mudança é muitas vezes feita pelo excesso de trabalho que as pessoas têm, não que elas não queiram participar. Por outro, os E. E. que foram informados daquilo que se passava e que poderiam vir muito mais à Escola do que aquilo que vieram. Sobre o corrente ano lectivo talvez a S. (psicóloga estagiária) possa ser mais precisa...*

C ⇨ *Tal como disse o Professor de facto, se calhar não existe, a tradição da Orientação Vocacional da há vários anos ou mesmo de começar mais cedo, porque há escolas que começam desde o 7º Ano, e de facto, parece-me um bocado que há aquela ideia que diz que através dos testes o menino vai, os resultados dizem, que vai ter de seguir isto ou aquela área ou outra. Acho que havia meninos a pensar isto... que nós olhávamos para a cara deles e depois de duas ou três sessões dizermos que ele vai ser isto ou aquilo... Entretanto tentamos sempre trabalhar isso, de trabalhar com eles no sentido de se conhecerem a si próprios, as suas capacidades, os seus interesses, características de personalidade... e de facto acho que eles, no final, entenderam o que é que se pretendia, que nós não estávamos ali para lhes dizer o que é que deveriam ser mas para os ajudar no processo do auto-conhecimento.*

3. (c) - Neste ano lectivo, como funcionou o Projecto? Houve apoios e trabalho conjunto com os professores das turmas, houve com os D.T., ou pelo contrário este Projecto ficou um pouco adjacente ao funcionamento normal da Escola?

C ⇒ *Sinceramente eu acho que sim. Porque, mais uma vez, de facto, os professores estão sobrecarregados de trabalho e ao nível dos professores do 9º Ano os D.T. foram os únicos a preocupar-se. Deveria, penso eu, haver mais empenho por parte dos outros professores porque se o D.T. é o mais responsável pela turma mas os outros professores também o são. E se o 9º Ano é um ano de transição se calhar os professores deviam preocupar-se mais e falar com os alunos sobre estas questões.... Eu acho que o Projecto foi qualquer coisa que ficou um tanto ou quanto "exterior" à própria dinâmica da Escola... No C.D. tivemos todo o apoio, sem dúvida, mas não houve uma implicação que deveria haver por parte dos professores e inclusive, por parte do C.D., que facilitou a realização de todas as tarefas mas não senti uma verdadeira implicação...*

B ⇒ *A questão é esta. Este C.D. teve uma constituição, muito especial e tardia. E de certa forma é como a S. diz. Portanto, quer o C.D. quer também a própria coordenação dos D.T. onde estas questões deviam ser debatidas e apoiadas no terreno, sobretudo o último, o Coordenador, tem uma visão muito restrita do próprio exercício do cargo. Ora se nós tivermos à frente das escolas pessoas com visões restritivas ou normativistas, de fazer só aquilo que é prescrito no D. R., têm uma visão, necessariamente, limitada não só deste projecto como da própria Escola e da própria educação e isso, infelizmente, ainda acontece. Os projectos, e este caso, têm muitas potencialidades... e este ano que tínhamos uma estagiária de Psicologia quase a tempo inteiro, e julgo que esse recurso, não foi - apesar de ter feito um trabalho com bastante visibilidade - poderia, eventualmente, ido mais além, embora o trabalho das estagiárias não se limitasse a este Projecto mas tivesse um campo muito mais vasto. De qualquer forma, em termos globais o Projecto acaba por se fazer sentir na Escola e de facto, como a S. diz, os D.T. e os alunos, no terreno, sentiram-no. A estrutura aqui e além foi tocada pelo Projecto; há mudanças mas a dimensão dessas mudanças é sempre difícil de avaliar, porque na prática, se quatro turmas, perto de cem alunos são tocados, significa que o Projecto esteve no terreno e houve uma grande mobilização, e mesmo alunos que não tiveram Orientação Vocacional foram às Conversas com Profissionais, estiveram e participaram na Feira das Profissões...*

C ⇒ *Em 104 alunos do 9º Ano 86 inscritos num programa de Orientação Vocacional é de facto uma percentagem elevadíssima....*

4.

B ⇒ *A nossa Escola, de uma forma geral, sempre esteve muito aberta à comunidade, se calhar, é melhor dizer que a comunidade sempre se serviu muito da Escola, nomeadamente das suas instalações, e é entendida a Escola como mais um recurso da comunidade A Escola, sempre, antes deste projecto e com este projecto, procurou estabelecer relações com outros intervenientes, através deste Projecto, mais o ano passado do que este ano, com a Somincor que é a empresa de maior dimensão local, e com profissionais de amplos sectores de actividades, desde empresas de serviços a oficinas, serviços do Estado, e essa ligação tanto do meio local como da região, no âmbito das Conversas com Profissionais... A outro nível, a Escola tem como parceiros preferenciais, eu diria que há parceiros institucionais, nomeadamente, as autarquias, a Associação de Pais, para além dos órgãos do Ministério, e por outro lado têm-se afirmado a nossa relação com o ténue mundo empresarial que é sempre bastante limitado, com clubes, portanto, o meio não tem muitos recursos e é também um pouco limitado. A Escola, volto a frizar, sempre esteve aberta à comunidade, com os agentes exteriores há uma tendência a reforçar as relações*

4. (d) - A minha questão prendia-se fundamentalmente com isto: até este Projecto as instituições exteriores funcionavam um pouco como recurso. Um dos objectivos deste Projecto era o estabelecimento de interfaces com outras entidades no sentido de trabalhar em conjunto. Vocês acham que por via deste Projecto, e embora tenha existido aqui sempre um clima de abertura à comunidade como foi referido, ainda foi mais fácil o estabelecimento dessas parcerias?

B ⇒ *O Projecto permitiu alargar o leque de contactos com a comunidade. Mas parcerias de facto, que localmente se sinta que a educação é obra de todos, que todos os espaços são educativos, que o mundo empresarial local, as diversas instituições, portanto toda a comunidade, de facto, dê as mãos para potenciar mais a educação, ainda estamos numa fase bastante embrionária. Quando se fala de Conselhos Locais de Educação, ainda estamos relativamente longe. Aliás, o que acontece, é que os próprios órgãos do Ministério... ou a Escola, localmente, é capaz de potenciar essas relações e impô-las no terreno, ou estamos à espera de algum decreto que, entre aspas, imponha essa orientação. É que as Escolas estão montadas para funcionar de uma determinada forma, as pessoas estão demasiado dependentes daquilo que os órgãos do Ministério hierarquizados, de certa forma, impõem às escolas, e continua-se... eu diria que a autonomia das Escolas continua a ser bastante relativa, e localmente, as pessoas vêm as Escolas ainda muito isoladas, umas em relação a outras, e isoladas da comunidade, se bem que, eu diria, se estão a abrir interfaces de comunicação. Talvez este Projecto tenha de facto dado uma certa abertura, mas eu temo - isto parece como aquela questão dos incentivos - que a acção acaba quando acaba o incentivo. Receio que de facto não tenha havido transformações qualitativas relativamente profundas que nos levem a encarar este Projecto e outros com mais optimismo se bem que o princípio das coisas vai no sentido da integração e da globalização da acção educativa.*

4. (e) - Relativamente ao C.D., este ano, nas relações com a autarquia a Escola funcionou, por vezes, como recurso da autarquia - no caso de empréstimo de espaços-simultaneamente a escolha solicita recursos à autarquia. Existe ou existiu este ano, alguma continuidade de diálogo no sentido de desenvolver actividades em conjunto? Ou seja, nas diferentes realizações culturais e educativas efectuadas pela autarquia, foi solicitada a colaboração da Escola? A que níveis?

A ⇒ *Efectivamente, parece-me, que houve alguma aproximação entre a Escola e a Câmara, como parceira, ou seja, nomeadamente com o grupo de História, como vocês sabem, foi integrado, na quinzena cultural, o Projecto Serão na Corte de D. João III, tendo em conta o diálogo estabelecido entre o grupo e a Autarquia. Relativamente a outras actividades, e no curto espaço de tempo que aqui estive, não houve grande aproximação entre a Câmara e a Escola, mas também penso que aí a culpa não foi só da Câmara, a própria Escola, se calhar, não tomou medidas no sentido dessa aproximação, ou seja no sentido de haver de facto uma cooperação, uma maior colaboração de alguns professores, penso que também terá sido isto... houve por exemplo grande colaboração com o grupo do Desporto Escolar... Como tu disseste há bocado houve grande colaboração na cedência de transporte, mas fica por aí... Há outras entidades locais com as quais tivemos grande colaboração. p. ex. o Futebol Clube Castrense, em que apesar de não haver parceria houve igualmente colaboração. p. ex. na cedência igualmente de transporte - e falamos sempre de transporte porque é aquilo que mais nos afecta a nível das Visitas de Estudo; o Centro de Saúde igualmente, eu penso que é dos pólos mais importantes com o qual devemos estabelecer uma parceria. Eu penso que aí, os enfermeiros vieram à Escola, falaram, mas eu penso, que não pode passar só por isso. Eu penso que é fundamental que se estabeleça de facto uma colaboração no sentido de estabelecermos planos em conjunto, como é que o Centro de Saúde virá à Escola, como é que nós iremos ao Centro de Saúde, e programarmos acções conjuntas a dinamizar na Escola. Acho que é dos pólos mais importantes para estabelecer parcerias. Até mesmo com outras entidades locais,*

nomeadamente de carácter financeiro, penso na C.G.D., nos institutos financeiros, nós podemos também estabelecer parcerias porque se elas são realidades locais e se nós conseguirmos fazer um plano, que o nosso Projecto Educativo as englobe, elas sentem-se também co-responsabilizadas e colaborantes com a Escola. A autonomia da Escola tem de ser criada e criámo-la desta forma. Imagina, desta forma, e isto pode ser utópico, p. ex. quer a Caixa quer o Banco nos diz: nós colaboramos com vocês e até vos damos um subsídio desta ordem, de alguma forma palpável, isto faz-nos ter uma autonomia muito maior naturalmente porque a autonomia também passa pelo sistema financeiro, nós temos de ter recursos...

B ⇒ E responsabiliza. Outro aspecto também ao nível das instituições, este ano não houve muita colaboração mas ao longo dos anos temos tido óptimas relações com a CORTIÇOL. Aliás, foi através de uma parceria entre Escola com a CORTIÇOL que conduziu à descoberta das lucernas e houve um curso formação em arqueologia. Eu distingo, nestas coisas... no fundo parcerias informais até vamos tendo, no fundo aqueles interfaces que houve no passado. Agora mais formalizadas, ou parcerias formais, é que não são muitas ainda... O que interessa é que existem cada vez mais elos de ligação à comunidade e isso é bastante bom. Agora, a própria comunidade, nomeadamente a própria Câmara tem de ver na Escola mais um parceiro, ou um parceiro preferencial pela importância que temos na comunidade local, acho que ainda existe muita concepção do dá-me eu dou-te.... Julgo que a Câmara através do seus Serviços sócio-culturais até tem diversificado e não sei se têm, entre aspas, concorrido, ou não, com a Escola, mas julgo que a dinâmica futura tem de haver uma colaboração mais institucionalizada, porque a Escola também tem bons "produtos" para fornecer à comunidade, assim nós Escola, assim Câmara e assim outras instituições tenham a capacidade de dar o salto em frente e ir mais além. Nós temos grandes contactos com uma série de instituições...

A ⇒ Sabes? De repente lembrei-me por estarmos aqui a falar em parceiros, e eu penso que é uma lacuna muito grande... eu penso que devíamos funcionar sempre em permanente ligação com as outras escolas da realidade local. E isto não existe. Esta escola é estanque. A Escola EB2 é estanque. Todas elas funcionam per si. E penso que isto é extremamente mau. Eu não defendo de maneira nenhuma as Escolas básicas integradas, de maneira nenhuma, há uma tendência nesse sentido mas eu sou totalmente contra. No entanto, isto não invalida que as escolas tentem comunicar umas com as outras e se estabeleçam contactos no sentido de desenvolver acções integradas, isso sim, o que me parece que não existe em lado nenhum, não há um mínimo de comunicação, antes pelo contrário, há um estrangulamento completo... era fundamental que se estabelecesse uma comunicação e pode partir de nós naturalmente no sentido de nós tentarmos fazer acções integradas...

B ⇒ Nomeadamente o ano passado tivemos óptimas relações com o Jardim de Infância e que foi alargado, naquele projecto de "De Pequenino se Aprende a Tratar o Lixinho", um projecto integrador que conseguimos ligar os jardins de infância, uma ou outra turma do 1º ciclo e a nossa Escola. Mas, em larga medida, a iniciativa pertenceu-nos sempre. O ano passado perspectivaram-se algumas ligações com o 2º ciclo, mas parece que este ano que, julgo, não da nossa parte, mas da parte deles, afastaram-se, isolaram-se, quando julgo que o sentido das coisas portanto, nós não podemos estabelecer parcerias com outras instituições se as próprias escolas se ignorarem umas às outras. De facto, é curioso termos óptimas relações com o pré-escolar e com os outros níveis não. Com a própria Biblioteca Municipal temos alguns contactos, agora, o que eu julgo destas coisas, é que aquilo que é feito localmente, com recursos locais, deve servir melhor toda a comunidade. O que acontece é que nós temos aqui uma qualquer acção de formação que é mal divulgada na comunidade. Ou então, o timing melhor para nós não é para as outras instituições, e nestas passa-se o mesmo. Se não houver, de facto, um órgão que coordene algumas destas actividades acaba por haver muito trabalho, muitas acções, muita diversificação e o seu efeito, não é, acaba por ser bastante reduzido...

A ⇨ *E isso também, como tu dizes, as acções acabam por ser divulgadas, mas, se calhar, não são pelos órgãos próprios, não sei; se houver uma boa comunicação entre nós e a Escola EB2, p. ex., em que a divulgação não passe do placard da Biblioteca ou da Sala de Professores, mas passe pelo órgão de gestão e que leva a divulgar aos vários grupos, se calhar as pessoas funcionariam de uma outra forma que não só através do papel... Nós próprios, na nossa própria Escola, verificamos isso... acções que aqui foram feitas, com bastante interesse e aparecem "três gatos pingados", que é assim mesmo... se calhar a culpa também é nossa e a divulgação não é feita como deve ser, dada a falta de comunicação que existe e temos de ir por outras vias, se calhar até caso a caso, as pessoas precisam ser um bocado picadas...*

[No fundo, e para vocês, um dos grandes problemas das escolas tem a ver com os sistemas de informação. A comunicação da informação é extremamente difícil e, com tal, muitas vezes há acções que se fazem e actividades que se desenvolvem que não são do conhecimento interno da própria Escola. Voltaremos, provavelmente, a esta problemática de toda a maneira vamos para a questão seguinte.]

5.

B ⇨ *Eu julgo que não... de facto, a orientação vocacional funcionou como mais um projecto...*

A ⇨ *Eu percebo onde tu queres chegar ...mas penso que não. Seria muito bom que dissessemos que sim, mas o Projecto existe só há dois anos, e este ano mais aprofundadamente na orientação vocacional... Efectivamente, a questão é esta: as práticas utilizadas na orientação vocacional - não é por acaso que os miúdos gostam de ir à orientação vocacional e não a entendem, naturalmente, como mais uma aula e vão por livre vontade - são, de facto, métodos utilizados completamente diferentes e que se calhar seriam os ideais se utilizados na sala de aula, mas tal não se passa efectivamente; e se calhar se o miúdo chegar a um colega nosso e disser que na orientação se trabalha desta maneira, o nosso colega é capaz de considerar isso como uma afronta do miúdo... Nesta óptica não me parece, isso na minha opinião, as práticas tidas na orientação vocacional não tiveram reflexos na casa de aula...*

B ⇨ *Julgo que até que tem existido um certo divórcio entre o que se passa na orientação vocacional e o que se passa na sala de aula e o que se passa também a nível da área-escola. Falta aqui uma interligação... o que não significa que dentro da sala de aula se não utilizem metodologias activas, não é?... Tu sugeres uma imputação na sala de aula, em sentido restrito, daquilo que se passa na orientação vocacional e isso acho que não existe... o drama do nosso ensino é que essas metodologias activas mais atraentes muitas vezes não passam do plano das intenções, quer nas reformas quer na área-escola. No fundo um dos motivos da área-escola é que ela obrigaria a que as pessoas trabalhassem de outra forma e como não querem trabalhar de outra forma, oferecem resistência, no fundo acabam por condicionar fortemente não só a área-escola como todos os projectos inovadores ... acabam por ser condenados, ou as pessoas sentem isso ou não...*

5. (f) - Falam em resistência. Será que as pessoas são intrinsecamente resistentes a coisas novas, ou pelo contrário será que não há dinâmicas dentro da Escola que leve efectivamente ao envolvimento efectivo e afectivo das pessoas para criarem essas mudanças e serem eles próprios actores dessas mudanças?

A ⇨ *As pessoas são efectivamente muito resistentes à mudança. As mudanças fazem-se mudando também a maneira de pensar das pessoas, naturalmente. Mas isso leva tempo e não se faz, naturalmente, em dois anos... Estava aqui a pensar que nós não temos autonomia por exemplo de levar a S., como psicóloga, a uma reunião de avaliação. Ela é um elemento estranho à reunião apesar de ter acompanhado os miúdos. Até que ponto isso não seria*

fundamental e determinante que numa reunião de avaliação, de final de ano ou não, se ouvisse a opinião da psicóloga. Sabes perfeitamente, se isso acontecesse - legalmente isso não nos é permitido - mas se acontecesse o próprio conselho de turma vê-la-ia como um elemento estranho - e até que ponto atenderia aquilo que diria?- porque de certeza as opiniões iriam contra a do professor que deu a matéria durante o ano lectivo, e daqui começa a haver a tal clivagem entre a orientação vocacional e o papel assumido pelo professor...

5. (g) - Será que os professores são formados para dar matérias ou são formados para fazer crescer as pessoas dos alunos?

B ⇨ *Eu diria que há duas coisas... quer nós queiramos ou não a pressão de dar as matérias existe e as pessoas ainda que muitas vezes digam que não estão preocupados em dar a matéria na prática acabam por reflectir que têm de dar a matéria... O quadro axiológico não vai colidir necessariamente com o dar mais ou menos matéria, pode-se dar mais matéria utilizando várias metodologias e desenvolvendo valores à mesma... Agora o que eu acho é que pende sobre o trabalho do professor uma enorme pressão não só a nível institucional como da própria comunidade no sentido do professor dar matéria ... o professor x só deu y páginas... e isto lê fora em termos de visibilidade social é negativo ... os pais acham no fundo que o professor não desenvolveu competências ... o que eu digo que a pressão institucional, da comunicação social, dos pais, que o professor dê a matéria, é enorme... Acho que o dar matéria e desenvolver competências não é incompatível; é, pelo contrário, integrador. Pode-se dar mais ou menos matéria, mas também depende de disciplina para disciplina e varia de ano para ano, por exemplo no complementar se matéria não é leccionada os alunos chegam, eu diria, amputados ao 12º ano. Isto é uma questão. Para mim a educação para os valores e para a cidadania e a quantidade de matéria leccionada não tem uma relação directa... pode-se dar pouca matéria e o resto ser também ignorado e pode-se dar mais matéria e fazer-se uma aprendizagem de valores... A outra questão em relação à presença dos psicólogos no C.T. um dos pressupostos deste estágio era que eles lá fossem... Eles poderiam ser ouvidos... agora nos próprios C.T. existe aquele corporativismo restrito a que estamos habituados... os C.T. são pouco conselho ou mesmo nada e se muitas vezes os professores, por comodismo - porque muitas vezes não se querem expôr - não entram no domínio do outro colega porque também não quer que entrem no seu.... é um pouco isto... e isto aprende-se...*

5. (h) - Tem a ver com as práticas pouco colaborativas ao nível da escola, tem a ver com a visão disciplinar e atomizada do próprio ensino?

B ⇨ *Tem, mas isto é uma coisa gira. E isto está a mudar. Nesta escola está a mudar. Cada vez há mais colaboração...mas, para acabar, se não querem que o professor a, b, ou c opine sobre a sua disciplina como hão-de quer lá a psicóloga? E um dado curioso este ano nesta escola - nos anos anteriores era frequentemente referido a falta de psicólogo - e agora chegaram os psicólogos à Escola e parece que os problemas acabaram....*

5. (i) - De toda a forma gostaria de voltar à questão: vocês acham que as problemáticas do meio se integram dentro do processo ensino/aprendizagem da Escola quer na sua vertente disciplinar quer na vertente de complementos curriculares?

A ⇨ *Eu penso que é difícil dissociar as problemáticas do meio das problemáticas do país. É difícil. E nessa medida as problemáticas do meio estão inseridas nas actividades de complemento curricular e nas áreas-escola. Em actividades disciplinares eu penso que não, penso que é difícil dada a obrigação de cumprirmos os programas... como é que vamos implementar outros temas senão aqueles que lá vêm? Os currículos, de alguma forma, não são assim tão abertos como isso e nós não temos possibilidades de implementar outras coisas...isso seria muito complicado....agora, quando de facto nós tentamos meter de alguma forma os "Percursores" - o tema do nosso P.E. - naturalmente que esse tema permite englobar tudo aquilo*

que nós queiramos, e isso sim é perfeitamente possível que no tema da área-escola se introduzam realidades locais que são igualmente características do país inteiro e trazê-las para a realidade escola e penso que isto está a ser feito...

B ⇒ Agora o que muitas vezes também não temos são recursos suficientes. Por exemplo se a um certo nível podes tratar, no 7º Ano ou no 10º ano, problemáticas sobre a presença de outros povos na nossa região, mas, e por ex., o trabalho de Projecto que se propõe fazer no programa de História do 11º Ano, para a época Moderna, o que é que, concretamente, se tem no meio já preparado para estes alunos?

Mas a tua questão, e independentemente de uma abordagem geral do meio, prende-se penso eu, com o seguinte: o Projecto da ESDLME, segundo me parece, tem como fim último que os alunos tomem conhecimento da realidade em que vivem, para que gostem dessa realidade e para que vejam as potencialidades endógenas dessa mesma realidade estancando, deste modo, a sangria que, sobre o ponto de vista de recursos humanos temos, vindo a conhecer nas últimas décadas. Eu diria que é importante que os alunos conheçam a realidade local para que a sintam e consigam engendrar projectos de vida que os não leve a abandonar este local. Para isso há que dar visibilidade ao meio. E a Escola tem um papel fundamental aí. O que me parece que muitas vezes acontece é para além de todas as dificuldades de termos de cumprir um currículo que não tem uma componente local, também muitas vezes as pessoas que estão dentro das escolas também elas próprias não conhecem o meio em que estão e daí é extremamente difícil dar conhecimento aos alunos da realidade local no sentido de os envolver localmente....

A questão que também foi levantada à bocado e que agora também tenho de referir.... Não podemos esquecer que há uns anos a esta parte - e a maior parte dos professores que aqui estão já estavam no sistema - os professores foram bombardeados pela questão da Reforma, que foi uma reforma decretada e inacabada, mas em que algumas pessoas até procuraram inovar e que neste momento estamos no meio de outra reforma, ou estamos a reformar a reforma e eu julgo que esta instabilidade se reflecte ao nível da organização da própria escola e ao nível das práticas lectivas. No fundo está-se à procura de qualquer coisa ... se bem que nós em educação devemos estar sempre... senão temos a capacidade de ir à frente e de inovar pelo menos devemos acompanhar as mudanças de uma forma crítica e nunca de uma forma obediente, entre aspas, mas o que é verdade é que as diversas reformas- a outra que ainda não acabou e que agora já se está a reformar - se reflecte ao nível de toda esta organização... Mesmo sabendo para onde queremos ir, continuamos sempre sem saber bem qual o caminho a tomar...

[Mas a mudança passa exactamente pela imprevisibilidade...]

B ⇒ Isso é como a comida. sal q.b. (quanto baste)... Depende dos gostos. Este elemento é extremamente importante.... e o facto que falávamos à pouco de inserção no local. Essa é uma tarefa local de todos... quando um miúdo vai investigar qualquer coisa do meio, seja qual for o nível de ensino, no fundo a comunidade tem de estar apta a receber.... que o miúdo vá perguntar o preço da fruta ou a qualidade dos feijões isso tem de ser entendido pela comunidade ... não como uns miúdos que vem questionar coisas incómodas... algumas até gostam de colaborar mas nem sempre isso acontece.... eu diria que tem de haver um processo de amadurecimento da própria comunidade, obviamente que o corpo docente, dos outros funcionários que também fazem muita falta às escolas - e muitas vezes os ignoramos e uma boa ou má aula também depende deles - portanto, os outros recursos materiais que também temos na Escola contribui para... É claro que obviamente se os professores, quer sejam de dentro ou de fora, quer o corpo docente seja estável ou menos estável. tudo isso é para mim relativo... tenho visto ótimo trabalho de professores que passam por aqui um ano e que se integram bem e talvez outros professores, da casa, cansados, rotinizados, talvez por passarem por uma série

de processos vão-se encostando... ou aqueles que conseguem cá estar uma série de anos e que não passaram por qualquer processo e que precocemente envelheceram...

A ⇨ *Ainda nessa questão. Nós, e toda a comunidade, temos obrigação de mostrar a realidade aos miúdos. Mas até que ponto isso não é perigoso, nesta realidade que nós temos, nesta comunidade de (...)? Porque nós também não temos assim tantas coisas... neste momento temos a Somincor que é uma realidade empresarial que estará mais não sei quantos anos e acabou, não é, e que perspectivas de trabalho existem aqui? Será que mostrando essa realidade aos miúdos isso não levará a que eles tentem enveredar por percursos que não conseguem aqui? Isto é um facto... Temos muito pouca coisa e os miúdos ao constatarem aquilo que existe se calhar vão tentar eles arranjar cursos que lhe possibilitem a fuga daquilo que aqui não existe.... e portanto não vejo que mostrar esta realidade seja tão útil assim para os miúdos...*

[Eu penso que mostrar a realidade no sentido das potencialidades existentes: eles próprios podem ser factores de desenvolvimento... são poucas as potencialidades mas se eles não tiverem conhecimento delas, se nós continuarmos a deixá-los desenvolver um conjunto de estereótipos como têm vindo a fazer, aí então cada vez temos um Alentejo mais desertificado...].

A ⇨ *Pois talvez... mas eu estou um pouco pessimista... Daqui a dez anos o que é que nós temos aqui?*

B ⇨ *É importante dar a conhecer o que existe... é importante, sem frustrar as expectativas dos alunos e dos nossos jovens... O nosso processo educativo não pode, de forma alguma, coartar as escolhas dos alunos, não pode limitar os seus horizontes e talvez o drama destas regiões periféricas é que no fundo se faz um grande investimento local que acaba por servir não o desenvolvimento da comunidade local, para a potencialização dos recursos locais, mas acabamos por formar parte dos quadros que vão desenvolver as zonas por si mais desenvolvidas...o drama das regiões do interior é esse: é que os nossos melhores alunos acabam por se fixar longe daqui e muitas vezes os que aqui ficam ou não tiveram outra hipótese de ir embora ou não são os melhores quadros... e assim esta sangria do interior para o litoral... e isto não é uma questão de quilómetros, pode se estar perto de Lisboa e ser-se interior... a questão dos quilómetros é a questão da interioridade que para mim é uma falsa questão porque somos um país todo litoral... no fundo, no meu ponto de vista, o combate às assimetrias deve ser visto e assumido pelas comunidades locais e exigirem o que têm direito, independentemente de quem esteja no governo central ou nas autarquias...*

[Mas repara, quando falamos nesta formação pelo local e no local passa também, e essencialmente, pela necessidade da mudança: é a formação para a mudança. Dentro da imprevisibilidade toda do nosso mundo, aquilo que é uma constante é a mudança. Hoje já não se formam os jovens para desenvolverem a mesma profissão durante toda a vida. Eles vão ter de ser formados para poderem encarar essa mudança, para poderem desenvolver aquilo que é a multifuncionalidade de um técnico ou um quadro hoje. Dentro deste contexto local consideram importante que a Escola possa dar esta perspectiva aos jovens, dentro do local mas simultaneamente no espaço global, desenvolvendo as competências necessárias para viverem neste mundo em constante mutabilidade?]

C ⇨ *Penso que nós tentámos... quer dizer, no início - nós também tínhamos previsto uma coisa diferente no programa Orientação Vocacional - talvez muitas fichinhas, muitas coisas... tudo devido à inexperiência e não saber como se construíam e por isso o aproveitar o que já há feito... mas ao longo das sessões nós fomos apercebendo que este material não tinha grande sentido... que o falar com os alunos seria benéfico para eles e depois, sentindo essa preocupação, abordámos essas questões... a questão de profissão que já era... o pensar*

uma profissão mas mostrar que se fazem outras coisas...Nós procurámos isso... Os alunos falavam, questionavam... E uma das questões que no primeiro questionário que lhe passámos solicitava a sua opinião se pretendia ficar a trabalhar no local onde vivia e todos eles disseram que não porque não há trabalho, as ofertas são escassas, queremos conhecer outras coisas... e isso eles todos foram unânimes em dizer..

B ⇨ *Ou seja eles têm consciência dos constrangimentos do desenvolvimento local... Mas uma questão... como aquele meu amigo dizia: nós não podemos confundir a cultura com a agricultura (isto na altura em que a agricultura ainda dava alguma coisa!) e então é isto: este trabalho que agora está aqui a ser feito poderá a vir só a ter influência daqui a uns anos. Passa por isto: hoje os jovens saem daqui, obviamente que eles vão tirar os cursos foram. O bom é que eles tirados os cursos tivessem vontade de regressar e que tivessem a capacidade de engendrar processos inovadores e que a sociedade local também os soubesse receber... o que é que acontece: temos médicos daqui que estão noutras terras, temos economistas daqui que estão noutros sítios... porque o que acontece é virem para aqui e se encostarem ao aparelho do estado porque não há mais nada.... Julgo que uma das virtudes que talvez não tenhamos ainda visto neste processo, é que, efectivamente, esta formação que agora é dada se poderá reflectir no futuro? eu. por ex. conheço uma série de alunos daqui em Serviço Social e se calhar, a perspectiva que têm é tirar o curso e arranjar emprego para, ponto nº um, garantir a sobrevivência. Quando hoje, eu digo-lhes, porque não pensam em lançar um centro de acolhimento para idosos, p. ex., isso faz falta e é uma actividade económica... Quando temos uma instituição deste género isso não é só tem um papel relevante socialmente como também é uma actividade económica... Esta perspectiva, penso eu, que não é equacionado por quem está a tirar os cursos... fá-lo para arranjar emprego e não para criar o seu próprio emprego...*

C ⇨ *Isso tem a ver com... os alunos tem à partida a ideia que até ao 12º ano ficam aqui e depois vou-me embora.... eu quero sair porque aqui não há nada... Não me passa pela cabeça ficar cá- dizem.... É linear: para eles aqui não há nada...*

A ⇨ *Mas isso também é normal e aconteceu a todos nós... aos 16, 17 anos todos querem ir embora, sair de casa dos pais, querem ser independentes... é próprio da idade. Mas então aí eu penso que a I. têm razão ao dizer que cabe a nós mostrar o que há. Eu há bocado dizia que não há muito e corremos o risco de mostrando o que existe de os frustrar, mas então, cabe-nos mostrar que eles não tem razão...não existe muito mas existe alguma coisa...que dará para alguns...*

6.

B ⇨ *Pelo que foi dito, sim, mas não só esta. Esta parceria é de facto a mais formal... mas esta parceria juntamente a outras e juntamente à capacidade que a própria Escola tiver de se abrir à comunidade, poderá....*

A ⇨ *Esta parceria poderá ajudar mas não é suficiente...Partir para parcerias a nível local, sim senhor e fazer projectos deste género mas muito mais envolventes...*

6. (j) - *Vocês acham no fundo que a escola se não abrir à comunidade, se não estabelecer inter-relações com a comunidade local, ela dificilmente poderá alterar estas práticas rotineiras e uniformes de que falámos anteriormente?*

A ⇨ *Eu penso que a Escola ainda é um pólo pouco aberto. Ainda é. Se nós conseguirmos de facto estabelecer parcerias com diversas entidades, de alguma maneira conseguimos que a Escola vá mudando, embora lentamente, mas que as pessoas também vão percebendo essa mudança, eu penso que sim...*

B ⇒ *O quadro legal, como disse anteriormente, está em plena mutação. Julgo que hoje a discussão é tanta - ainda há pouco o despacho sobre os Conselhos Directivos, etc,... - o quadro legal está sistematicamente a ser ultrapassado que mais não seja pela própria via legislativa. Nós às tantas já não sabemos bem qual é o quadro legal... Por outro lado, as escolas ou qualquer outra instituição sabe que o quadro legal está sempre a ser ultrapassado pelas práticas... as práticas são sempre inovadoras ... o que não quer dizer que o quadro legal não seja ele também inovador, por vezes.... o problema é quando dizemos que as pessoas são resistentes, não mudam, é porque há um desenquadramento, o quadro legal é mais aberto e as pessoas têm tendência em fechar... Agora, nesta Escola, que continuo a dizer, se calhar é das Escolas mais abertas à comunidade que eu conheço, nunca tivemos grandes problemas em ultrapassar o quadro legal, nomeadamente nesta parceria... Eu sei que houve uma certa incapacidade da Direcção Regional, não souberam lidar com isto... a ESDIME foi lá, nós falámos aqui... isto é: o quadro legal é assim: se as coisas correrem bem, tudo bem, se as coisas correrem mal, aí então vêm a legalidade cair-nos em cima... Mas nesta Escola não tivemos problemas em fazer do quadro legal um muro para não fazermos nada...*

6. (1) - De facto, ao estabelecer esta parceria a Escola está a demonstrar uma determinada identidade de Escola, isto é há aqui um ambiente que levou a que se tenha permitido a entrada de parceiros que aqui vêm desenvolver projectos com os alunos?

B ⇒ *Julgo que as Escolas, todas elas desenvolvem uma identidade, ou melhor, uma representação. As representações que o Estado tem da escola e as representações que as diversas comunidades têm da escola. Nós podemos estar numa escola... eu julgo que a nossa embora com normativos idênticos às escolas aqui em volta, é diferente.... acabamos por ter sempre uma identidade...*

A ⇒ *E isto vem confirmar a autonomia da escola. Porque efectivamente não haverá ninguém a nível superior que nos venha dizer que fizemos mal... isto é de louvar. Estamos de facto a autonomizar-nos... A autonomia cria-se e isto não é de facto só chavão! Cria-se fazendo coisas deste tipo, não é pensarmos que não estamos balizados pela lei e como tal não fazer... Não, afinal não estamos a praticar qualquer ilegalidade, estamos a inovar e este, penso, é o bom caminho, temos é de fazer mais... É não pensar se isto cabe ou não nos normativos... não é assim, e penso que não é o que o Ministério pretende quando diz quando afirma têm os mecanismos legais e agora autonomizem-se...*

Pelo que foi dito julgamos que sim.... não isoladamente, mas poderá constituir-se como embrião na construção de políticas educativas locais... Eu penso que poderá se o projecto não ficar por aqui... se o projecto terminar isto não será embrião de coisa nenhuma. Como penso que o Projecto não fique por aqui, se nós nos constituirmos como actores e parceiros de outros e se trabalharmos em conjunto no mesmo local seria possível, nós já estabelecendo políticas autónomas ... parece no entanto isto muito difícil....

B ⇒ *A política educativa local passa por ter um projecto em comum ao nível do local, escolas básicas, escola secundária, autarquia... projecto educativo que tem a ver com as acções educativas dentro da Escola mas também com as acções educativas para a comunidade e neste sentido passa pelas actividades da Biblioteca Municipal, pelas acções dos Serviços Sócio-culturais, etc... Se houver uma política educativa local, pretende-se não mudar, de imediato, o sistema educativo mas criar uma dinâmica local que seja ela potenciadora da educação de toda a população. Nesse sentido tem a ver com a entidade da região, com a sua especificidade, com aquilo que é intrínseco ao local e nessa perspectiva a política educativa local será sempre potenciadora da região. No fundo é que as pessoas localmente que as pessoas se encontrem e unam os esforços para dar coerência de conjunto ao todo global do*

local e isto numa perspectiva de realocização da acção educativa, nós temos saber que se educa na Escola, na Sociedade Filarmónica, no Cinema...

A ⇒ Exacto. E que não existam os compartimentos estanques... Como p. ex. agora estão a decorrer actividades da Escola Preparatória e nós não sabemos.... Todos temos uma finalidade comum que é educar. No fundo a educação é o leit motiv de todas estas instituições, mais não fazemos do que elevar o índice cultural da região o que aliás é uma das razões para impedir aquela desertificação de que falávamos antes, o dar visibilidade sob o ponto de vista cultural ao que se faz na região...

B ⇒ A questão da rede responde-se de uma maneira muito simples, que é: nós estamos aqui na chamada região do Campo Branco e temos aqui três concelhos e aquilo que existe malgrado os defensores do municipalismo- eu julgo que até há municipalismo por vezes em excesso- e o que interessa neste sentido referir é que cada Câmara localmente procura ir buscar os melhores cursos para a sua escola, para o seu concelho. Ora eu julgo que isso só pode ser ultrapassado com uma regionalização que de alguma forma, eu diria, ao ultrapassar os reducionismos locais comece a reflectir numa perspectiva mais vasta, regional. Só assim é que vamos lá..... o que eu gostava é que as pessoas ultrapassem dois limites: a estreiteza do limite do governo municipal e a estreiteza do limite que o Ministério nos impõe. E são estas dinâmicas locais é que poderão potenciar isto e não necessariamente, per si, uma lei quadro que crie as regiões, ou seja a lei quadro que cria as regiões potencializa a emergência destes núcleos mas estes núcleos também podem, eles próprios, ser emergentes de uma politica que é diferente... Agora, obviamente que estes projectos inovadores devem ultrapassar os limites do concelho e nós aqui nesta região dos Campos de Ourique, temos tido forças políticas diferentes ou por vezes idênticas mas em que a comunicação não existe.... O problema está aqui: apesar de tudo há um excessivo bairrismo que limita tudo....

A ⇒ Escuta lá: eu penso que tinha de haver envolvimento das escolas conjuntamente com os municípios, naturalmente porque isso é fundamental, e se houvesse, vamos pensar, uma acção concertada destas cinco escolas do Projecto e envolvendo as Câmaras Municipais, e de facto pusessemos as coisas na mesa e dissessemos: Nós vamos arranjar uma rede escolar conjunta que satisfaça as necessidades dos nossos miúdos, vamos criar uma rede de transportes que possibilite que os alunos se desloquem facilmente, rede de alojamentos, etc, e isso aí eu penso que sim, se calhar conseguia-se, mas temos de começar por aí...

B ⇒ Exactamente, é por aí que temos de ir. Nós os professores pensamos isso mas não sei se os políticos o pensam....

A ⇒ É um projecto que não tem viabilidade a curto prazo....

7.

A ⇒ No fundo, digamos, aceitou-se esta parceria porque ela possibilitou o desenvolvimento de um conjunto de actividades na Escola que visaram dar uma melhor formação aos jovens, que contribuíram para que a formação dos nossos alunos fosse potenciada diversificando as actividades e sobretudo apoiando-os ao nível da orientação vocacional...

B ⇒ Há aqui duas áreas de intervenção que já estão aliás tratadas ao longo da entrevista. Houve algumas transformações, acho que foi benéfico localmente, acho que foi bom para a Escola. E há outra dimensão em que um agente exterior às escolas que põe não só as escolas umas em contacto com as outras, mas as escolas e, aquilo que podemos chamar, o mundo empresarial e o mundo do trabalho. É a outra dimensão. Um agente exterior à Escola

potencia as relações com a Câmara, com a Somincor, com a Cortiçol, com o Centro de Emprego no fundo ela própria acabou por ser o elo dinamizador dessas relações. E acho que esse aspecto é muito importante até numa perspectiva de políticas educativas locais... O valor acrescentado está nestas duas dimensões. Para além de uma ou outra alteração....

A ⇒ *Sim, e o facto de os alunos terem sido apoiados nestes dois anos em orientação vocacional é um factor fundamental e quer queiramos ou não isto beneficia os alunos e quer eles vão ou não escolher o que é melhor para eles só o tempo o dirá, naturalmente. Mas penso que foi importante. Para além de, como muitas escolas se queixam, nós não temos psicólogo e durante este ano tivemos três psicólogos na Escola e se não houve mais problemas que eles não resolveram foi porque eles não foram colocados, conseguiram detectar algumas coisas, e é de continuar...*

7. (m) - Na eventualidade da ESDIME, para o ano que vem, não poder realizar o Projecto, vocês acham que se conseguiu criar na Escola uma dinâmica que permita avançar com esse mesmo Projecto?

B ⇒ *Penso que sim. Se quisermos conseguimos. Se nós até temos aí com as questões dos dinheiros dos apoios, se nós apresentarmos um projecto e se conseguirmos obter recursos humanos, somos capazes de... Mas também há outra coisa: os professores também tem de estar com uma certa disponibilidade, e não só vontade, mas também não estejam muito limitados em termos de tempo... Se há alguns tempos a esta parte não temos melhores apoios na Escola porque não temos muito tempo para funcionar com eles e para reflectir sobre eles. Julgo que este Projecto, para o ano, se a ESDIME sair, a nível de C.P. e de outros professores somos capazes de prosseguir com o Projecto, solicitando apoio a diversas instituições e servindo-nos do dinheiro dos apoios... isto no actual quadro....*

7. (n) - Acham, então, e em termos globais, que a ESDIME veio mostrar que havia campos de trabalho possíveis na Escola e que a sua retirada eventual não se constituiria como um problema insolúvel porque esta deixou sementes possíveis de fortificar nos órgãos internos da Escola?

B ⇒ *Julgo que sim... o continuar ou não depende das próprias escolas e das pessoas que lá estão... e temos de ligar isto à própria questão dos estágios do 12º Ano do Curso Tecnológico... e isso passa por transformações ao nível da gestão e administração das escolas... passa por ser dado mais recursos às escolas... o que custa fazer o Projecto? É ver os meios que temos, os que necessitamos, é reunirmos e depois o processo corre por si....*

C ⇒ *Aqui penso que pode continuar... e se de facto aquilo que se mostrou mais visível foi a orientação vocacional eu penso que pode continuar....*

A ⇒ *Eu acho igualmente que sim....esta escola tem um funcionamento democrático, tem uma determinada dinâmica que não é deste ano que já vem de há muitos anos, esta Escola tem condições porque tem um conjunto de líderes de projectos dentro da Escola que poderão eles próprios dar continuidade a este projecto...*

7. (o) - Apesar das condições específicas desta Escola - que acabaram de enunciar - se tivessem um corpo docente ainda mais dinâmico, mais aberto, mais participativo, teriam ou não possibilidades de desenvolver outras actividades que trariam ainda mais benefícios para os alunos?

B ⇒ *Mas nós já temos montes de projectos na Escola... Eu julgo que o envolvimento, nomeadamente na questão do PPES, é relativamente significativo... temos muitos professores na Escola envolvidos numa série de Projectos.... eu não sei se nós não deveríamos até*

redimensionar e integrar os vários projectos que existem na Escola: integramos a área-escola com o PPES - que já há uma tentativa nesse sentido - ligá-la à orientação vocacional,... já que nós nos queremos integrar localmente, concertar práticas e atitudes, recursos etc para promover melhor a educação, na própria Escola, isso também tem de ser pensado...

A ⇨ *Mas a I. também tem razão, porque repara, as coisas até correm bem, mas há pessoas que não colaboraram... os professores tem de ser sensibilizados, envolvidos.... porque efectivamente se os professores já vierem sensíveis a isto é mais fácil trabalhar com eles... mas quando eles não estão motivados, quando entram no sistema já se passaram três ou quatro meses e dificilmente as coisas se levam a bom termo.... Por isso em Setembro temos de fazer um trabalho de sensibilização dos novos professores....*

7. (p) - *Mas essa visão integradora é o que, na vossa opinião, muitas vezes falha. Gostaria ainda de questionar o seguinte: o que é que nós podemos enquanto Escola potenciar para entrosar e envolver mais os nossos colegas neste tipo de projectos?*

B ⇨ *Bem, nós ao nível da formação de professores temos uma formação sobretudo individualizada, a qual independentemente de ter uma base humanista, a formação essencialmente dos novos professores, isto é, o professor sente-se professor na sala de aula e não se sente professor na Escola, ou seja, o professor sente-se um construtor de aprendizagens no seu espaço, na sua sala de aula - que é por definição um espaço de ocultação porque nós não sabemos o que lá se passa- mas toda a maneira não se sente um elemento de uma comunidade, de uma organização que é a Escola. Isto é verdade. Mas apesar de tudo, as nossas escolas com uma dimensão relativamente pequena, permite muitos contactos entre as pessoas e embora o professor tenha - conforme já disse - muito o seu território, a sua sala de aula, a sua turma, etc, apesar de tudo temos aqui um conjunto de práticas de características comunitárias e julgo que nós se ainda hoje temos ainda esta dinâmica - a nível local somos a Escola mais dinâmica ou pelo menos com os horizontes mais abertos - é devido também a esta convivência, nós aqui debatemos muito, em todos os órgãos... por uma questão de razão prática encontramos-nos, que mais não seja, de 50 em 50 minutos e isso é bastante bom. Portanto julgo que há aqui um caldo que é potenciador de uma visão integradora... mas estas coisas demoram o seu tempo.*

[Agradeço imenso a vossa disponibilidade. O meu muito obrigado.]

Anexo 5 - Entrevista - Escola B

Data: 2 de Junho de 1997

Elementos Presentes: Presidente do Conselho Directivo ⇨ A; Directora de Turma ⇨ B; Director de Turma ⇨ C; Colaborador do Projecto ⇨ D; Psicóloga Estagiária ⇨ E; Psicóloga Estagiária ⇨ F.

Duração: 120 minutos

Questões: vidé Anexo 1

Respostas:

1.

A ⇨ *Poderei dizer algumas coisas mas, entretanto, os colegas se quiserem podem - e devem - intervir... Em princípio quem tomou a decisão fui eu, no entanto auscultei os colegas presentes, principalmente o colega (...) que embora não tivesse envolvido com turmas do 9º Ano foi uma ajuda preciosa, uma vez que ele já tinha uma experiência de parceria anteriormente e, de certo modo, foi um conselheiro no contacto com a ESDIME. A decisão foi tomada por mim, mas fui "aconselhado" e de certo modo isto foi tido em conta uma vez que é uma necessidade - num concelho como este e numa Escola com estas características - dos alunos o apoio em relação à orientação vocacional e profissional. Nós sabemos que muitos deles terminam o 9º Ano e vão à vida, muitas vezes, sem terem o mínimo de orientação. O que conhecíamos de anos anteriores era aquela campanha do "9º Ano e Agora?" com colegas D.T. e a colega Coordenadora orientando, melhor ou pior, este tipo de trabalho, mas ficávamos muito à quem das expectativas.*

B ⇨ *No fundo eram só esclarecimentos de cursos, onde é que existiam...*

C ⇨ *Sobretudo elucidar sobre as áreas do 10º Ano, as disciplinas, etc..*

A ⇨ *Eu penso que era necessário abranger outros aspectos em relação à orientação vocacional dos alunos e alargar as suas expectativas...*

A ⇨ *A necessidades da Escola. Dai que tivéssemos, de certo modo, agarrado a ideia, acarinhado para que ela fosse implementada até ao final...*

1. (a) - *A actividade fundamental foi a orientação vocacional, e ao nível das razões que vos levaram a permitir que uma entidade exterior à Escola viesse a trabalhar dentro da vossa Escola?*

A ⇨ *À partida, era uma situação nova. Ao longo destes anos nunca tínhamos tido uma parceria e a propostas pareceu-nos bastante positiva e aliciante. Sentíamos que havia ali uma lacuna muito grande que nunca fora preenchida e pensámos, achámos que era de levar a ideia para a frente...*

B ⇨ *Isto, primeiro começou... após a decisão e apresentação ao Pedagógico a etapa seguinte foi apresentar o Projecto às turmas, com a Psicóloga da ESDIME. Eles mostraram-se interessados, foi dada a autorização pelos Pais e a partir daí começaram as sessões. E aí eles começaram a aderir e eles próprios a apresentarem propostas. Houve uma grande adesão, principalmente a turma da vila, mas as outras também aderiram...*

C ⇨ *Os outros não aderiram mais por limitações de horários...*

B ⇒ *Quanto às actividades... [Grupo: "Foram muitas..."] Ligámos as actividades propostas pela ESDIME com actividades da área-escola, houve um grande envolvimento. Como por exemplo um desfile de trajes contemporânea - primeiras décadas do século XX - proposto pelo grupo de História e que a ESDIME colaborou, fizemos as conversas com profissionais com grande aderência por parte dos alunos e dos profissionais, visitas de estudo, a Feira das Profissões, a apresentação final dos resultados do inquérito... um almoço final...*

D ⇒ *O Projecto Fixe... ao Projecto Fixe a aderência foi mais difícil ... foi necessário estimular mais a participação deles, porque exigia pensar numa actividade, preencher um formulário, mínimo, que exigia algum esforço...*

1. (b) - Digamos que nas actividades em que aos alunos era pedida uma participação menos activa eles aderiram muito mais facilmente do que aquelas em que eles tinham de ter um papel mais interventivo?

C ⇒ *Digamos, aquilo que necessita de iniciativa, de envolver o desenvolvimento de capacidades...*

D ⇒ *Também teve um bocado a ver com a divulgação.... Teve uma divulgação algo lateral... Não foi apresentado como algo muito cativante... Na Folha "A Descoberta..." a participação dos alunos tinha a ver com a proximidade dos miúdos ao Clube de Jornalismo que eram os mesmos que participavam... Houve a feliz coincidência de se encontrar duas turmas que eram facilmente mobilizáveis...*

B ⇒ *As duas turmas do ano passado eram dos miúdos mais activos desta Escola, o que tem mesmo a ver com os alunos... Na altura tínhamos uma "tentativa" de Projecto Educativo*

D ⇒ *Formalmente chamo-lhe P.E. e todo o processo que leva à elaboração desse Projecto - que eu saiba - está apenas numa fase inicial...*

2.

[Já me responderam, em parte, a este conjunto de questões. Percebi que vocês têm vários clubes na Escola, e as actividades destes clubes interligaram-se com as actividades que eram propostas pela ESDIME. Ou seja, houve aqui um casamento harmonioso entre o que foi proposto pela ESDIME e o que a Escola já fazia. É assim ou houve conflitualidade?]

D ⇒ *Houve apenas uma coincidência, julgo eu, pelo facto de em determinada altura ser possível as pessoas participarem, ao mesmo tempo, nas mesmas coisas. Não houve nem um esforço especial de convergência nem também foi necessário vencer grandes resistências e ultrapassar obstáculos.*

C ⇒ *Não houve grande compartimentação...*

B ⇒ *A nível do Clube de Jornalismo ou de Fotografia houve o interligar das actividades...*

2. (c) - Quer dizer, então, que as propostas que eram feitas pela ESDIME enquadraram-se dentro de uma dinâmica que existia na Escola? E vieram reforçá-la?

D ⇒ *Sim, mas digamos assim. De algum modo é necessário ter em conta o seguinte: a Escola é uma escola que de facto tem muitas limitações; e há uma coisa que é preciso ter já em conta: a principal limitação dos miúdos é a falta de disponibilidade deles para actividades suplementares, extra curriculares ou, de complemento curricular, como lhe queiram chamar. Porque o grande investimento de tempo na Escola é para as aulas e, às vezes, com esforço dada a sobrecarga de salas... Portanto, o que aconteceu no ano passado resulta da*

benevolência ... suplemento, digamos assim, de interesse dos professores e dos alunos, beneficiando sobretudo os alunos que são originários de (...). Este é um pressuposto elementar e incontornável. Não há nada que se possa fazer na Escola sem encarar isso...

C ⇒ É um dos grandes problemas da Escola, é que há uma grande diferenciação entre os que são daqui e os alunos que não são... Essas diferenciações prendem-se com o conhecimento ou ausência de conhecimento sobre esta realidade escolar... p.ex. alunos de Santana nunca vieram à Escola até ao 7º Ano enquanto os alunos da vila no 4º Ano já vêm à Escola, já têm aqui actividades...

A ⇒ Ainda, realmente, há alguns anos atrás, se retardou o processo do aluno sair da Escola do 1º ciclo com a Telescola - coisa que já devia estar eliminada - ainda houve casos de alunos que deviam estar aqui, por fenómenos de natureza política voltaram a Santana, p. ex. ... ai dois anos retardaram, adiaram a sua adaptação a esta Escola... e os miúdos não queriam porque verificavam que ficavam com a sua socialização suspensa por mais dois anos...

B ⇒ E a nível de uma acção deste tipo são estes alunos que mais beneficiariam disto, porque os da vila irão tendo conhecimento através dos pais, enquanto estes não têm grande hipótese...

2. (d) - Eu não queria perder uma pista que aí foi lançada. Vocês têm uma outra parceria com a Escola Básica de 1º Ciclo?

A ⇒ Sim. Vêm cá miúdos a ter Inglês, Educação Visual, Educação Física e Educação Musical...

3.

A ⇒ Eu penso que de uma maneira geral a avaliação foi positiva....

C ⇒ Em relação aos alunos já falámos. Em relação aos pais, a tradição aqui não é de muita participação, houve alguma ...

B ⇒ Houve alguma colaboração por parte dos pais em algumas actividades quando foi pedida, mas não foi por iniciativa própria dos pais...mas isso também é normal nesta Escola.

3. (e) - Se me permitem, houve uma Escola que me disse que por via do Projecto tiveram os pais na Escola de uma outra forma, ou seja os pais que, antes, só iam à Escola para saberem da avaliação dos alunos começaram a ir para também eles próprios serem informados sobre os cursos que existiam, as opções possíveis, as perspectivas que lhes eram abertas.... Isto também aconteceu na vossa Escola?

C ⇒ Se calhar também um bocado, no ano passado...

E ⇒ Este ano não aconteceu e por uma razão muito simples. Este ano a Psicóloga da ESDIME delegou em nós - as estagiárias - as actividades da orientação vocacional. Nós tivemos dificuldade de agarrar numa turma, nomeadamente o 9ºC; o 9º A não quis saber da orientação vocacional, não esteve minimamente interessado, nós estivemos duas vezes presentes na sala de aula do D.T. a tentar combinar o horário das sessões, mas não chegaram a aparecer, tiveram completamente desinteressados. A Psicóloga da ESDIME pegou numa turma do 9ºB, houve também desencontros... Nós tivemos também muita dificuldade em relação aos horários, uma horinha disponível para estar com eles, eles não tinham... tinham o horário completamente preenchido Dávamos uma hora, a correr, na hora de almoço... Entretanto, a Psicóloga da ESDIME perdeu completamente a turma, e eles pediram-nos agora, para fazermos uma sessão extraordinária na hora da D.T. porque eles estão completamente baralhados. E nós vamos, pegar numa generalidade de um plano de orientação que leva um

ano inteiro ... fazer exclusivamente uma apresentação dos agrupamentos, mais nada, dado que o programa de orientação foca um conjunto de situações - a descoberta de si, a descoberta do outro, ... Em relação ao Projecto "À Descoberta" nós nunca nos inteirámos completamente acerca do Projecto. A Psicóloga da ESDIME este ano está ocupadíssima, são muitas escolas ao mesmo tempo, e aqui na Escola aquele sentido do Projecto que houve o ano passado perdeu-se. Fez-se uma semelhança, mas houve uma participação muito menor, as coisas feitas e apresentadas muito apressadamente, fez-se uma Feira das Escolas, vai-se fazer amanhã uma visita à Somincor, mas... as coisas que funcionaram tão bem o ano passado este ano não funcionaram tão regularmente e com essa precisão como deveria ter sido na continuação do Projecto...

A ⇨ Este ano foi muito diferente, de facto...

B ⇨ A Psicóloga este ano contou com as estagiárias, não deu tanto apoio como no ano passado, não pôde passar cá tanto tempo.... Numa conversa com a Psicóloga falámos da necessidade da Escola ter de arranjar uma solução em que os miúdos tenham tempo disponível para as actividades, seja esta ou outra, porque senão estes projectos vão-se perder...

3. (f) - Posso então concluir que como um dos principais constrangimentos da Escola radica nos horários dos transportes que servem os miúdos, os quais só dão para o desenvolvimento dos tempos curriculares. Todas as actividades de complemento curricular são de difícil desenvolvimento porque os miúdos não têm espaços/tempos necessários para isso?

C ⇨ Espaço tempo e espaço físico da Escola que o ano passado não se notou tanto mas este ano com o 12º Ano a funcionar...

A ⇨ Com a Reforma aumentou a carga curricular dos alunos, sobretudo no secundário e isso aí trouxe-nos problemas agravados...

C ⇨ E outra coisa são as provas globais do 9º Ano. O ano passado fez-se muita coisa no final do ano... Este ano não podemos fazer nada...

A ⇨ Nem a semana cultural podemos fazer... Vamos só fazer um dia, um Dia Cultural o que é uma vergonha... Área-escola tem de se fazer... e há resistências por parte, sobretudo, dos alunos do secundário, o que compreendo perfeitamente porque eles têm provas globais, exames nacionais... não se pode pedir mais aos alunos!

B ⇨ Este ano uma coisa estranha foi precisamente este 9ºA, que são alunos da vila e que nós sempre pensámos que aderissem... não aderiram, provavelmente culpa nossa, provavelmente não os conseguimos motivar, não sei...

C ⇨ Por exemplo no projecto da área-escola deles também se envolvem bastante... não se percebe..

D ⇨ Eu julgo que se alguma deficiência se pode detectar nestes dois anos é também a circunstância das pessoas envolvidas, umas por afecto outras por função, nunca se terem juntado para conversar sobre isso, para se articularem e para se inter-apoiarem, digamos assim. Isso, também, não aconteceu o ano passado, mas julgo que houve a vantagem de sermos menos e uma envolvimento maior do parceiro que supria as próprias lacunas nesse acompanhamento. Porque é assim: estas coisas surgem nas escolas, as escolas acolhem-nas mas é um pouco como um corpo pesado cair numa superfície pouco elástica, ou seja, os professores já têm os seus compromissos assumidos; a Escola já tem a sua orgânica definida e na hora da verdade isto aparece como algo de supletivo, porque a administração não nos pede contas sobre isto. Aliás, eu pessoalmente faço esse reparo, a nós ninguém nos pediu uma avaliação da nossa envolvimento nesta parceria...

C ⇨ *Nem ninguém nos pediu opinião sobre o valor disso... uma coisa que devia ser importantíssima... a orientação vocacional não é assumida ... e os alunos terminam o 9º Ano e não sabem o que vão fazer na vida...*

D ⇨ *Exactamente... e portanto eu julgo que é importante que isso se saiba, que isso seja referido: o próprio órgão de gestão da Escola fez durante vários anos deligências no sentido deste tipo de actividades ser contemplado na própria atribuição de horas ou de verbas suplementares ou coisa que o valha. Portanto, não deixa de ser, de alguma forma inibidor - para não dizer uma palavra mais explicita - a atribuição de duas horas a título de estímulo. O que é que significa isto? Significa que a Escola faz um esforço grande - quando digo escola refiro-me concretamente ao corpo docente - para superar este colete de forças em que a escola está envolvida, rodeada, por estas circunstâncias várias, mas de facto é muito complicado, depois, traduzir isso na prática porque a somar às desmotivações todas que os professores enfermam, que mais não seja o facto de ser um corpo docente muito instável, pessoas que estão aqui das mais variadas proveniências, além do mais há um enquadramento deficiente, que mais não seja de ordem institucional, administrativa, digamos assim, para facilitar o alargamento das próprias ofertas da Escola e este suplemento de motivação para os alunos.*

O que eu digo é que, de algum modo, as aprendizagens e a assimilação da própria experiência fica empobrecida na medida em que o próprio sistema não o enquadra dentro de si. A verdade talvez seja esta, portanto, o ano passado para este ano o próprio sistema não integrou, porque nós próprios...

A ⇨ *Isto também se chocam... p.ex., em relação à orientação vocacional, os alunos de certo modo são chamados a pronunciarem-se sobre as suas expectativas e, enfim, a serem detectadas quais as suas tendências inatas e adquiridas, e muitas vezes chocam-se ... Por ex. nós temos apenas dois agrupamentos no 10º Ano. Não há cursos tecnológicos e não têm mais nada para escolher. Têm de ir para outras escolas. Se quiserem ir para outros agrupamentos têm de sair daqui...*

D ⇨ *Em relação a esta experiência do ano passado isso é verdade. Primeiro, cada um dos professores tinha os seus compromissos, que já de si são suficientes para não ter tempo para mais nada... portanto, esta proposta é uma proposta superveniente em relação ao início do ano lectivo. Tudo o que aconteceu, aconteceu a título voluntário e resultando do interesse e do valor que se atribuía ao Projecto...*

B ⇨ *E de algumas adaptações, p. ex. adaptámos a área-escola e fizemos convergir as duas turmas num tema comum ... a carga que horas que tínhamos para a área-escola também pôde ser dedicada ao Projecto...*

C ⇨ *Fizemos uma gestão do pouco tempo que tínhamos, das múltiplas actividades que tínhamos...*

A ⇨ *Em relação àquele inquérito que foi feito para ver as perspectivas profissionais foi muito interessante para ver as expectativas de vida dos jovens e a continuidade de estudos, revelou dados um pouco negativos...*

B ⇨ *Não me parece que os alunos tenham baixas expectativas. Nós apoiámo-nos neste trabalho da ESDIME para um trabalho que fizemos para uma acção de formação. Fizemos aí um estudo das expectativas e concluímos que eles não têm assim expectativas tão baixas. Da-nos a ideia que eles continuam não informados...bem como os encarregados de educação....*

C ⇨ *Estão bastante desfazados da realidade quer local quer menos a nível global... Continuam a pensar em termos daquilo que já existe e não daquilo que poderá vir a existir...*

3. (g) - Permitam-me ir de novo para a questão da informação dentro da Escola. Se nós agora fossemos perguntar aos professores se sabem que a Escola tem um projecto de orientação vocacional, será que eles responderiam positivamente?

B ⇒ *Os do 9º Ano foram informados...mas talvez também não saibam...*

A ⇒ *Talvez tenha mais a ver, uma vez que é aplicado na viragem de ciclo, incida mais sobre os professores do 9º Ano e os professores que estão mais motivados...*

D ⇒ *Mas há duas coisas que é preciso acrescentar: este ano essa parceria triplicou: há a presença de técnicos da área de psicologia e há a UNIVA. Se perguntar quais são as ofertas que a Escola tem ao nível da orientação profissional e escolar, então, quase todos os colegas sabem... Agora, é verdade que nós o ano passado não ficámos a perceber qual era o desfecho do Projecto "À Descoberta da Vida Activa" para este ano, nem foi feita a avaliação - quando há pouco eu referia que não foram aproveitadas bem as mais valias...*

A ⇒ *Não foi feita a avaliação em termos globalizantes...*

B ⇒ *E através dela, nós que já participamos, podíamos ter colaborado mais este ano...*

A ⇒ *Foi feita uma avaliação genérica no C.P.. Não havia instrumentos palpáveis de avaliação, houve só uma avaliação em termos do que nós sentimos, como ele se desenvolveu, e não foi perspectivado como se iria desenvolver este ano, ficou assim como que suspensa...*

E ⇒ *Nós, pessoalmente, tivemos conhecimento do Projecto só ao nível da Orientação Vocacional. Se o Projecto visa outras vertentes não sabemos...*

D ⇒ *O ano passado visou, este ano pelas circunstâncias já apresentadas não se pôs a hipótese de essas outras valências serem desenvolvidas...*

4.

A ⇒ *Para além do contacto que houve entre os alunos e alguns profissionais nas acções que foram feitas ... entre instituições não houve...A Escola tem contactos institucionais com a Câmara Municipal, a Junta de Freguesia, o Centro de Emprego, a Escola do 1º Ciclo, o Centro de Saúde, o pólo da Zona Agrária, os Bombeiros, a própria G.N.R. com apoio logístico a diversas actividades... mas são colaborações institucionais... a UNIVA é um segmento do Centro de Emprego instalado na Escola...existem e existiram de certo modo mas a este nível do projecto custa-me a detectar ligações directas...*

4. (h) - Permitam-me só pôr uma questão: nós, as relações que temos com os agentes exteriores, não são, na maior parte, relações de parceria. O que normalmente acontece é que nas relações que a escola mantém com as entidades exteriores estas funcionam muito mais como recurso. Quase todas as Escolas têm a autarquia como recurso, que fornece recursos... Ao contrário, a autarquia também pede colaboração à Escola em eventos que realiza? E o Centro de Emprego?

A ⇒ *Pede por vezes... talvez pudesse pedir mais no caso da autarquia... Com o Centro de Emprego é uma relação diferente... talvez por uma nova dinâmica... talvez porque o responsável do Centro já foi professor...*

4. (i) - De toda a maneira o sistema de ensino formal que nós ministramos nas escolas está, em quase todo o sitio, como que divorciado do sistema de aprendizagem que é patrocinado pelo Centro de Emprego. Vocês consideram que existe, de facto, este divórcio ou existe alguma relação? Ou seja: nós temos alunos do 7º Ano com insucesso acumulado; o Centro de Emprego abriu um curso de mecânico. Estes alunos que não respondem ao desenvolvimento cognitivo que

é exigido ao nível da nossa escola, vão para esses cursos. Ora bem, a questão é: para a abertura desses cursos houve diálogo com a Escola? Ou...

A ⇒ Não. Não. Geralmente o que acontece é que nós só nos apercebemos um pouco tardiamente, uma vez que - e isso existiu sempre- p.ex. a Escola permite que os alunos do Centro almoçam aqui... O caso dos alunos: só nos apercebemos que eles vão para lá quando pedem a anulação da matrícula ou começam a faltar...O Centro de Emprego nunca nos informou....

C ⇒ Sabemos é em cima da hora, sem a ver qualquer espécie de coordenação...

A ⇒ Com o Centro de Saúde a colaboração é estreita e tem a ver com o desenvolvimento de programas conjuntos, todos os anos, e tem a ver com a sensibilização sobre os problemas da SIDA, da Toxicodependência, da Sexualidade.... este ano também tivemos uma colaboração com Estagiárias no campo da Saúde... fomos convidados para participar num debate...

4. (j) - Isto permite-me concluir que a Escola não se fecha sobre si mesma mas é aberta à colaboração com a comunidade?

B ⇒ Mesmo em outras actividades quer de área-escola, quer de projectos de turma, temos sempre a colaboração de toda a comunidade local...

A ⇒ Só não podemos ir mais longe porque aqui as instituições não passam de meia dúzia...

D ⇒ Ia dizer que a vinda dos profissionais, o ano passado, à Escola talvez tenha sido um dos aspectos mais visíveis e mais palpáveis na inovação que a parceria trouxe à nossa própria escola e aos alunos e terá contribuído para melhorar ou pelo menos oferecer uma outra imagem da Escola a esses profissionais e concomitantemente à própria comunidade...

A ⇒ E depois há outro aspecto importante que temos que realçar. Principalmente este ano. As visitas de Estudo.

B ⇒ O que não é nada prejudicial... Lá está a tal carga curricular e o cumprimento dos programas que nos é mandado lá de cima... Eu até acho muito bem, mas...São úteis a pena é que tenhamos de cumprir outras obrigatoriedades....

A ⇒ Nós estamos aqui numa zona considerada de interior embora bem perto do litoral... uma zona interior, deprimida.... Quando eu vim para esta Escola não se faziam visitas de estudo. Este ano eu não acredito que haja outra escola desta zona que tenha feito tantas Visitas de Estudo...

D ⇒ Logo a seguir àquilo que os inquéritos dizem que o principal motivo pelo qual os alunos gostam da escola é o convívio e a amizade com os colegas, aqui, nesta Escola, é seguramente a segunda razão porque eles gostam da Escola. Há uma grande apetência dos alunos para isso, há uma grande vontade para as visitas de estudo...

4. (l) - Essa necessidade de Visitas de Estudo prende-se muito com o contexto de interioridade e de ruralidade que se vive neste concelho. A maior parte dos alunos se não saírem através da Escola não terão outras possibilidades de conhecer o país?

A ⇒ Há miúdos que têm uma visão muito limitada do nosso próprio país, e ainda mais do mundo...

B ⇒ *E está provado que é benéfico.... O ano passado fomos a Paris e isso tem sido muito importante nas próprias aulas.... além de que estamos a ensinar se querem alguma coisa - ir a Paris ou a Munique - terão de trabalhar para isso ... e os pais estão-se a aperceber que é importante os alunos irem em visita de estudo, o que até há poucos anos não acontecia, agora já se aperceberam que é importante proporcionar isso aos filhos...*

5.

A ⇒ *Podes explicitar a questão?*

5. (m) - Pretendo dizer com isto o seguinte: primeiro, temos na orientação vocacional um tipo de trabalho de descoberta, em que através da investigação o aluno vai adquirindo o conhecimento. Segundo: sabemos que, aquilo que a generalidade dos professores faz é dar matéria: o professor continua a ser exclusivamente um transmissor de informação, o aluno assimila ou não assimila sem que o professor - por mais estratégias que mude (fazendo ou não fazendo) e utilizando as chamadas metodologias activas - deixe de praticar um ensino transmissivo, em que, o papel que se pede ao aluno é meramente passivo. Será que o facto de eles terem na orientação vocacional metodologias de aprendizagem diversas teve algum reflexo - ou foi por vós percebido - ao nível das práticas educativas dos diferentes professores?

C ⇒ *E lidar com questões da actualidade, que é muitas vezes o mais difícil com alunos desta idade, que é tirá-los daquilo que está no programa e transportá-los para a actualidade, que eles não estão habituados a fazer isso e é bastante difícil para o professor fazê-los adquirir esse hábito. O ano passado com esse projecto foi relativamente fácil, mas este ano...*

B ⇒ *Para responder a isso precisaríamos aqui de um professor do 10º Ano.... Eu trabalho um bocado a nível de investigação e o ano passado as turmas aderiram muito bem tal como aderiram ao Projecto...*

A ⇒ *Eu penso que a utilidade deste projecto é perfeitamente reconhecida, principalmente das pessoas que estiveram envolvidas. E penso que deveria continuar talvez noutros moldes. Talvez mais alargado já que temos aqui outras entidades a trabalhar no mesmo, o caso da UNIVA...*

D ⇒ *A outra questão da contextualização do ensino é feito ao nível da área-escola.*

A ⇒ *A Escola nunca esteve fechada sobre si própria. Apesar de muitas vezes não haver aquele relacionamento entre as instituições como nós desejaríamos houve sempre essa abertura. Os alunos sempre procuraram - em trabalhos feitos a nível extra-curricular e não só - descobrir, investigar temáticas que tem a ver com a realidade cultural local... Sempre foi feito e agora é-o mais sistematicamente.... e não se esgota apesar de surgirem trabalhos sobre os mesmos temas mas com outras contribuições, mais abrangentes... aqui há uma coisa a dizer: para a investigação há muita falta de documentação. Alguma tem sido adquirida e outra existe em bibliotecas a que a escola não tem acesso... há os testemunhos orais...*

6.

C ⇒ *A Escola tem de mudar, não é?*

D ⇒ *Queria apenas acrescentar uma coisa que não tem nada a ver com a resposta à pergunta, mas que tenho de acrescentar, antes que me esqueça. Houve um aspecto interessante à volta do Projecto, e os técnicos da ESDIME sublinharam isso, que foi a oportunidade de pela primeira vez, para além do Desporto Escolar, os encontros desportivos entre escolas, que têm constituído o único elo de ligação entre as escolas de uma mesma região, a edição de uma folhinha de ligação entre as várias escolas integrantes do projecto permitiu pelo menos à distância partilhar um pouco disso... Agora a questão da mudança da Escola....*

6. (n) - Obrigado colega. Disseram que os pais vieram à escola enquanto profissionais, e isso permitiu que os pais tivessem uma noção, um pouco melhor, da forma como funciona a Escola, por um lado e, por outro a Escola mostrou elementos da comunidade dentro da Escola, pessoas que exercem aqui a sua profissão. Será que isto tem condições para provocar alguma mudança interna da Escola? Ou acham - como há pouco a metáfora que o colega usou do ser "elástico" - que o Projecto é qualquer coisa que chegou, e encontrou uma determinada rigidez, e não se desenvolve. Sim ou não? Será que aquilo que é modelado na Escola é *assim* e que esta relação com o exterior não poderá causar algumas brechas que poderão ser indiciadoras de um factor de mudança dentro da Escola?

A ⇒ *Eu penso que sim, embora seja aqui um pouco reticente... eu penso que ao longo dos anos, por um lado há uma perspectiva de algumas pessoas ... pode provocar mudanças, mudanças não digo substanciais mas qualitativas que ainda não se sentem, mas pode provocar... e isso poderá decorrer e efectivar-se, de facto, daqui a alguns anos se continuarmos também com um dos aspectos importantes, que é a área-escola - embora o enquadramento e a articulação da área-escola deve sofrer alterações - e nós consigamos chegar aos pais e não apenas trazê-los à Escola mas torná-los de facto parceiros, pô-los a colaborar.... Uma coisa que ainda aqui não foi focado. Até agora não conseguimos criar uma Associação de Pais...as pessoas aqui não se conseguem articular e nem sequer se consegue arranjar um núcleo de pessoas que formem mais tarde uma associação de pais.... Enquanto isto não existir o diálogo é difícil...*

D ⇒ *Mas podem existir razões que expliquem isso. Razões de geografia, com a ausência de transportes públicos que permitam o acesso fácil à Escola, como a imagem da Escola,....*

Sobre a questão da mudança eu acho que há um aspecto - pelo menos é a imagem que tenho comigo - é que ainda que alguns elementos de mudança sejam introduzidos por uma parceria desta natureza é muito complicado deixar isso entregue ao espontâneo e à generosidade deste ou daquele professor, deste ou daquele funcionário...digamos assim: das duas uma, ou realmente o sistema assimila isso e aceita o desafio de ele próprio se modificar, seja o sistema o microcosmos da Escola ou seja o sistema a D.R. ou outra coisa qualquer... portanto, e quando aqui digo concretamente mudança não estou a ser muito ambicioso, estou talvez a pensar mesmo no facto do sistema criar as condições para que o Projecto vá até às últimas consequências e possa fazer sentir os seus efeitos no máximo das suas possibilidades. E depois creio também que não é muito fácil falar de mudança quando às vezes, digamos assim, não se sabe muito bem para onde se direcciona essa mudança, sem a própria escola se rever a si mesma e se direccionar. Digo isto porque é muito complicado uma escola com estas características - por definição é uma escola que está sempre em mudança, ao menos no seu corpo docente... é muito complicado determinar, garantir a mobilização de um grupo que chega todos os anos e que normalmente constitui cerca de 50%...

C ⇒ *Também queria dizer uma coisa: é quase impossível mudar esta Escola se a escola não mudar, uma vez estamos numa formação geral e universal é quase impossível mudar uma Escola sem mudar as escolas...*

A ⇒ *É muito difícil mudar a Escola quando existem muitos outros problemas que são prioritários para os professores... estou a falar dos professores que nos chegam cá agora... professores que têm problemas de desenraizamento, de carácter pessoal, profissional... e são esses que as pessoas querem ver resolvidos...É um bocado difícil se os professores estão preocupados com problemas imediatistas e que lhes dizem mais que os problemas da Escola, de eles próprios reflectirem sobre a escola e tentarem fazer essa mudança... Se o professor tivesse estabilidade de emprego, se estivesse num lugar onde gosta-se de estar... só havendo, penso eu, um equilíbrio emocional e profissional as pessoas estariam disponíveis para dar a*

volta à Escola... e que haja também por parte do sistema sinais de mudança, embora ela deva começar na escola... nós é que temos de dar o empurrão, mas ela só se nota na instituição escola passados muitos anos, isto é muito lento... a máquina é muito pesada...

Indo à questão seguinte, se nós nos cingíssemos aos normativos... muitas das coisas que nós permitimos que se façam... e a Escola não é só o Directivo... permitimos que se façam ultrapassando o quadro legal... e eu sempre assumi isso... de contrário não faríamos...

D ⇒ *E isto é uma forma de mostrarmos a identidade da Escola, porque o não fazê-lo, em última análise eram os alunos que sairiam prejudicados...*

6. (o) - No fundo temos uma Escola que funciona essencialmente para o aluno?

D ⇒ *Não tenha dúvidas. Temos defeitos, os que temos, os que nos apontam e aqueles que se calhar não sabem que temos... mas aqui trabalha-se muito em função dos alunos e como resultado dos múltiplos mecanismos de compensação, por essa percentagem de professores que estão por aí deslocados... É pela convicção que estes alunos com as características que têm merecem e precisam...*

[Apoiado pelos restantes colegas. Comentário meu: Eu penso que todos os jovens merecem que se trabalhe com eles e para eles)]

D ⇒ *A colega tem toda a razão, mas a colega sabe muito bem que há sítios em que é mais fácil trabalhar e outros onde é mais difícil...*

B ⇒ *Nesta escola os alunos também nos ajudam a ajudá-los...*

A ⇒ *Posso ser suspeito a dizer isto mas... se nós estivessemos enquadrados como muitas escolas aos normativos, nesta escola pouco se poderia fazer... A nossa política foi esta: sempre que um colega vem com um qualquer projecto e se ele é bom é apoiá-lo...*

C ⇒ *Muitas das ideias que aqui se têm concretizado, não estão previstas... surgem de um momento para o outro e aproveitam-se... se fosse uma escola mais normalizada muita coisa ficava sem ser feita... Assumimos riscos mas marcamos a identidade da Escola.*

A ⇒ *Eu penso que esta parceria se pode constituir como embrião. Essa perspectiva é boa... não existe ainda. Isto está tudo muito desfasado, muito desarticulado...*

C ⇒ *Era extremamente benéfico, mas para isso as escolas não se deviam especializar... eu por exemplo desagrada-me bastante a ideia de escolas só secundárias, só básicas... acho que pelo menos 2º, 3º e secundário deviam estar juntas...*

A ⇒ *Numa base integrada... Não sou muito partidário que se junte jovens de idades muito diferentes...*

C ⇒ *Ou outras duas questões: Primeira: serão os cursos existentes os mais adequados para a comunidade local? Segunda: será que não poderia haver mais cursos tecnológicos?*

A ⇒ *Sim eu penso que essa ideia da rede era importante... Fomos nós que escolhemos os cursos que temos. Mas poderíamos ter mais qualquer coisa mas estamos limitados pelo número de alunos que temos. Não podemos por um lado cercear o interesse dos alunos pela continuidade de estudos. Daí o 1º e o 4º agrupamentos... Mas estamos sempre limitados por isso. Apesar de termos turmas pequenas... que nós impusemos, forçando a barra... fizemos pressão... temos muito problemas: insucesso, condições sócio-económicas muito precárias... muitos alunos com necessidades educativas especiais...*

7.

F ⇨ *Ao nível da orientação temos pouco miúdos interessados e que vão às sessões. Também não correram como gostaríamos... perdeu-se uma continuidade dos trabalhos e houve uma certa descoordenação...*

E ⇨ *Isso ao nível da orientação. Noutra nível, eu acho, é sempre benéfico e neste caso, não sei por nós estarmos ligados à área de psicologia, os miúdos viam-nos como elementos em que eles podiam confiar, desabafar as coisas, os problemas e os pequenos conflitos que têm com os professores, servimos um bocado para fazer a ponte, a ligação entre pequenas coisas que eles sentiam que não estavam bem e que não tinha coragem de pôr directamente ao professor... nós serviamos para isso...*

F ⇨ *Exactamente. Mas sentimos que deveríamos ter mais tempo para estar na escola e daí o nosso contributo não é aquele que gostaríamos que fosse, nem conseguimos mudar as coisas... é pouco o tempo que passamos na Escola.... Entretanto os miúdos também não têm muito a noção do que é o psicólogo na Escola... havia muitos estereótipos... só os alunos que precisavam tratamento...*

E ⇨ *A importância do psicólogo para incentivar, não a prática pedagógica que o professor sabe isso muito bem, mas a relação pedagógica...*

A ⇨ *Muitas vezes só nos apercebemos que existem problemas depois de haver um leque de problemas ao longo de um espaço tempo e quando surge já são problemas quase insolúveis... (Conta um caso da Escola...)*

B ⇨ *Conhecemos casos mas, nesta Escola ao nível da socialização e das relações professores alunos nós estamos a par e tentamos ajudar-nos uns aos outros... é uma escola pequena, com gente nova, e verdade, mas sem grandes problemas..*

7. (p) - Voltemos à última questão. Quais as vantagens?

A ⇨ *Tudo o que contribui para melhorar a visão do mundo dos nossos jovens, para melhorar as atitudes e os valores dos alunos, tudo o que for preciso nós agarramos... embora as vantagens não sejam visíveis de imediato... Não temos mais projectos porque também não há mais pessoas... as vantagens não são palpáveis... mas se os alunos assimilarem estas novas atitudes - que estão consignadas no papel desde a Reforma e que parece que nada foi ainda feito... o nível de ensino que nós temos nas nossas salas de aula é cognitivista e é isso que se avalia... avaliar os valores e as atitudes, que o aluno tem em si ou que desenvolve, como?...*

[Falam ao mesmo tempo, referem os trabalhos de grupo, referem os exames... vantagens, e mais iniciativas]

D ⇨ *Eu subscrevo tudo o que o colega disse, acrescentava ainda que é este o outro objectivo: reunir, compensar, enfim, as desvantagens próprias dos alunos residirem nesta região ... Muitas vezes, a Escola é o único miradouro que os alunos têm para abrir horizontes...*

[Resta-me agradecer a vossa colaboração. Muito obrigado.]

Anexo 6 - Entrevista - Escola C

Data: 5 de Maio de 1997

Elementos Presentes: Vice-Presidente do Conselho Directivo ⇨ A; Coordenador /Animador do Projecto "À Descoberta..." ⇨ B

Duração: 105 minutos

Questões: vidé Anexo 1

Respostas:

1.

B ⇨ *A nossa escola foi, em termos da relação com a ESDIME, uma escola piloto, uma escola escolhida por uma questão de proximidade, por uma questão de afinidade- portanto foi uma decisão tomada pela ESDIME. Inicialmente apresentou-se como Agência de Desenvolvimento, e digamos que isto foi um alargar da ESDIME a toda a região, que deixou de estar circunscrita especialmente a Messejana e afirma-se como Agência de Desenvolvimento Local. Isto vem de acordo com projectos Europeus ...foi aí que a ESDIME abordou a Escola e apresentou-se então como uma auxiliar do Projecto de Área-Escola. Era a primeira vez que íamos ter área-escola. Eu fui destacado, pelo Conselho Directivo, para tentar fazer uma articulação com o meio, que era uma coisa desconhecida. Imediatamente coloquei em campo as empresas fundamentais e principais da região e as Câmaras Municipais. Rapidamente cheguei á conclusão que todas as escolas tinham tomado mais ou menos o mesmo caminho, e que as Câmaras Municipais tomaram como preferência a Escola do seu município. A ESDIME, por uma questão de proximidade, aparece-nos como elo de ligação entre a Escola e essas empresas do meio. A ESDIME servia de ponte e estabelecia as ligações que nós precisávamos. Como é que surge a ESDIME neste processo? Surge como parceira. Entretanto avançamos no Projecto com as primeiras consultas a profissionais no âmbito da área-escola. Tivemos grande dificuldade na área-escola em conciliar toda a parte curricular - portanto as matérias que são leccionadas nas diferentes disciplinas - com o projecto em si. E porquê? Porque estávamos a ver a área-escola como projecto extra-curricular, como projecto auxiliar, como uma inserção do aluno no meio mas isto tudo muito difuso - não tinha havido ainda formação, as pessoas estavam mal esclarecidas.*

Desta forma a primeira coisa que vamos tentar fazer, é, pouco a pouco, libertar a própria escola, abrir a escola ao meio. E como é que fazemos isto? A primeira etapa passa por uma sondagem, feita a nível desta escola, para conhecer todos os constrangimentos que existem na adolescência relativamente às profissões, à inserção da vida activa e relativamente ao espaço escola: como é que os jovens vêem a escola. Foi feito então proposto um inquérito, que foi feito ao nível dos complementares e dos alunos do 9º Ano. Era um inquérito bastante grande - feito em cerca de hora e meia - e que fazia o levantamento completo - dava para cruzar várias variáveis - e cujo resultado prático foi uma coisa extremamente morosa... esses inquéritos foram tratados estatisticamente. Entretanto, a ESDIME, já está dentro da Escola e ao estar dentro da Escola já tínhamos parceria. E o que é que acontece? Vamos desenvolver este trabalho. As coisas não podiam ficar por aqui e por dois motivos: primeiro porque se tratava de jovens e a credibilidade dos jovens é directamente proporcional àquilo que nós temos para lhes oferecer. Se nós dizemos ao jovem que isto vai acontecer e se depois não acontece nada ele, para o ano, não nos aceita, porque acha que aquilo não tem credibilidade. ao passo se nós dissermos que isso acontece e acontece mesmo, então ele a partir daí vai-se começar a envolver com este tipo de trabalho. E se se envolve com determinado tipo de trabalho ele vai até ao fim, não mede consequências, não tem medos, tudo o que tem de jogar de si próprio dá e cede o tempo. Nós tivemos uma afluência enorme de pessoas em horário

extra curricular, mesmo em alturas de maior aperto, quando tinham mais de estudar, eles estavam presentes. Desses inquéritos todos, a nível de mais valia, o que é que nós retirámos? Queríamos saber o que é que faltava na Escola e que nós pudéssemos oferecer para tirar como contrapartida para os jovens o sentirem-se melhor no espaço da Escola. E surgiram várias ideias, sendo mais generalizada a Rádio. Fizemos um concurso e dissemos: quem quiser a Rádio na Escola faça favor de a fazer que nós apoiamos em termos de projecto. Conseguimos o projecto; mas há duas condições: nós não vamos trabalhar nisso, se alguém trabalhar tem de ser uma comissão de alunos, se as coisas resultarem então vocês estão aptos a desenvolver a vossa Rádio Escola. Ao fim de três meses tínhamos uma Rádio Escolar, equipada e tivemos de dar formação aos alunos para poderem mexer com a parte técnica; tivemos contactos com algumas rádios locais e acabámos por dar formação aos alunos da Escola Básica 2/3 que aqui vieram aprender com os nossos alunos.

Voltando à questão da decisão, esta foi uma experiência piloto que veio por acaso, por não sabermos bem o que era a área-escola e surge como ligação ao meio. Quando se instala a ESDIME começamos a ver que há uma grande potencialidade na inserção dos jovens no meio e acima de tudo dentro do espaço escola. A ESDIME poderia ajudar-nos nesta tarefa ...

1. (a) - *Desculpe interromper. Essa foi uma decisão tomada pelo Conselho Directivo, foi uma decisão tomada por algumas pessoas, passou pelo Conselho Pedagógico?...*

B *⇒ Em primeira instância a autorização foi concedida pelo Conselho Directivo. Nós tivemos algumas reuniões preliminares para combinar as coisas... A Escola destacou-me como coordenador da área-escola e com o objectivo de fazer a ligação com o meio. Estabeleci contacto com o sociólogo da ESDIME, e depois comecei a juntar professores da Escola que vieram a colaborar em áreas específicas como foi o Jornal da Escola e a Rádio. Mais tarde aparecem duas sociólogas da ESDIME, as quais estavam a desenvolver um projecto sobre os constrangimentos e estereótipos das mulheres, e vêm fazer acções com alunas do Ensino Secundário, tentando criar maior abertura, divulgar possibilidades de trabalho para as mulheres, fazer o levantamento do trabalho da mulher na família, isto é, algumas acções ... Quando se chega à concepção do Projecto, avançamos com todos os requisitos: Projecto foi elaborado por mim e pelo Vice-Presidente do Conselho Directivo. Estava estabelecida a parceria: tínhamos a Câmara- que nunca se divorciou do projecto - a ESDIME e a Escola. E as acções começaram todas a ser concertadas através destas três instâncias.*

1. (b) - *A Escola que era representada por si e por essa comissão de professores directamente a trabalhar no Projecto?*

B *⇒ Sim. Eu tomava as decisões juntamente com o C.D. e com a ESDIME. Estávamos numa fase muito inicial. No ano a seguir, quando é feita a divulgação de alguns dos dados resultantes do inquérito, avança-se para um projecto, que não é ainda o "Á Descoberta...", era um projecto piloto. No ano anterior tínhamos feito introdução do meio na Escola. Tínhamos posto os alunos em contacto com a ESDIME, com os sociólogos, com a Câmara. Estávamos no ano em que íamos tentar fazer ao contrário: pôr os alunos em campo, nas autarquias, nas juntas de freguesia, pô-los em contacto com o meio levando-os a ver os artesãos, as profissões tradicionais, fazer um estudo da própria região. Isso foi feito logo no início do ano, ao mesmo tempo que desenvolvíamos os projectos ao nível da Escola como por ex. a Rádio, etc. Como é que isto foi feito? Ai fomos para o C.P., é nomeada uma comissão, algumas coisas são introduzidas na área-escola mas toma-se uma nova consciência da área-escola a qual começa a funcionar interdisciplinarmente, congregando trabalhos das diferentes disciplinas, no âmbito dos conteúdos, sempre com carácter mais específico; outra coisa foi tornar mais restrito o âmbito dos projectos da área-escola uma vez que concluímos que os grandes projectos com que começamos, por muito que fizessemos era sempre pouco. Por isso vamos restringir o espaço da área-escola, deixá-la mais dentro da própria Escola. É neste*

contexto que com a ESDIME promovemos algumas acções, nomeadamente o melhoramento dos espaços verdes, a higiene a nível da Escola, e ao mesmo tempo o próprio C.D. avança com um estudo sobre as saídas de emergência que é posto em prática. Desta forma a ESDIME começa a desenvolver um projecto mesmo no interior da Escola e vai alargar o projecto a outras escolas.

Aqui a nossa concepção geral foi criar uma comissão de alunos, e a partir daí seriam os próprios alunos a gerir as suas ideias e desenvolverem a capacidade de concepção. Eles faziam coisas, eram apoiados pelo Projecto. Tinham de procurar financiamento, tinham de procurar os seus parceiros, tinham de fazer um estudo de mercado das acções que iriam desenvolver no meio. E eles fizeram isso tudo em 95/96. O que é que isto leva? Ao estabelecimento da Rádio escola ... entretanto começam a aparecer grupos de alunos muito dinâmicos: cria-se um atelier de pintura, uma ludoteca, é aumentado o espaço da biblioteca, é este mesmo espaço informatizado, faz-se um museu da Geologia ... tudo feito por alunos e para alunos. Os professores eram apenas agentes orientadores até porque não temos tempo na acção educativa de libertarmos muito tempo para isso, os curriculos são extremamente pesados, daí que têm de ser eles a fazer estas coisas. Marcávamos uma reunião todas as quartas feiras para coordenação das acções e os alunos trabalhavam sozinhos nos seus diferentes pólos. Assim conseguiram grandes articulações com o meio; conseguiram chegar a outras instâncias, como a D. Regional, a qual fez uma auditoria sobre o que é que se estava a passar, sobre o que era o Projecto "À Descoberta...", a própria ESDIME teve encontros com a Directora Regional para que ela soubesse o que é que se passava aqui.

As razões determinantes que levaram a isto foi a maior inserção da Escola e do meio. Estávamos ainda numa fase embrionária e depois teve outros desenvolvimentos. Temos neste momento na Escola o Projecto "OKAY" que é gerido pelos próprios alunos e que é a hipótese de os alunos poderem formar um núcleo, em que os alunos têm a sua própria autonomia, isto é, fazem do espaço escola qualquer coisa que é deles, e pelo qual eles são responsáveis....A partir do ano que vêm vai depender um pouco do C.D. a capacidade de conseguirmos renovar todas estas ideias...

Os projectos da ESDIME começaram por via da minha própria posição como delegado de grupo e a intervir no espaço do grupo, depois começou nas turmas do Ensino Secundário até chegar a toda a Escola. É muito difícil entrar no espaço Escola. A minha dupla posição deu-me para ver que era muito complicado ultrapassar determinados preconceitos...

2.

B ⇒ O grande projecto foi a criação do Núcleo. O que é o Núcleo? Ainda quero vê-lo funcionar em pleno. Queremos que estas coisas cresçam, porque estamos a lidar com mentalidades muito antigas. Estamos a mexer em mentalidades dos alunos - que se calhar são as mais fáceis porque estão em constante mutação - com as dos Encarregados de Educação - para quem os alunos vêm para a Escola para estudar e não ter outro tipo de actividades - dos próprios professores que vêm na Escola um espaço em que é preciso dar a matéria, privilegiando os testes sumativos acima das acções que os alunos possam desenvolver; e depois com outro caso muito complicado: nós aqui estamos a trabalhar com boa vontade e sem avaliação. O que é que isto significa? Não há uma avaliação sobre o aluno, ele não é beneficiado em termos de currículo, nem sequer de níveis atingidos por fazer isto, quando afinal temos alguns alunos que em termos cognitivos têm poucas capacidades reveladas no ensino normal e depois numa acção destas são líderes. E isto às vezes faz-nos pensar a nível de Escola. A grande aposta que nós fizemos foi exactamente conseguir a autonomia dos alunos no espaço da Escola. Veio também ao encontro do que se passa ao nível do Projecto Educativo. Portanto, na primeira intervenção da ESDIME, foi uma exigência nossa, a subordinação ao Plano de Actividades: a ESDIME iria participar no P.A., que estava definido pela Escola, e nunca ao contrário. Nós nunca trabalhamos um P.A. por saber que a ESDIME nos apoiava desta ou daquela maneira, nós garantimos a nossa autonomia e a ESDIME é que teve de ter

capacidade de se inserir. Entretanto posso dizer que, da total receptividade da ESDIME, que inclusive criou postos de trabalho específicos para a área jovem e procurou os apoios de empresas da região, caso da SOMINCOR, que durante um ano subsidiou grande parte do Projecto "À Descoberta...". E, o que é que nós, Escola, procurámos fazer? Este Núcleo de alunos, com autonomia para fazer da Escola o espaço que eles querem, em que o professor educador seja alguém que é respeitado pela sua própria posição, aceite como um par e que tenha um papel apenas de orientador - não coordenador porque coordenador é um director disfarçado enquanto que orientador é uma pessoas que faz os trabalhos no terreno, vive no espaço destes alunos.

Esta era a nossa aposta. Digamos que a grande intenção era fazer aquilo que nós chamamos um Centro de Orientação Profissional, uma coisa que faz o encaminhamento, a informação e a colocação dos alunos, tudo isto a partir da Escola e a congregar o apoio da Câmara e a servir uma região. Estes projectos em termos teóricos fazem-se muito rapidamente, em termos práticos demoram muito tempo, e é preciso ter muita paciência, isto tem avanços e tem retrocessos; é preciso parar este ano numa Escola para avançar noutra- também nos convêm levar as escolas todas no mesmo pé - e é difícil a comunicação entre as Escolas, as pessoas normalmente não estão disponíveis. O Centro de Orientação Profissional teria uma base de dados - eu fui inclusive, na altura, contactado pelo núcleo de acesso ao E. Superior de Beja que se dispôs a partilhar a base de dados que existe na Delegação de Beja, para com as E. Profissionais e todos os tipos de Ensino Artístico, etc. Pretendíamos que o aluno no 9º Ano, quando tem de tomar a sua decisão, para além do encaminhamento, primeiro não sofresse estereótipos relativamente a algumas profissões, e que não tivesse constrangimentos em avançar para aonde queria, ... é tão ambicioso que é isto: que os estudantes possam realmente prosseguir os estudos que querem e não aqueles que as notas deixam, o que é extremamente complicado. Nós, pela experiência que tenho destes últimos quatro anos, conseguimos fazer isso. Se tivermos uma boa base de dados, se tivermos uma boa comunicação entre as escolas, se soubermos dentro de cada região quais são os constrangimentos e também quais são as apetências que se desenvolvem em termos industriais, comerciais e agrícolas, então tudo isto passa por uma alocação certa de recursos que vão servir as regiões, e onde os jovens podem ser inseridos no contexto de estudar não só na parte teórica mas também ter a parte prática anexa, que lhes permita uma visualização real e não apenas teórica daquilo que acontece. Portanto, se nós tivermos um pano de fundo que permita aos nossos jovens a inserção social deixamo-nos de nos preocupar na Escola como a única alternativa, como aquele depósito de lixo onde cai tudo e nós temos de aturar tudo porque eles não têm alternativa e passamos a distribuir um bocado também as nossas competências. Para a Câmara compete-lhe a partir dos 16 anos a inserção na vida activa, ter cursos técnico-profissionais, vias profissionalizantes que competem às autarquias ter para formar as pessoas para poderem permanecer na sua região e para serem formadas para coisas que possam desenvolver na sua região. Porque o que nós estamos a fazer aqui é formar para mandar embora. E numa região que está extremamente deprimida, eu fico arrepiado quando aparecem cursos de formação disto e daquilo que não tem qualquer elo de ligação com a região. Então nós estamos a formar os nossos jovens para os mandar daqui para fora. Nós queremos inverter esta polaridade: queremos atrair os jovens e atrair os jovens é dar-lhes condições para eles trabalharem, para eles estudarem, para lhes dar qualidade de vida. Se eles conseguirem ter isso na Escola eu não me importo nada que eles tenham um rebanho de ovelhas ali ao fundo do pátio e um pombal a meio, desde que eles garantam que são capazes de fazer disso uma actividade, levar as coisas com seriedade, que sejam capazes de tratar dos bichos, de inclusive os negociar, de fazer técnicas de racionamento ... e se forem capazes de fazer isto e ao mesmo tempo complementar isto com a Matemática que os sirva, com a Língua Estrangeira, com o reflexão histórica que lhe dê importância, então, para além de cultura geral, eu estou a formar técnicos. E se fizer isto a nível da Escola eles não precisam sair daqui, não precisam ir para

uma Universidade onde a nota é que determina para onde vão, para serem alguém. Estou a fomentar então o auto-emprego, a iniciativa de criar o seu posto de trabalho...

2. (c) - Vou interrompê-lo para pôr uma questão: Pensa que, na Escola que nós temos, temos autonomia para criar tudo isso que acabou de referir?

B ⇨ *Eu, como professor, tenho todos aqueles entraves que são mais do domínio linguístico do que outra coisa qualquer, porque depois todos nós damos muito de nós próprios, e às vezes isto acaba de ser subvalorizado por nós. Acho que existe um certo modismo... eu acho é uma coisa: se querem uma Escola melhor e mais gratificante então vamos centrar a Escola no aluno, vamos fazer com que a Escola pertença ao aluno. Isso é mais gratificante, passa a ser um espaço deles e toda a gente estima o que é seu. É um primeiro passo. O segundo passo é o seguinte: vamos começar a distribuir maior autonomia nas cargas horárias, ou seja, não é preciso currículos tão pesados (há poucos dias numa acção de apresentação dos novos programas de Matemática dizia o coordenador: "eu tiro daqui o que vocês quiserem porque eu reconheço que os programas estão pesados. Mas vamos retirar o quem?" Isto corta-nos um pouco as pernas, porque logo, logo, parece que não temos resposta ou então a resposta é tão grande que não temos coragem de lha dar, portanto acaba por ir dar ao mesmo. A resposta todos conhecemos qual é. Não é uma coisa que possa ser posta desta maneira. Não pode ser dito: digam que eu tiro! Tem de ser é feita uma análise em cada região, em cada escola e ver o que realmente é necessário, o que é necessário para aquelas pessoas se sentirem motivadas e interessadas para desenvolverem esse trabalho. Eu nesta Reforma pergunto-me: acrescentam ao programa anterior a História do Pensamento Matemático, é verdade que isto é importante em termos de cultura geral. Mas se eu puser os meus alunos a fazer um trabalho de investigação sobre esta matéria escuso de estar a gastar tempos lectivos com isto. Nesta perspectiva eu tenho de lhe arranjar bibliografia, recursos para fazerem isto. E então chego a esta conclusão: se tivesse num centro urbano em que houvessem várias bibliotecas, onde tivessem vários recursos que pudessem consultar, mas aqui nem há nada... Que fazer? Vamos lá então ver uma coisa: trata-se de homogeneizar o ensino, trata-se de dar igual oportunidade, como vem na Lei de Bases, a todos os alunos, ou então esquecem-se das zonas rurais, das zonas deprimidas onde não existem recursos e os alunos tem de fazer a mesma coisa. Por isso enquanto um colega meu de Lisboa pode dizer: " meus amigos façam um trabalho sobre ... ", eu aqui tenho de dizer: " eu vou procurar arranjar fotocópias para vocês terem base para o trabalho" e depois aparecem 10 ou mais trabalhos todos iguais. Isto do meu ponto de vista diz-me que não temos um ensino moderno; precisamos é de diversificar, precisamos de um ensino mais prático, mais técnico, que valorize essencialmente os valores das regiões onde está a ser ministrado e que tenha igual capacidade de afirmação perante todas as outras regiões...*

2. (d) - Mas isso passa pela definição de uma nova política educativa, e a questão que eu coloco é qual é a autonomia que a vossa Escola tem para pôr em prática tudo isso? Considera que existe autonomia?

B ⇨ *Primeiro tinha de ter autonomia financeira. E a autonomia financeira é um pau de dois bicos. E nós, que vivemos aqui, sabemos disso. Sabemos que, em termos de autonomia financeira, as coisas brilham, fica tudo muito bonito, mas é um facto que não nos podemos comparar com uma Escola no Vale do Tejo que tem 20 ou 30 empresas em volta, todas a pedir formação de quadros técnicos, todas a pedir um tipo de ensino, todas a subsidiar acções.... Nós aqui temos uma, foi a SOMINCOR e esta é uma mina e como tal tem um período de vida. Tira-se o que lá está e depois fecha-se... Outro tipo de autonomia? Vamos lá ver uma coisa. Nós não podemos eternamente a apostar que o professor para além da acção educativa, para além do educador que é, para além da avaliação, tenha de se disponibilizar, de graça, para fazer este tipo coisas. Tem de haver uma selecção, e essa selecção seria os professores que querem fazer determinado tipo de acções e isto devia fazer parte não só do Projecto de Escola*

mas de um projecto a nível nacional, muito mais abrangente que a área-escola, e que era a disponibilidade de certos professores terem um horário reduzido para se poderem dedicar à inserção dos jovens no meio.

2. (e) - E enquanto C.D. acham que isso é possível fazer agora? Que é possível dentro dos normativos existentes? Pensam que têm autonomia para fazer essa gestão dos recursos humanos que têm?

A ⇒ *Penso que não. Existem restrições, limitações muito significativas e eu não estou a ver a Escola avançar com esse tipo de processo.*

3.

B ⇒ *Em relação à aceitação... a avaliação - eu sei que a ESDIME tem uma avaliação mais concreta e por isso vou fugir um pouco daí - A grande aposta foi no envolvimento dos jovens. E a resposta que tivemos foi na candidatura ao "Projecto Fixe", que no fundo era para os alunos fazerem um projecto, à sua escala, e mesmo a coisa mais absurda que pudesse parecer. E, aqui na Escola, tivemos nove projectos, alguns deles englobando grupos de 10 alunos, num total de setenta alunos envolvidos, ou seja mais de 10% da população escolar. Partindo do princípio que eles alunos iam do 9º Ano até ao 12º Ano quer dizer que houve da parte dos jovens uma aposta nisto.*

Por parte dos E.E. não lhe chegou lá. Como já disse antes, os jovens encontram na Escola algo de pouco desafiante que é estudar para ter boas notas, mas para os pais é este o objectivo. Os pais mandam os filhos para a Escola para eles terem boas notas, para eles entrarem na faculdade. Há muito pouca percepção por parte dos pais que eles vêm para a Escola para serem cidadãos, para serem educados. Isso é uma das coisas daquela reforma de mentalidades que é necessário fazer. Por outro lado, os meus colegas têm sido receptivos a determinado conjunto de ideias, têm acompanhado isto, mas não têm também a mesma abertura, porque isto não é um trabalho remunerado, é um trabalho sem horas extraordinárias e portanto não há uma compensação, e às vezes, eles têm de optar entre ficar em casa a corrigir testes ou vir para a Escola para ter uma reunião com os alunos para, por ex. fazer um intercâmbio com uma Escola da Estremadura Espanhola - uma das coisas que aqui teve abertura. Projectaram-se algumas acções que envolviam também os E.E., um intercâmbio com as regiões autónomas - eu penso que devemos começar pelo território nacional; não me importo de fazer um intercâmbio com uma Escola de Trás-os-Montes, desde que eu possa levar para lá alguns alunos e possa receber cá alguns alunos, aquele conjunto de família com família. E o que é que é preciso fazer? Aí entra o trabalho da psicóloga: é preciso fazer uma avaliação de como são as famílias, fazer um estudo prévio - porque isso ultrapassa os limites daquilo que eu conheço - para vermos se conseguimos um grupo de alunos que faça este intercâmbio. E como vai funcionar este intercâmbio? Vamos fazer um levantamento das características da nossa região, vamos estudá-las para depois ensinarmos aos outros como é que elas são, para recebermos em troca o mesmo. Os miúdos adoram isto porque vão passear... o mais aliciante era ir às regiões autónomas e para isso envolvemos os pais. E estes são envolvidos só nas reuniões de final de período, que são reuniões fundamentalmente em que os D.T. estão com o constrangimento de ter de explicar aos pais a avaliação que foi feita. Há uma leitura errada daquilo que a L.B.S.E. determina: o pai, o E.E. deve ser um participante activo na educação do filho e não um avaliador daquilo que os professores fazem. Se os pais vierem à Escola e houver uma frequência de contacto, mais assídua, com o E.E. se calhar não se sentem no direito de vir criticar se o professor dá más ou boas notas, porque não sabem em que condições, não sabem a maior parte das vezes qual a caracterização da turma dos seus filhos - o que me faz muita confusão - não sabem que idade têm os colegas dos filhos, se são mais rapazes ou raparigas, não sabem se são bons ou maus alunos, não ligam a comportamento e depois ficam admirados do seu filho estar numa turma que eles classificam

de má por ter pouco aproveitamento, e esquecem-se de avaliar que isso acontece muitas vezes porque os alunos já vêm com problemas de anos anteriores em determinadas disciplinas...

3. (f) - Mas isso não é feito na Escola no início do ano lectivo?

B ⇨ *É feito, mas nessa altura a maior parte dos E.E. não vêm à Escola. Eles estão muito ausentes da Escola. E estou a falar das turmas em que os E.E. vêm. Nós estamos cansados de só receber E.E. dos chamados bons alunos, daqueles que têm bom aproveitamento....E isto porque os pais estão numa tentativa de perceber o que é a Reforma curricular ... [e sobretudo a preocupação é, para onde vai o meu filho para o ano? O que será melhor para ele terminado o 9º Ano? Para onde ele se irá encaminhar?... Ai está a tal consciência. A formação - para a qual nós não temos apoios, para o tal Centro de Orientação Profissional- a orientação profissional, quando os jovens têm de decidir no 9º Ano aquilo que vai ser eventualmente uma carreira - e vamo-nos deixar de utopias de eles irem para a via profissionalizante e depois candidatarem-se a uma universidade sem uma disciplina de Matemática onde eles com três anos não conseguem bons resultados, ou um aluno do 3ª Curso poder candidatar-se a Medicina sem nunca ter tido Química, deixemo-nos de utopias...*

A ⇨ *Já agora esse aspecto do encaminhamento, da orientação profissional, nós todos verificamos que há uma aceitação, não só da parte dos alunos, como dos E.E. e do próprio C.D., havendo uma adesão imediata a essa acção porque compreendemos, como professores e como pais, que é de uma importância extrema para a Escola e para os alunos. E esta acção tem estado a ser desenvolvida...Este ano só temos a psicóloga da ESDIME. O ano passado é que havia as estagiárias. E temos três turmas do 9º Ano...*

B ⇨ *Mas a psicóloga também faz orientação a partir do 8º Ano. Acho que o papel desempenhado pela psicóloga é determinante para o encaminhamento de alguns jovens. Só peca por ser tardio. Se começasse logo no ensino preparatório, p. ex., a coisa que mais efeito tem tido sobre os jovens, foi a apresentação dos Profissionais à Escola. A primeira coisa que nós fizemos foi confrontá-los com determinados estereótipos que existiam à volta das profissões, e neste momento ultrapassou completamente esse âmbito e está na apresentação da profissão, e o que é um facto é que coisas que não nos passavam pela cabeça, porque absurdas, estão completamente ultrapassadas. Os jovens já deixaram um pouco de ver só como importante um curso clássico - Medicina, Direito, ... - e começaram a querer saber como é ser professor, como é que se abre uma loja, como é que se cria um grupo desportivo... isto ultrapassou o âmbito daquilo que vulgarmente se considera a profissão e passou a ter um carácter mais associativo. Portanto, o que é que os nossos jovens desenvolveram nestes últimos três anos? Primeiro: a capacidade de comunicar e de argumentar; segundo: a capacidade de associar e ter ideias em comum; terceiro: a capacidade de fazer coisas em grupo. E os nossos jovens aqui, eu posso provar por a mais b, que estão treinados para trabalhar em grupo.*

3. (g) - Considera que isso foi via Projecto?

B ⇨ *Foi fundamentalmente...E depois há uma coisa. Eu não gosto de dizer isto porque parece um auto-elogio, mas para continuarmos a ver como o pai deste projecto, de forma que quando os alunos pensam em fazer qualquer coisa imediatamente vêm ter comigo a perguntar se é possível fazer. E porque eu digo: " aos jovens nunca digas que alguma coisa é impossível porque Deus está à espera há séculos que alguém diga isso para mostrar o contrário"- portanto tudo é possível, mas quem vai fazer são vocês. A última coisa foi se podiam fazer um encontro de "bicicletas" com o "pessoal das várias escolas" ...*

A ⇨ *E já agora, uma achega. O espírito de equipa, o desencadeamento do trabalho em grupo, também isso acontece nos chamados cursos tecnológicos onde há uma propensão da própria matéria, cujo currículo está mais relacionado com a vida activa, e nós temos o*

cuidado de organizar vários trabalhos que são elaborados pelos alunos em grupo, que tem mais a ver com matérias ligadas à vida profissional, aqui, no Curso Tecnológico de Administração, isso acontece nas cadeiras de formação técnica.

4.

B ⇒ *A inter-relação estabelecida - a autarquia é um órgão privilegiado até porque é aquele que está mais próximo e tem condições e responsabilidades ... Até à data em que este projecto foi iniciado a Câmara era um agente que ajudava a Escola. As Pirites Alentejanas eram uma empresa que ajudava a Escola. Eram um recurso financeiro... precisamos de uma carrinha e vamos à Câmara, precisamos dinheiro e vamos à Câmara... Neste momento só nos falta assinar um protocolo para integrar a participação dos jovens nos eventos da Vila e preparar isso no Plano de Actividades da Escola. É tão simples quanto isto: eu, p. ex., farto-me de rir quando vejo, na TV, perguntar a um jovem de 17 anos o que é o 10 de Junho e ele não saber. Mas o que é um facto é que nós não ensinamos. Será que é ele que tem obrigação de saber ou nós que temos obrigação de ensinar? Porque é que não se festeja o 10 de Junho e não se põe os jovens em colaboração com a Câmara a festejar o 10 de Junho? Eles participam no Carnaval porque é uma festa, mas há outras actividades de âmbito cultural que também podem ser uma festa e os nossos jovens não podem ficar limitados a ir para uma barraca vender refrigerantes e dizer-se que aquilo é a Escola... Eu gostava que os alunos da minha Escola tivessem uma representação na OVIBEJA. Mas se a Câmara já tem dificuldade em arranjar material para levar para a Feira, ainda por cima numa altura caracterizada de crise, como é que a Escola, como um pólo muito mais infimo, pode ter essa capacidade? Mas se não for a Escola mas o conjunto das cinco Escolas e aí voltamos ao problema da comunicação. É que as escolas da região têm características comuns à própria região e têm de dar as mãos, temos de estabelecer esta rede, porque só uma Escola tem uma expressão muito infima, mas se forem cinco escolas há novas ideias, há uma renovação de mentalidades muito mais rapidamente, há maior capacidade de fazer coisas em termos não só interdisciplinares mas inter-escolares, o que é bastante benéfico, faz desaparecer alguns estereótipos relativamente à capacidade de nós fazermos pela primeira vez uma coisa com alguém que é extremamente importante... e depois qual é o papel da Escola? É também o papel formador. Formar para a cidadania é introduzir nos jovens valores, provocando o estabelecimento e a concretização de atitudes que permaneçam em termos de cidadania, que sejam valores nacionais. Por isso é pô-los a trabalhar no 10 de Junho, no 5 de Outubro ... é pô-los a participar no dia da árvore não só plantando uma árvore mas estabelecendo os Dez Mandamentos da Preservação do Meio Ambiente ou então pedir à vila toda para nesse dia tratar do lixo de maneira diferente, e então faz-se uma acção, num dia, em que a Escola está viva e está presente na comunidade... Aqui a Escola e a Câmara são efectivamente parceiros... P. ex. há um auditório na nova Biblioteca então porque não são os jovens a animar esse espaço? Então as nossas conferências, que são feitas no salão de recreio, podem passar a ser feitas lá no anfiteatro, sendo esta uma forma de levar lá as pessoas, de conviverem com aquele espaço, desmitificarem a ideia que aquilo é um espaço inerte, ...ou seja, se nós quisermos tomar o pulso de uma região observemos a juventude: se for palpitante a região é sadia, se não for então a região está completamente doente... E aqui temos o grande papel da Escola.*

5.

A ⇒ *Essas reuniões têm tido lugar, penso que têm sido bastante úteis e os resultados em termos de interesse e auscultação dessas vocações têm sido encontradas... Nós não temos elementos para poder afirmar que houve alterações em todas as disciplinas, de qualquer modo eu penso que não será uma influência imediata, mas sim ao longo do tempo que essas influências sentir-se-ão...*

B ⇒ *Há aqui algumas questões que são reflexo, na minha opinião, de alguma mudança de mentalidade que se pode observar já. Primeiro a preocupação dos alunos em criarem*

competências ao nível do 9º Ano para escolherem o agrupamento do 10º. Até agora eles vinham com negativa a Matemática mas inscreviam-se no 1º agrupamento... e agora não o fazem, têm maior consciência, ao verificarem que não têm competência para aquela área não se matriculam. Outro reflexo é o seguinte: são os alunos que escolhem os profissionais para as conversas e, como já disse, houve um afastamento de alguns estereótipos. Eles começam a querer coisas que acham que são mais palpáveis, que são mais fáceis de alcançar. E por isso veio cá à Escola um mecânico, um pintor profissional, um engenheiro da mina, um autarca,... e todos eles conversam, indagam, vão à procura.... E depois o crescente número de alunos que procuram a orientação vocacional mostra-nos do interesse dos jovens. Eles lêem, eles vão à procura, informam-se... Alguns alunos que chegaram ao 12º Ano concluíram que se enganaram e estão neste momento a comunicar para as Universidades- eu o ano passado, como já disse há pouco, pedi um trabalho sobre a História da Matemática. Houve um grupo de alunos que escreveu para 50 instituições de ensino superior e a única coisa que tiveram de fazer foi compilar a informação que receberam a qual veio em grande quantidade - isto mostra que há qualquer coisa que mudou... Como diz o meu colega os efeitos da orientação profissional só se vão ver daqui por muitos anos. Mas a capacidade de intervir, de argumentar que os jovens têm não é a mesma que havia anteriormente... Há uma abertura muito maior. O número e associações que existem fora da Escola e que são os próprios jovens a dinamizar ... Se chamam a esta geração rasca então dêem-lhe uma oportunidade. Nós estamos numa fase em que à questão: como é que motivamos um jovem? não temos resposta, não sabemos. Eles é que sabem como é que querem ser motivados. Nós não temos nada para lhe dar. Temos ensino, temos um academismo forçado, temos um currículo pesadíssimo, uma avaliação que nós próprios sabemos que é do mais heterogéneo possível: muda de escola para escola, de professor para professor. Não temos nada para lhes dar porque eles não conseguem entrar na Universidade no curso onde querem, vão para o curso para que podem, excluindo os que formam uma elite- a que eu chamo a elite do 16 para cima - porque quem consegue aí chegar tudo bem e os que não conseguem sentem-se mal... Segundo, acabaram com os níveis de retenção, etc e há uma grande crítica acerca disso. Eu penso que isso nunca foi crítico. O crítico é a qualidade de ensino que se pratica e o nível de aprendizagem e não o caso da retenção que vai trazer mais ou menos aprendizagem....

A ⇒ Eu subscrevo todas as suas últimas afirmações. Penso que o papel do professor é fundamental, porque tantas e tantas vezes nós sentimos que os alunos têm problemas de base e conseguimos dar a volta, conseguimos motivá-lo. O factor mais importante da nossa acção talvez seja o da motivação do aluno. E claro esses resultados deixam-nos satisfeitos... tantas e tantas vezes entram com más notas e acabam com notas razoáveis.

6.

A ⇒ Isso vem na sequência daquilo que já foi dito à pouco. É evidente que poderá haver uma influência de abertura. É certo se a comunidade em que a Escola se insere é aberta, é participativa, é evidente que há realmente uma influência, e se a Escola for receptiva a essa influência... Evidentemente que essa interactividade tem de existir e só assim é que consegue a mudança. De outra forma o "status quo" continuaria tal como estava ... A Escola ela própria poderá ser um motor - porque não? - evidentemente que tem de se adaptar à comunidade em que está inserida, ela própria ser impulsionadora desse próprio movimento de abertura, de ligação...

B ⇒ Há duas críticas que aqui me ocorrem. A primeira, nós temos um quadro docente extremamente volátil, os professores não se podem vincular aos processos. Processos desta natureza envolvem obrigatoriedade de permanência de dois ou três anos, porque só após esse tempo vêem resultados práticos da acção que foi desenvolvida. A volatilidade dos quadros é enorme e o que acontece é que as pessoas não se empenham até porque estão de passagem. A primeira coisa a mudar é este estado de coisas. Criar um quadro de permanência maior, um

quadro de vinculação maior, ser mais fácil as pessoas conseguirem o grau efectivo,... e fazer uma coisa que eu considero de extrema importância: é fazer a seriação de quem quer ser professor e quem está aqui porque não tem mais nada para fazer. E nós temos de apostar nos professores, professores mesmo. Porque não vamos facilitar a vida a um professor que quer mesmo ser professor, não vamos recompensá-lo em termos de remuneração inclusivamente, porque é que a nossa profissão não tem o reconhecimento que algumas têm, é sempre conotada como uma profissão de uma certa pobreza, afinal nós somos intelectuais e intelectuais mal pagos e ainda por cima trabalhamos com fé. Esta foi a minha primeira questão. A segunda é esta: eu não sei como as escolas são, porque eu há muitos anos que estou nesta e elas no fundo são todas iguais mas todas diferentes, diferentes porque a escola tem de se caracterizar na região - embora isso muitas vezes não aconteça porque o quadro é extremamente volátil - e por outro lado, porque às vezes há razões de ordem interpessoal, razões de ordem política, económica, uma certa competitividade [alguma conflitualidade dentro das escolas?]... mas eu vejo essa conflitualidade não tanto a nível de uma escola mas ao nível regional: as escolas competem por isso e por aquilo, divorciam-se um bocado umas das outras e ficam muito contentes quando conseguem uma migalha e esquecem que se houvesse a tal rede em vez de uma migalha conseguiam um bem que era comum a todos.

Esta parceria, acima de tudo, pode-se dizer como uma relação de simbiose. A ESDIME precisa da Escola que é instrumento de trabalho, que é material, que é aqui que estão os dados. A Escola serve-se da ESDIME para tirar contrapartida em termos de financiamento para algumas acções que aqui são desenvolvidas.... A Câmara também tira contrapartidas e serve também a Escola... O que é que acontece? Nós estamos a fazer coisas para os alunos e estamos a responsabilizar acima de tudo os alunos para estas coisas. Quando eu há pouco disse que tinha sido feito uma auditoria à Escola sobre a relação com a ESDIME através da D.R. isto quer dizer que isto já chegou lá acima, e se chegou é porque houve resultados práticos que foram veiculados por alguém. Perante os factos, as evidências que lhes foram postas à frente, perante as mudanças que isto tudo provocou, as pessoas tiveram de se render. Nós estamos a fazer coisas boas, não ocupamos horas do horário normal,... e ainda por cima estamos a oferecer coisas aos nossos jovens e estes quando saírem da Escola poderão dizer, para toda a vida, que aprenderam coisas na Escola Secundária. A afirmação da autonomia da Escola é a afirmação que a Escola existe na cabeça de cada um destes jovens. Eu penso que não é o reforçar de uma autonomia, há a existência de uma autonomia, há uma política interna que faz isso. Quando isso acontecer - a assunção no mesmo território educativo de uma política global local - é, penso, pressuposto a existência de várias coisas: capacidade de integração dos jovens na região, é o primeiro passo - porque as políticas fazem-se quando as pessoas cá existem - portanto é abandonar todo aquele conformismo que faz com que o jovem tenha de ir estudar para fora da região. Primeiro facto: Se a Escola, por meio destas acções for capaz de vincular o jovem à sua região, dar-lhe a possibilidade de conseguir trabalho nessa região e satisfação em termos de qualidade de vida, aí há uma aposta. Em termos de uma política - as políticas não se pode fazer sobre temas pontuais, a política é uma coisa global - portanto, uma política educativa acredito que exista a nível nacional só que não é adequada a nível das regiões. Eu acho que havendo uma política regional de educação que tenha a supremacia de valorizar o meio, que tenha a capacidade de integrar o local (?) e que congregue várias escolas que tenham características e denominadores comuns, eu acredito que nesse sentido há já qualquer coisa que possa ser embrionário, que é a capacidade de conceber a Escola como uma rede alargada e pôr em contacto as diferentes Escolas ... Penso que nunca foi intenção da ESDIME criar uma política diferente, foi aproveitar uma riqueza que tem muito mais para dar do que aquilo que está a ser conseguido..

6. (h) - Relativamente à Escola: há alguma articulação entre o trabalho desenvolvido nas diferentes Escolas deste concelho: Básicas de 1º, 2º e 3º ciclos e a Escola Secundária?

A ⇒ *Pelo menos em termos de rede escolar terá de haver um mínimo de colaboração...*

6. (i) - A rede escolar foi decidida por vós ou imposta pela D.R.? Porque é que a oferta se limita a estes cursos tecnológicos do 3º Agrupamento em toda esta nossa região?

A ⇒ *De uma forma geral há propostas dos Directivos de ambas as escolas e essas propostas são sancionadas pela D.R. E o problema que coloca é geral, não se põe só ao nível destes concelhos. Tem havido uma maior preocupação em abrir, por todo o lado, cursos tecnológicos ligados aos serviços administrativos e comerciais... Constata-se isso... Fazemos exactamente a mesma leitura. Foram motivos económicos e financeiros...*

B ⇒ *Essa questão, em parte já foi debatida. Há pouco fugi à tal política regional - até porque não estou a ser capaz de definir o conceito - para resultar uma conjuntura deste tipo tem de haver um levantamento das potencialidades é das características da região e a Escola tem de se adequar a dar resposta a esses problemas no sentido de vincular as pessoas à região, no sentido de criar trabalho, de criar riqueza, tem um pouco a ver com isto e as escolas não podem continuar de costas voltadas. Eu, por ex., tenho muita dificuldade em comunicar com as Escolas. Mas se a nível da ESDIME marco uma reunião com os C.D. das cinco escolas para debater p. ex. a integração das "Conversas com Profissionais" nos P.A. das Escolas eu tenho pessoas das cinco escolas. As escolas, no fundo, andam à procura de soluções e por isso quando aparece qualquer coisa como a ESDIME que financia, que abre possibilidades e ainda por cima promove, as escolas estão lá com as mesmas ansiedades, com os mesmos problemas a tentar resolvê-los. Depois a comunicação entre as escolas torna-se extremamente difícil. Então, se nós fossemos capazes de conceber um plano interescolar de actuação, se a rede escolar desse voz e desse razão a esse plano então, nessa altura, poderíamos falar numa política regional de ensino. E se, acima disto tudo, conseguíssemos formar jovens, vinculá-los à região e fazer com que a personalidade da própria região fosse marcante a nível nacional, ainda mais reforçado seria. Do ponto de vista da concepção de associativismo entre as diversas escolas aí considero que este projecto é um embrião. Mas não consegue ultrapassar o divórcio continuo que há entre as várias escolas. Porque eu consigo trabalhar ao nível da ESDIME com várias escolas diferentes - o Projecto Gira Escola- mas agora pô-las a comunicar é difícil. A escola, per si, para ser impulsionadora desta dinâmica tinha de ultrapassar um certo conformismo, tinha de ter um quadro efectivo mais coerente com as necessidades que existem a nível regional. teria de haver uma parceria constante entre as autarquias e as Escolas - porque tudo depende das autarquias - tinha de haver uma rede escolar abrangente que desse resposta ...*

6. (j) - Desculpe interromper. Quando fala na grande ligação com a autarquia - e sabendo que nós, na prática, da existência de uma cultura de dependência na Escola - não poderá essa articulação levar à municipalização da educação, no sentido em que a Escola perdendo uma dependência fica sob outra dependência?

B ⇒ *Estamos a falar de parcerias. Portanto o que quero dizer é: nunca podemos divorciar a autarquia das escolas e por um motivo muito simples: os trabalhos são complementares. Se nós não conseguirmos formar na escola um cidadão esse individuo sai do âmbito da Escola e entra no da autarquia. Por um lado eles descarregam para nós o que não podem fazer ao jovem, também nós lhe damos um subproduto que é o que não conseguimos fazer dos jovens, e que lhes vai cair em cima em termos de desemprego, de marginalidade e... tudo isto é um problema autárquico. Se nós não nos deixarmos influenciar por políticas autárquicas, porque a autarquia tem os seus poderes para desenvolver o meio num certo sentido e nós temos para desenvolver noutro sentido. E depois há outra coisa: o âmbito inter-regional era extremamente necessário entre as escolas e portanto nunca nos deixaríamos perfilhar por teorias políticas definidas a nível autárquico. Agora, se a autarquia for concebida como um parceiro, que faz um trabalho complementar, que tem uma palavra a dizer*

como órgão consultivo da Escola, se respeitar a Escola e a sua autonomia, então não vejo qualquer problema...

7.

B ⇒ *Podemos finalizar com três ou quatro ideias. Primeiro é garantir a autonomia, que os nossos alunos garantam a sua autonomia enquanto cidadãos. Possamos para além de formar pessoas dentro dos currículos normais, formar cidadãos, pessoas capazes de desenvolver o espírito associativo, terem competências para criarem o seu posto de trabalho. Este é o grande pressuposto. Depois é formar cidadãos com capacidade democrática de argumentação, com respeito pelos outros, com capacidade de conseguir a partir dos seus próprios meios desenvolver o mundo em que vivem, ou seja a sua região; depois pessoas que tenham valores que lhes permitam acentuar as características locais desenvolvendo meios para que essas características não se desvançam com o tempo, não se modifiquem ou sejam atenuadas essas modificações; apostar numa política global de desenvolvimento apostando na formação: se atirmos as armas e bagagens ao chão e nos dedicarmos aos jovens aí temos desenvolvimento integrado e a partir daí são eles próprios, jovens, agentes de desenvolvimento. A base da sua formação foi da Escola. Nós não podemos viver na Escola em função daqueles que vão ser doutores, temos de viver em função daqueles que vão ser cidadãos.*

7. (t) - **Permitam-me que formule uma última questão. Pensam que na vossa escola existem professores que têm esse perfil de formadores para as necessidades educativas dos jovens?**

A ⇒ *Sentimos que temos pessoas com formação, com experiência, e com vontade de levar por diante... É evidente que estou de acordo. Agora aposta-se muito na formação dos professores..*

B ⇒ *Formação de carácter geral para ganhar dois créditos é absolutamente absurdo...Eu só quero que o meu trabalho e o meu profissionalismo perante a Escola garanta a hipótese de ser creditado para fazer a minha autoformação, juntamente com os professores que estão dentro da minha escola ou escolas paralelas. Preciso de acreditar na formação, vou-me formar com toda a seriedade no âmbito do que eu preciso... Escuso de andar a ver acções sobre a caça das borboletas... Não vale a pena! Sobre a formação dos professores, todos nós somos vítimas de processos educativos. Por ex. a nossa geração teve durante o ensino secundário um ensino impessoal em que não havia nada disto... e se calhar hoje estamos a dar aos alunos isto, estamos a dar-lhe as carências que tivemos. Acontece que esta afectividade que nos liga também foi aquilo que nos fez falta, aquilo que nos transformou em seres com capacidades extremamente diminutas de relacionamento e talvez perceber porque é que as pessoas que estão nos C.D. estão tão de costas viradas uns para os outros... Estes jovens que chegam agora ao ensino, para além de serem formados de uma forma abstracta eles deveriam ser introduzidos em grupo disciplinares onde recebessem formação de relacionamento com os alunos, em que o espaço do horário do professor deveria contemplar horas de actividades com os alunos para além de horas de lectivas, o que passa por uma organização da Escola. Um clube que é criado na Escola e que é entregue a um professor com uma ou duas horas extraordinárias que ele consome em cada sessão de trabalho e não tem qualquer compensação...Conforme disse há pouco, quando as pessoas se vinculam aos processos educativos, se vivem no âmbito do aluno se a sua competência for assumida pelos alunos, como alguém que trabalha para eles... se as pessoas tiverem essa formação cívica conseguem um fácil relacionamento com os alunos.*

[Resta-me agradecer aos colegas a delicadeza que tiveram ao me darem todas estas respostas] .

Anexo 7 - Entrevista - Escola D

Data: 22 de Maio de 1997

Elementos Presentes: Presidente do Conselho Directivo ⇨ **A**; Directora de Turma ⇨ **B**;
Director de Turma ⇨ **C**

Duração: 95 minutos

Questões: vidé Anexo 1

Respostas:

1.

A ⇨ *Eu penso que aqui a ESDIME fez a apresentação antes dessa data. A proposta foi posta nestes termos: não se chamava ainda "A descoberta da Vida Activa" mas foi uma proposta de aplicar inquéritos aos miúdos do 9º ano e do 6º ano - isto no ano lectivo de 94/95 - para, através do tratamento de dados de um inquérito, tentar-se ver quais as dificuldades que os miúdos tinham relativamente a prosseguimento de estudos e ao facto de quererem ou não continuar aqui na vila futuramente, que vias profissionais é que havia aqui na zona, etc.... e isso foi apresentado em termos genéricos. O objectivo era fazer uma espécie de um Gabinete de Orientação Vocacional e Profissional. Uma coisa que existisse de comum entre as nossas duas escolas de (...) a que os alunos se pudessem dirigir para obter informação. Começou por aí. As coisas não funcionaram de todo. Fez-se aquilo que se pôde e como não houve feedback, em termos dos resultados dos inquéritos, a coisa ficou por aí. Então em Outubro de 95, quando a ESDIME veio fazer a apresentação do Projecto "A Descoberta..." era um bocado fazer o seguimento do que tinha sido apresentado anteriormente. Tanto que já não se fez a aplicação do inquérito, p. ex. Entretanto, quem tomou a decisão de aceitar a parceria? Foi proposto ao C.D. e deste passou ao Pedagógico. Foram estes dois órgãos consultados e obviamente se isto implicava os alunos do 9º Ano foram-no também os D.T. do 9º Ano. Eles propunham-se fazer várias coisas, mas a única coisa que funcionou o ano passado e tem funcionado este ano têm sido as sessões de orientação vocacional, de todas as actividades que eles propunham e que a Escola pudesse à partida pegar a única coisa foi esta. A divulgação do Projecto passou do C.P. ao C.D.T. e a partir daí os D.Ts. conversaram com os alunos, foi feita a afixação de cartazes nalguns lados, penso que até foram colocados nas salas de aula, e para os pais através da Associação de Pais que tem assento no Pedagógico...*

B ⇨ *Até porque eles têm de se inscrever para frequentarem as sessões ou qualquer outra actividade e ao inscreverem-se implica sempre a assinatura do E.E..*

A ⇨ *Aceitamos o projecto porque, primeiro achamos que tinha todo o interesse para os miúdos do 9º Ano, finalmente, haver alguém que lhe vinha proporcionar a tal orientação, porque eles andam completamente à toa - eles e nós porque as coisas mudam de ano para ano, muda muita coisa, e é muito difícil (ainda ontem falámos nisso em reunião de D.T) para um professor, para um D.T. abranger todas coisas que há ao dispor dos alunos para os poder orientar - e, se à partida, houve alguém de fora, do nosso meio, de perto, que estava interessado em ajudar a fazer alguma coisa pelos alunos da Escola, claro que essa foi a razão determinante.*

2.

A ⇨ *Isto foi dito, logo na primeira reunião, aos elementos da ESDIME que vieram fazer a apresentação do Projecto: esta não era a data indicada para virem apresentar uma*

coisa destas às escolas, porque em Outubro as Escolas estão já a andar. A escola não começa no primeiro dia de aulas, o funcionamento, aliás, não pára, as coisas têm continuidade. Quando vieram em Outubro, já estava tudo praticamente decidido- enfim, as coisas estão sempre em aberto, mas à partida já estava programado, delineado e embora com muitas alterações e adequações o Projecto Educativo já estava pensado, programado - daí, decididamente, esta não foi a data melhor para a apresentação deste projecto. Isto era uma coisa para ser apresentada no ano lectivo anterior para se pôr em marcha no ano lectivo seguinte.... O que é que acontece? Queríamos, mas já não tínhamos horas para dar a professores, para poderem agarrar nestas actividades, já os horários dos miúdos e dos professores estavam mais do que feitos, havia já horas para apoios pedagógicos, enfim, foi um bocado difícil encaixar as coisas. Tentou fazer-se e a partir daí teve de se mexer um pouco no P.E. para encaixarmos lá o Projecto "A Descoberta da Vida Activa", só que foi um bocado tardio. Fizeram a apresentação muito tarde, este ano foi a mesma coisa. O projecto era interessante, é interessante, mas vieram muito tarde e, neste segundo ano, em vez de melhorar, ainda pioraram. Somos parceiros sem dúvida mas mais no papel do que na prática...

C ⇒ Conforme as situações vão surgindo, penso que se vão resolvendo na hora...

2. (a) - Não resulta de um planeamento estratégico mas de coisas pontuais a que se vai dando resposta?

B ⇒ Sim, essa situação que se cria desmotiva muito os miúdos. Os miúdos aderiram logo no início quando foi posto, a Psicóloga esteve nas aulas com o D.T. e os miúdos ficaram muito entusiasmados. Depois houve uma quebra, houve muito espaço até se iniciar o programa e os miúdos acabaram por se desmotivar. Há um número reduzido de alunos a virem às sessões de orientação...

A ⇒ E o facto de a Psicóloga da ESDIME dar apoio a várias escolas - o que compreendo que é difícil para uma pessoa só- faz com que cada escola sinta que não têm po apoio que deveriam ter num sistema de parceria como este; vem, pontualmente, fazer a orientação, mas depois está duas ou três semanas sem vir...

C ⇒ Este período, há três semanas que foram interrompidas e ainda agora estive com os miúdos que me perguntaram quando iriam recomeçar...

2. (b) - Não têm psicólogos do ISPA na Escola?

C ⇒ Não temos. O ano passado tivemos três, as quais fizeram um trabalho excelente, em colaboração com o Projecto, sendo sobretudo um trabalho delas embora com a orientação da ESDIME no que cabe à orientação - elas, no entanto, já tinham também pensado fazer este trabalho - de qualquer maneira tivemos de adaptar as coisas, porque elas já se tinham disponibilizado a fazer, quando cai de pára-quadras o Projecto da ESDIME. Houve que tentar articular as duas vontades. Este ano não temos e estamos a notar uma grande diferença.

3.

C ⇒ Ainda ontem isso foi discutido na reunião de C.D.T. Foi sugerido que os D.T., para o ano, tivessem mais uma hora, sobretudo no 3º período, dado que nesta altura somos bombardeados com montes de documentação e só temos as aulas para transmitir essa informação aos alunos...

A ⇒ Há aqui um conjunto de pontos que deveriam ser discutidos e analisados. O facto de qualquer D.T. de qualquer ano ter duas horas, então compete ainda ao D.T. do 9º Ano dar essas informações, a tal orientação aos alunos, e o facto da pessoa não ter formação para isso - só este ano a D.R. começou a fazer reuniões de acompanhamento, fez duas, mas muito em cima da hora - e não é formação mas sim só um alerta para pegar na orientação vocacional e

para o ano desenvolver área-escola nesse sentido- porque, não é o facto de todos os anos recebermos a brochura "O 9º Ano e Agora" ... o D.T. não tem tempo de ler aquilo tudo e depois explicar aos alunos e portanto não sabe Receberam agora os "Diários de Bordo" e, para os explicar aos alunos, terão os D.T. de os levar para casa, os estudar, e só depois os poderão explicar aos alunos... Tudo parte daí. A ESDIME propôs fazer porque à partida apresentou um projecto e é subsidiada para isso, nós aqui, sabemos que temos de orientar os nossos alunos, mas não temos formação para isso - não é sem razão que é uma psicóloga que faz isso - nós tanto quanto possível temos tentado fazer alguma coisa...

3. (c) - No entanto, como é que a comunidade educativa sentiu este Projecto durante o ano passado e neste mesmo ano? P. ex. os Pais e Encarregados de Educação? Houve uma Escola que me disse que, por via do Projecto, os pais começaram a vir à Escola de uma outra forma: antes só iam para receber informação sobre os resultados da avaliação dos alunos e, neste momento, estão a ir para eles próprios serem informados sobre as diversas opções que se colocam aos jovens, sobre vias de estudo a prosseguir - pelo menos em termos daquilo que a Escola pode oferecer - actividade esta que nunca tinham feito e que agora, decorrente da orientação, estão a proporcionar essas reuniões. Aqui o que é que se passou? Houve algum envolvimento por parte dos E.E.? E por parte dos professores que não só do 9º Ano?

C ⇒ *Em relação à minha turma os pais continuaram a vir à Escola com a mesma frequência que vinham. Desde o ano passado os pais vêm à Escola sempre que são chamados.... Em termos globais, embora haja turmas em que os pais não vêm muito à Escola, esta é uma das Escolas em que os pais mais comparecem, e tentam ter uma voz mais activa, às vezes na parte negativa...*

B ⇒ *Em relação à minha turma, os pais acham muito importante o Projecto. Este ano a Psicóloga esteve presente, a meu convite, numa reunião com os Pais, onde esteve a explicar vários documentos, e que lhes entregou para eles próprios pudessem ajudar os filhos na sua primeira escolha. Mas só vêm cá quando eu os chamo, caso contrário não vêm, e no ano passado também.... Eles acham que a Escola deve prosseguir com este tipo de actividades porque ajuda muito os miúdos mas em termos de participação enfim...*

A ⇒ *E os E.E. desta turma até são pessoas, na sua maioria interessadas, e com um nível de ensino até acima da média dos E.E. daqui e, à partida, seriam pessoas que se deveriam mostrar mais interessadas e mais responsabilizadas...*

B ⇒ *Interessados mostram-se todos, mas agora mais responsáveis....*

A ⇒ *Subsiste muito a ideia que a o que a Escola está a fazer é importante, mas compete à Escola, ponto final. É para isso que os professores cá estão...*

B ⇒ *Acho que é assim: isso compete à Escola e a Escola que faça. Nós queremos ser informados, porque devemos ser informados, mas quando ao resto põem-se um pouco de lado...*

4.

A ⇒ *O ano passado estabeleceu-se, este ano, é como digo, as coisas não estão a funcionar minimamente. O ano passado estabeleceu-se... uma coisa que eu achei importante foram as tais conversas com profissionais, que trouxe à Escola pessoas que os miúdos estão habituados a ver na vila e, se calhar, não lhes davam atenção, não lhes despertava curiosidade nenhuma, o facto de virem aqui falar da profissão... pôr os miúdos fazerem perguntas.... notei, por um lado, algum interesse e por outro, para o fim, notei alguma desmotivação, porque chegou a haver algumas conversas em que poucos miúdos apareceram. E isto porquê? Porque eles tinham de vir na tarde em que não tinham aulas, e nós moramos em (...), e está muito mal*

servida de transportes, e os miúdos que vivem na vila é uma coisa e os das aldeias é outra, e os miúdos não têm transporte para vir porque se à quarta feira não há aulas nas duas escolas, só há transportes ao fim da manhã... e também era por isso que eles não podiam vir...

4. (d) - Antes do Projecto “À Descoberta....” a Escola já tinha outro tipo de projectos - ao nível da área-escola, ao nível dos complementos curriculares - projectos que envolvessem entidades exteriores. P. ex. que tipo de relações têm com a autarquia?

A ⇒ Muito boas relações, eu penso... Funciona como um recurso.... mas talvez também como parceiro. Pensamos na visita de estudo e pensamos logo no autocarro da Câmara, pensamos em fazer qualquer, como há três anos, a Feira da Área-Escola e desde logo se pensou na Câmara... Não pensamos na Câmara no tipo de: Ah, temos de ir pedir, se calhar não... Temos de fazer um pedido, é óbvio, mas ... nunca se põe a hipótese de dizerem que não... É um relação tão directa...

4. (d) - Tem igualmente desenvolvido actividades com outras entidades? P.ex. o Centro de Saúde, o Centro de Emprego?

A ⇒ Centro de Saúde, muitas vezes. Sessões de esclarecimento sobre questões ligadas à saúde.... Com o Centro de Emprego, houve os estágios no ano passado dos miúdos que estavam integrados no Projecto “À Descoberta da Vida Activa”...

C ⇒ Têm sido solicitadas algumas visitas ao Centro e nunca foram negadas ...

A ⇒ Sim, nas não há a relação que deveria haver...

4. (e) - Foi, p. ex., posta a hipótese de sentar - para a questão do 9º Ano ou dos alunos que têm dificuldades de aprendizagem e que o sistema de ensino formal não responde cabalmente - à mesa a Escola e o Centro de Emprego e pensar que recursos é que vamos proporcionar aos miúdos? A Escola é ouvida no processo dos cursos de aprendizagem que são desenvolvidos pelo Centro de Emprego?

C ⇒ Normalmente eles abrem os cursos com miúdos que saem daqui... são todos nossos alunos... eu acho que deveria muito mais ligação entre nós e o centro de emprego...

5.

A ⇒ A nossa área-escola já estava vocacionada para o estudo do meio, mesmo sem o projecto da ESDIME. O Projecto Educativo já estava virado para aí. A área-escola estava já muito direccionada para o meio e para a região e isso faz com que haja uma ligação muito grande. Tanto vêm cá as pessoas do meio e da região, como eles vão visitar as coisas.... Agora, não me parece que o “À Descoberta...” tivesse vindo a alterar alguma coisa, neste aspecto. Nós já estávamos muito abertos para isso, tanto que foi mais um encaixe...

C ⇒ Tanto que havia no ano passado uma turma cujo tema da área-escola era “As profissões” e eles fizeram trabalho, saíram, entrevistaram várias pessoas. Isto numa turma do 5º Ano...

A ⇒ O nosso projecto de área-escola foi por três anos. No primeiro ano foi mais virado para o embelezamento dos espaços da Escola, porque achámos que é na Escola que as pessoas se têm de sentir bem; no segundo ano tratámos do meio ou da região e no terceiro ano, que é agora, quem já tratou do meio passa para a região e quem já tratou a região alarga para o resto do país, mas à partida ainda está tudo muito ligado aqui à região... Tem sido uma área escola muito local e muito regional.

6.

A ⇨ *Eu penso que é sempre necessária a pessoa aprender a viver com os outros. Aqui nesta Escola chega-se a um ponto que as pessoas que vêm todos os anos é que trazem ideias mais novas... as pessoas aqui, estão sempre abertas a fazer coisas mas, às tantas, entra-se num círculo vicioso, quer dizer, já aqui estamos à uma data de anos, já sabemos o que podemos esperar uns dos outros, com quem é que trabalhamos melhor, com quem nem pensamos trabalhar... eu quando no início do ano gosto sempre quando as pessoas vêm... até temos uma ficha que damos na reunião de apresentação, em Setembro, para todos os colegas preencherem, questionando em que projectos tiveram envolvidos, em que projectos gostariam de se envolver, que actividades é que gostariam de dinamizar... um bocado para se ter uma ideia de coisas novas porque senão estamos aqui... dá-me graça porque todos os anos temos aumentado os clubes, primeiro que se criasse um clube aquilo parecia - e eu falo por mim - um bicho de sete cabeças mas... começou-se com um Clube do Ambiente e com o Clube de Matemática, depois o Clube de Informática, da Rádio... não é novidade nenhuma porque em todas as escolas há estes ou outros clubes, mas é importante sobretudo, virem coisas não só de professores mas de elementos, entre aspas, estranhos à Escola e portanto é aí que as parcerias podem ser muito interessantes.*

6 (f) - *E estes clubes aparecem como uma resposta diferente daquilo que o ensino formal dá, procuram tornar a Escola agradável. Digam-me: vocês canalizam os alunos com dificuldades de aprendizagem, com problemas de inserção dentro da Escola, para os clubes?*

C ⇨ *Os clubes funcionam como modalidades de Apoio Pedagógico. Em vez de haver aulas de apoio específico disto ou daquilo os miúdos são propostos ou para o Clube dos Amigos da Biblioteca ou para o Clube do Ambiente... e é uma forma de estar na escola e desenvolver outras competências... por isso é que eu acho que as parcerias também são interessantes e importantes, no fundo porque trabalham coisas com as quais nós não estamos habituados a trabalhar e por isso podem trazer muitas ideias frescas para a Escola. Agora, e falaste aí da parte burocrática - e ainda ontem falámos nisso numa reunião - esta Escola é acusada de ser muito burocrática. Quer dizer, talvez seja muito burocrática! Mas é sobretudo para tentar facilitar a vida às outras pessoas. Pelo menos havendo modelos é só preencher - em vez de cada um tentar criar o seu modelo - e é muito mais fácil leitura e de avaliação de resultados. Simplesmente é burocrático porque o sistema é burocrático e exige burocracia... é difícil fugir a isso. Os normativos mandam-te ser burocrática... É horrível! Eu preferia passar muito menos horas no C.D. a inventar, entre aspas, o que quer que seja para eles preencherem, para eles não passarem tanto tempo a tentarem fazer o deles ... Com a C.D.T. passamos o tempo a construir modelos, minutas... Interessava-me muito mais estar na Escola a fazer outra coisas. Isto de fazer trabalho de escritório, não é?... Não tinha vindo dar aulas...*

A ⇨ *Isso da autonomia tem muito que se lhe diga. Partimos logo desse princípio. Realmente tudo apela à autonomia, mas se tu pisas um bocadinho o risco é logo chamada à pedra, para saber porque é que fizeste ou não fizeste. Por outro lado, tenta-se sempre dar a volta. Estou a pensar: ao aceitarmos este Projecto com a ESDIME se calhar devíamos ter falado primeiro com a D.R. para saber se podíamos ou não, não é? Só depois de estarmos envolvidos nisto é que, segundo julgo saber, a ESDIME foi apresentar o Projecto à D.R., porque entretanto deve ter soado em Évora que andava uma Agência de Desenvolvimento Local a meter-se nalgumas Escolas do Distrito de Beja... Quer dizer, isto por um lado mostra que nós não seguimos rigidamente os normativos. É como tudo. Nós também temos um Projecto de Associação de Escolas com o Primeiro Ciclo, com as Escolas da Vila, com os alunos do 4º Ano e, soube à pouco tempo, que só no Alentejo é que isso acontece, e o resto do país não faz. Às tantas nós fazemos, a D.R. sabe que nós fazemos, dá-nos ali meia dúzia de horas para gerir- horas de Língua Estrangeira, Educação Física... - são os miúdos que vêm a escola, porque o objectivo principal desse projecto é a integração dos miúdos na Escola e*

tentativa de eles escolherem mais conscientemente a L. E. no 5º Ano. A aprendizagem da L.E. é do mais superficial que pode existir. Também não nos interessa que estar a abrir diferenças com as aldeias, porque se estamos só a fazer com a vila e já nas aldeias há uma certa diferença pelo simples facto de não morarem no centro, já são um bocado prejudicados por isso, quanto mais ainda nós estarmos a fornecer mais possibilidades aos da vila, o que poderá vir a prejudicar mais... não queremos alargar essas diferenças... - Isto é uma parceria que a Escola tem com as Escolas do 1º Ciclo, nada me obriga nem a receber miúdos nem a dar professores... Isto mostra que nós temos um espírito aberto. Agora, também não percebo porque é só nalgumas zonas... pelos vistos aqui no Alentejo- onde toda a gente diz que é tudo mais calmo e mais lento - fazem-se coisas diferentes e inovadoras, o que é sinal que isto está a mudar... Mas já me perdi. [Estávamos na construção da autonomia...] Isto mostra que somos autónomos...

B ⇒ *Somos e não somos...*

6. (g) - De toda a maneira vocês, na vossa prática enquanto Escola, e apesar dos constrangimentos, tentam romper com essas dificuldades e dessa forma estão a construir um espaço próprio e individual. Isso pressupõe riscos?

A ⇒ *Tem riscos, porque estás a fazer... porque conscientemente achas que estás a fazer bem para os alunos ou para a Escola mas pode alguém vir dizer: que é isto?*

[No fundo posso concluir que nós ainda sentimos muito nas escolas o poder do centro - neste caso já não um poder centralizado mas desconcentrado, o poder da D.R. - e somos quase que manietados por aquilo que podemos ou não fazer...]

A ⇒ *Claro, claro, sem dúvida nenhuma... Nós temos um projecto que foi aprovado no ano passado em C. P., com uma Escola de Espanha, que é um intercâmbio - não é germinação - que resolvemos ter, fazer, aprovar o projecto... a D.R. toma conhecimento do Projecto a partir do momento em que nós pedimos um auxílio económico para dar o pequeno almoço e o lanche aos alunos espanhóis... e à partida esse apoio que não era para ser concedido mas é... porque para esta história de intercâmbio com escolas do Estrangeiro a D.R. selecciona 3 ou 4 escolas e o resto fica de fora... quer dizer, eu acho mal, porque as escolas tentam fazer qualquer coisa para motivar os alunos - o ano passado do 5º Ano e este ano do 6º porque o projecto é de dois anos -e depois não temos ajuda nenhuma... o responsável tem de ir a Espanha... e é tudo carolice. Há exclusivamente o apoio da Câmara...*

B ⇒ *Eu acho muito estranho não conseguir haver uma relação entre a nossa Escola e a Secundária. Não se consegue fazer nada em conjunto...*

A ⇒ *Eu acho que não é só nesta Escola, mas em todas as escolas. Mesmo nos grandes centros há uma grande barreira entre professores até ao 3º Ciclo e professores do Secundário. Não sei porque razões, trabalhamos todos para o mesmo, mas o que é certo é que existe... Não há relação entre as Escolas Básicas e Secundárias. Em termos de Escola é um bocado difícil... Faz-me muita, muita confusão não haver relação entre a nossa escola e a que lhe é precedente. As relações que há são pontuais. P. ex. chega uma coisa sobre reajustamento da rede escolar para o ano seguinte e chega-se a um ponto... quer dizer, estamos a falar de uma rede escolar que à partida é uma rede que no que toca ao 7º e 8º anos é comum e a Secundária tem sempre de receber turmas nossas. Ora, eu não consigo entender como uma Escola decide uma rede escolar que é comum sem consultar a outra escola... Isto faz confusão! Quando começamos a tratar o assunto do reajustamento a primeira coisa que fizemos foi telefonar para a Secundária e o que nos disseram era que a rede por eles proposta já tinha sido aprovada em C. P. ... Isto é qualquer coisa que não me entra na cabeça...*

6. (h) - Quem decide a repartição dos alunos entre as duas Escolas?

C ⇒ Há critérios para isso, aprovados em C.P., foram aprovados na nossa Escola a partir do momento em que houve necessidade e foi, essa lista de critérios efectuada de comum acordo. Há os que dizem respeito, directamente, à nossa Escola, como por exemplo a manutenção aqui dos alunos com necessidades educativas especiais que têm sido acompanhados desde o início, mas há outros critérios que foram de comum acordo. À partida queremos sempre saber o que é que eles querem, lá em baixo... se é 8º Ano, se é 9º Ano...

Outra coisa que me fez um bocado confusão foi o ano passado quando, pela primeira vez apareceram os exames de 9º Ano, em Setembro. Nós contactamos a D. R. e a Coordenação no sentido de saber, em grupos onde não havia professores profissionalizados ou do quadro, o que é que deveríamos de fazer para elaboração das matrizes e das provas. Foi-nos dito que à partida deveríamos contactar a Escola mais próxima, e é evidente que a mais próxima é a que está do outro lado da rua. E contactámos a Escola a ver quem dos grupos x e y estava disponível ... e a resposta que me foi dada é que os professores dali não queriam assumir a responsabilidade de vir fazer provas para esta Escola e não estavam interessados em vir ajudar... E eu acabei por dizer que não preciso de ninguém para vir para aqui fazer provas! Tenho professores que ao longo do ano fazem testes, fazem provas globais, eu só preciso de uma opinião mais científica... no caso de uma matriz, se acha que tem muitas ou poucas perguntas, se a cotação está equilibrada... bem, eu não preciso que venham fazer as provas, os que cá estão fazem... não é?

Outra coisa que mostra o virar de costas, quando começámos por escolher os manuais, nós achámos que, - quando as escolas se separaram - numa vila tão pequena, os manuais deviam ser os mesmos. E os manuais não são os mesmos. Pedimos para haver reuniões de delegados das duas Escolas... E eles disseram que não, e temos livros diferentes. Isto é incrível. Duas Escolas uma de cada lado da rua de costas completamente viradas... É mais fácil estabelecer um trabalho de conjunto com qualquer das escolas da região do que com a Secundária...

Quanto à questão da rede se nós temos o Centro de Formação de Escolas de Almodôvar, Castro Verde, Ourique e Aljustrel, e apesar de não haver muita ligação entre todos - que é difícil - mas se nós, professores, nos formamos num Centro de Formação comum, porque é que não há-de haver uma ligação entre as escolas destes concelhos que estão mais perto e que se calhar têm muito mais a ver uns com os outros...

6. (i) - De qualquer modo a questão tem a ver com isto: nós estamos habituados a responder verticalmente, nós respondemos perante a D.R. e nunca nos preocupámos em constituir uma rede horizontal. Na vossa perspectiva muitos dos problemas do ensino, desta região, passarão por aqui?

A ⇒ Eu penso que era importantíssimo...

B ⇒ E difícil...

A ⇒ Eu não sei muito bem como... sei que é uma questão de alguém tomar a iniciativa, marcar uma reunião para as escolas se sentarem todas a uma mesa para pelo menos ficarem a saber quem é quem...

C ⇒ Isso faz-se pelo menos a nível do Desporto Escolar...

B ⇒ Eu estive há alguns anos na Escola EB2 de (...), e um colega do meu grupo que gostava muito de Ping-pong, através da Escola fez um grupo e fez intercâmbio com muitas

escolas, no âmbito do Desporto Escolar... o que é preciso é haver alguém... ele fez aquilo porque gostava, porque os miúdos gostavam... não tinha redução...

6. (j) - *Reparem, se nós tivéssemos autonomia relativamente à gestão do tempo, por um lado, e autonomia em relação aos próprios recursos humanos... Não é complicado marcar horas num horário que não sejam as 2 horas de D.T. ou as 4 horas de Delegado?*

A ⇒ *Poder, podemos, temos depois é de justificar porquê, como, quem é que paga, por onde é que se vai pagar...*

6. (l) - *Daí as limitações. É um bocado difícil, como dizia a colega. Nós perspectivamos muito isto em teoria, mas depois como se operacionalizaria sobre o ponto de vista financeiro e também pedagógico? Não é aqui que os C.D. ficam de mãos atadas?*

A ⇒ *Sim, sim... sem dúvida nenhuma...*

7.

B ⇒ *Eu acho que se deveria dar mais formação e informação aos D.T. para que eles possam ajudar também a Psicóloga da ESDIME a fazer o trabalho. Nós poderíamos trabalhar certos assuntos e ela trabalharia mais aqueles aspectos que estão ligados ao eu, à pessoa...*

7. (m) - *Digamos que uma das leituras que se pode, eventualmente, fazer do Projecto é que a ESDIME ao inicia-lo pretendia despoletar, na Escola, toda uma dinâmica organizacional no sentido que o Projecto fosse apropriado pela própria Escola. Vocês acham que há grandes constrangimentos para esta apropriação? Ou não? Havendo apoio conforme a colega estava a dizer, se, de facto, fosse dado através da psicóloga da ESDIME ou de um psicólogo colocado pela D.R. apoio aos D.Ts e se estes tivessem mais tempo no seu horário semanal para apoiar o 9º Ano, isso assim poderia funcionar?*

B ⇒ *Sem dúvida nenhuma que isso funcionaria...*

A ⇒ *E penso que era muito mais motivante quer para o lado do D.T. quer para o lado do estudante. Porque o facto de os alunos virem às 8.30 da manhã para ter uma hora de orientação e durante duas ou três semanas não terem porque a psicóloga está sozinha e não consegue dar resposta a tudo... óbvio que desmotiva. Agora se a Escola tivesse mecanismos próprios ou, como tu dizes, o facto de interiorizar o Projecto e sentir que o Projecto é nosso, passamos nós a dinamizar isto, os D.T. tem horas para fazer isto, vem alguém ajudar nas sessões, isso, penso, que era mais interessante para todos. Também penso que não deve ser muito interessante para os miúdos estarem a ouvir o D.T. a explicar, muito a medo, uma coisa em que se não sente à vontade para explicar...*

7. (n) - *Se me permitem gostaria ainda de colocar outra questão. Acham que era possível introduzir este Projecto no campo da área-escola do 9º Ano? Nomeadamente área-escola que levasse à investigação sobre: que profissões é que existem? Que viabilidade é que essas profissões têm na nossa região? Que importância elas poderão ter para o desenvolvimento futuro da região?*

A ⇒ *Sem dúvida. E é nesse sentido que a D.R. fez estas reuniões/acções... feitas com o coordenador dos D.T.*

B ⇒ *A maior dos professores que lá aparecem são D.T. de Escolas que não têm psicólogo e são eles próprios que estão a orientar os alunos a partir do material que é mandado...*

A ⇒ *Fomos alertados nessas reuniões para começar a direccionar, na própria Escola, os miúdos para esse grande tema, exactamente pegando na área-escola. Aquilo que tu estás a dizer é exactamente o que a D.R. anda a chamar a atenção. E, sem dúvida nenhuma, nós que*

estamos no fim dos três anos do projecto da área-escola vamos, penso eu, pegar nisso... Vamos tentar que o tema aglutinador abranja isso e, se não abranger, há tema aglutinador até ao 8º Ano, e o 9º Ano trabalha isso, porque é interessante serem eles a pesquisar... Relativamente à área-escola há pessoas que continuam a resistir e há outras que conseguiram interiorizar e tem havido projectos muito giros, resultados muito engraçados... Isso tem tudo a ver com os professores envolvidos se já interiorizaram a área-escola como ela é ou se ainda a vêem como uma sobrecarga de trabalho e chatice, que não tem nada a ver com o programa que tem de dar. Há professores que ainda não perceberam que a área-escola é uma forma de dar o programa... Há algumas escolas de 3º Ciclo que estão a deixar a área-escola muito para trás, então com esta história das provas globais quem já tinha interiorizado está a começar a preocupar-se...

C ⇒ *O que acontece muitas vezes é que 50 a 60% do trabalho da área-escola é feito pelos professores...*

B ⇒ *É isto sem tirar nem pôr... Continua a ver dificuldade em fazer a gestão dos diferentes programas em função da área-escola... E o que eu vou dizer não é novidade nenhuma - é a dificuldade que quase todas as escolas têm, porque as pessoas também não têm tempo nem disponibilidade para depois de um dia de trabalho se sentarem a uma mesa e verem os programas que cada um dá... E tem a ver com a instabilidade do corpo docente. Nesta Escola o 2º Ciclo é muito estável, o 3º Ciclo tem 3 efectivos... é muito difícil trabalhar assim... As pessoas não conhecem os programas das diferentes disciplinas e isso exige tempo...*

[Para terminar agradeço imenso a vossa colaboração. Se quiserem dizer alguma coisa que julguem interessante para análise deste Projecto, agradeço que o façam.]

A ⇒ *Uma coisa com que eu não posso concordar - e vou ser directa - foi feita uma reunião de avaliação do Projecto "À Descoberta da Vida Activa" o ano passado no final do ano. Eu não pude estar presente mas foi o Vice-Presidente, foram as estagiárias de Psicologia que estavam aqui e que mais directamente trabalharam com eles, foram as várias pessoas envolvidas no Projecto, e nós, muito a medo, dissemos que achámos que não tinha havido um apoio... quer dizer, a ESDIME veio cá propor o Projecto, nós pegámos no Projecto e como estavam cá as estagiárias houve um desligarzinho... Por ex., o ano passado, ainda no seguimento disso fizeram-se os mini os pseudo estágios de curta duração no Centro de Formação, e que eu saiba só foi feito na nossa Escola - com as outras não foi possível - e nós fizemos o pino para arranjar miúdos e o que é que acontece? Eu tive de disponibilizar professores.... Vamos lá, eu não estou a fazer favor a ninguém, mas nas tarefas de final de ano esta foi mais uma tarefa que apareceu - o acompanhamento dos estágios no Centro de Formação; e porque era uma coisa que tinha uma componente mais prática achamos que eram os professores de Tecnológica que eram as pessoas ideais para acompanhar os miúdos, até porque eram muitos miúdos da opção Tecnológica que se tinham inscrito... Foram então 2 professores de Tecnológica que fizeram este acompanhamento e estes professores transmitiram aqui ter havido muito pouca ligação, mesmo nestes estágios, a ESDIME demarcou-se um bocado daquela responsabilidade. E o que é que acontece? O ano lectivo já tinha terminado e eu tenho responsabilidades sobre os miúdos em termos de seguros e não só até final do ano lectivo e aquilo decorreu em finais de Julho e portanto eu tive de impor esta tarefa aos professores. O que é que acontece? Foi feita uma reunião de avaliação com as pessoas envolvidas no Projecto, foi dito que não foi dado o apoio que se estava à espera por parte da ESDIME, que o que safou em grande medida as coisas aqui foi termos estagiárias de Psicologia, ora, perante uma avaliação destas como é que se vai - não é que a nossa opinião seja decisiva sobre qualquer coisa, mas não houve unanimidade em dizer que foi excelente - então como é que se vai abrir ainda a mais escolas, como é que se vai abrir a Ferreira e a Odemira? Se as pessoas não têm capacidade de resposta para as escolas que integraram*

primeiro o Projecto como é que ainda se vai alargar mais? Cá está, e agora aqui se vê, e como este ano não temos as estagiárias de psicologia as coisas não estão a funcionar... Para apresentar o Projecto a ESDIME tinha de ter recursos humanos e a todos os níveis para poder dar resposta. Não vai apresentar um projecto e depois não tem capacidade de dar resposta... e depois no ano seguinte ainda vai alargar mais... se não teve num ano com quatro escolas com seis ou sete... É óbvio que não conseguiam dar resposta...

B ⇒ *Ou então diminuíam o leque... E logo que começassem a consolidar as estruturas é que começariam a alargar...*

[De toda a maneira o facto de eles terem vindo para as Escolas e terem proporcionado o trabalho de orientação vocacional veio suprir uma necessidade que as Escolas tinham e veio sobretudo alertar as Escolas para essa grande necessidade....]

A ⇒ *Eu acho que foi sobretudo isso. Se alguma vantagem este projecto trouxe foi isso. Sobretudo alertar para isso. Nós já sabíamos que era importante mas se calhar...*

B ⇒ *Engraçado, quando elas vieram para aqui logo no princípio comecei a falar com uma das psicólogas sobre isto... se elas não davam orientação vocacional... porque eu já notava nos miúdos essa necessidade. Eles faziam muitas perguntas nas aulas acerca das profissões ...Faziam muitas perguntas.*

C ⇒ *E estas dúvidas surgem sobretudo nesta altura do ano...*

A ⇒ *Eu acho isto o cúmulo. A tal fuga às coisas. Por acaso estou a ver que podíamos ter pensado nisto dos 9º Anos... P.ex. nós começamos com o projecto de Associação de Escolas com o 1º Ciclo exactamente para começar a integrar melhor os alunos ... e então, o que é que nós pensamos? No final do ano passado apresentámos ao Pedagógico a proposta - e toda a gente achou muito bem - de dar mais uma hora aos D.T. do 5º Ano, pelo menos no primeiro período. Essa hora seria uma hora que o D.T. teria com a turma para conversar com eles, para fazer um acompanhamento essencialmente dos miúdos que vêm das aldeias... E pedimos isso à D.R., sabendo de antemão que não há nada na legislação que me permita fazer isto. A redução dos D.T. é de 2 horas. Ponto final. Por isso é que pedi autorização. E quando veio a resposta veio à base de caixa de charutos... ou a charutada total, no sentido de me mandar ler a legislação porque eu devia estar confundida... Isto não me preocupou grandemente. Não pode ser, não tenho autorização, então vamos tirar das horas de apoio pedagógico, mas vamos a ver que estas horas dão par tudo e mais alguma coisa. Mas se calhar ainda bem! Porque eu sou totalmente contra esse apoio pedagógico que é dar mais do mesmo, porque é uma seca para os miúdos e muito raramente levado a sério, e não traz benefícios nenhuns e e não contribui em nada para o sucesso. Ora bem, como as medidas de apoio pedagógico são para combater o insucesso os clubes podem combatê-lo e o facto do D.T. fazer o acompanhamento dos alunos do 5º Ano para que se integrem melhor talvez também faça com que eles não se desmotivem e não abandonem a Escola. E então tirámos daí. E toda a gente diz - os D.T. - que foi muito importante essa hora. Mas era uma hora marcada no horário do professor e da turma e em que tratavam disto... e durou o primeiro período. Eu acho isto o máximo... Pedir autorização para mais uma hora e mandarem-me ler a legislação... Por isso é que a história da autonomia tem muito que se lhe diga. Por ex. nós o ano passado tivemos uma auditoria pedagógica aqui na Escola - que é muito moderno e está a ser feito pela Inspeção ...- e concluiu que havia centralismo na Escola.... Ora bem, nós que temos secções para tudo no C.P., que criamos grupos de trabalho para todas as tarefas... enfim... somos centralistas!*

[Resta-me de novo agradecer-vos.]

Anexo 8 - Entrevista - Escola E

Data: 16 de Abril de 1997

Elementos Presentes: Presidente do Conselho Directivo ⇨ A; Vice- Presidente do Conselho Directivo ⇨ B; Coordenadora dos Directores de Turma ⇨ C; Animadora do Projecto UNIVA ⇨ D

Duração: 120 minutos

Questões: vidé Anexo 1

Respostas:

1.

A ⇨ *Quem tomou a decisão foi o C. D.. A proposta foi inicialmente colocada pela ESDIME e foi levada a C. P., foi discutida; foi também, na altura discutida com a Pró-Associação de Pais- que ainda não estava instituída mas que estava em constituição - e, portanto, o processo decorreu dessa maneira e, tanto da parte da Pró-Associação como da parte do C. P. foi unânime que deveria de ser uma proposta a ser considerada e a ser aceite, inclusivé, saiu do C. P. um grupo de três pessoas que estabeleceram os primeiros contactos com a ESDIME e, depois, mais por uma questão de operacionalização acabou por ficar mais centrado no C. D.. Passada essa primeira fase, já depois de consubstanciado, digamos, o acordo, o protocolo, passou-se aos D.T., através de reuniões com a psicóloga da ESDIME e com o sociólogo, interferiram - isto foi tratado em C.D.T.- sobretudo, porque o público alvo eram os alunos do 9º Ano, os D.T. do 9º Ano.*

A divulgação foi feita através de cartazes e também através de conversas que a psicóloga ia ter às próprias turmas, normalmente com os D.T. presentes, e com folhetos explicativos que foram enviados aos pais.

Em relação às razões, na altura, até teve alguma graça, porque nós já anteriormente tínhamos sentido uma certa necessidade em termos de orientação para a vida activa dos nossos alunos, sobretudo devido ao tipo de alunos que temos e devido ao meio em que estão inseridos. Temos de ser realistas e temos consciência de que aqui, grande parte da população escolar não tem ambições em cursos de níveis superior, para além de não terem ambições, também muitos deles não têm, à priori - não quer dizer que depois não consigam - mas à priori não têm possibilidades. Isto porque, agora já vão aparecendo em Beja, mas há alguns anos atrás os pólos, centros de Escolas e Universidades situavam-se demasiado longe, as condições para os alunos poderem candidatar-se eram difíceis - o factor distância; e, por outro lado, em termos de situação económica e social do concelho e da própria região também, como sabemos, este é um concelho em termos de industria praticamente não existe, existem algumas pequenas ou, como agora se chamam, micro-empresas, não tem uma grande capacidade de absorver jovens que saem da Escola quer concluindo o E. S. quer apenas concluindo o E. B. Isso levava-nos a questionar, porque sentíamos que muitos alunos que andavam aqui apenas para ocupar o tempo, não tinham perspectivas - e não têm - têm, muitas vezes a noção que fazem o 12º Ano, e depois vão fazer não sabem o quê - o 12º Ano hoje em dia tal como está não lhes dá hipótese de fazer algo mais. Sem qualificações propriamente, em termos profissionais, que os habilite a candidatarem-se a determinado tipo de empregos e os alunos sentiam-se completamente desmotivados (e sentem-se). E também o que se notou é que eles tinham, por vezes, representações muito pouco reais das diversas profissões que poderiam seguir. Isto já era sentido pelos professores desde anos anteriores. E, no ano anterior, tinha havido um projecto desenvolvido por um colega nosso que foi candidatado, mas não aprovado, no sentido de criar

um bocado a função de que o UNIVA agora está a ter, um gabinete que coligisse e fizesse um pouco a divulgação e a orientação, sobretudo, cursos médios que tivesse a ver com interesses aqui da zona para dar conhecimento aos alunos e encaminhá-los em caso ou de reprovações repetidas - e que fosse um dado assente que o tipo de currículo que estavam a ter não era aquele que mais os interessava - ou em casos de alunos que concluíam a escolaridade básica e não pretendiam seguir, ou de alunos que concluíam o 12º ano e pretendiam fazer um curso mais rápido a nível médio e que lhes possibilitasse a ter um emprego aqui na zona. Uma das coisas que nos preocupou como Escola foi o facto de estarmos perante a desertificação humana desta região.

Essas foram essencialmente as razões que nos levaram a aderir ao projecto, para além de que nos pareceu que poderíamos tirar vantagens como Escola - e a comunidade de uma forma geral - e não nos pareceu que tivéssemos de investir em termos monetário que é sempre o grande problema das escolas. Foi feito um grande investimento em termos de recursos humanos - foram muitas horas de trabalho da parte da Escola, sobretudo do C.D. e dessa primeira equipa e dos D.T. Disponibilizaram-se recursos em termos materiais, mas é um investimento que - aí a Escola consegue suportar porque tem - é só uma questão de rentabilizar. Agora, o grande problema da nossa Escola, e da maioria das escolas, é quando implica investimentos financeiros que não temos essa margem de manobra. E, na altura, tal como nos foi apresentado, e realmente foi cumprido, não havia essa exigência. Portanto pareceu-nos que não aceitar era estar a deitar fora uma oportunidade que se calhar poderia não voltar a aparecer e, sobretudo, porque veio de encontro a uma coisa que nós já tínhamos tentado anteriormente e que não tinha sido dada resposta por falta de verba. Realmente é a consciência que não nos podemos fechar e que o ensino escolástico - que apesar de tudo ainda temos muito - não é de modo nenhum um ensino adaptado, que dê resposta à maioria dos nossos alunos - muito menos em zonas como a de (...) - onde temos uma grande população escolar que nem sequer tem pretensões e objectivos e acenar-lhes, em termos de perspectivas com uma entrada numa faculdade ou numa Escola Superior de Educação ou em qualquer estabelecimento de Ensino Superior, à partida é desmotivante para eles porque a maior parte deles têm consciência que não conseguem lá chegar, pelo menos à priori; alguns até depois conseguem depois de terem alguns meios de subsistência próprio.

B ⇒ *O que eu penso é o seguinte: uma coisa é o que os miúdos se propõem ser. Todos eles parecem ter objectivos. Quando fazem aquelas projecções no 7º Ano todos querem ser doutores, engenheiros, técnicos disto e daquilo, mas a realidade é muito, muito, diversa do sonho deles. No 9º Ano, normalmente, eles já têm essa noção, não é? Falta - e vamos tentar este ano - pôr mais os pais a participar nessa mesma decisão. Normalmente a decisão do 9º Ano para os complementares é feita na base da escolha mais fácil: o que há, para começar, na Escola - que é imposição dos pais - e depois ou escolhem as Letras para fugirem à Matemática ou se não gostam de Línguas vão para Científico-Naturais. Isto é o que a gente assiste. Por exemplo, vou adiantar já, este ano, pela primeira vez, vamos chamar cá os pais para fazer uma sessão para orientação dos próprios pais ao nível do prosseguimento de estudos dos filhos para o 10º Ano. Por questões logísticas e de tempo vamos ter de juntar os pais das três turmas, que até não são muitos, cerca de 70 a 80 e diz-nos a experiência que se tivermos uma casa a 1/3 já não é mau. Serão aqueles pais que estão interessados, serão os esclarecidos ...*

1. (a) - *A Presidente diz que a Escola oferece escolaridade até ao 12º ano mas os alunos ficam sem qualificações para entrar no mundo do trabalho.. As opções que apresentam aos alunos é resultante do que foi estabelecido ao nível da Direcção Regional e/ou da Escola?*

A ⇒ *Foi definida pela primeira vez, no novo Ensino Secundário, pela D. Regional mas respeitando integralmente a proposta apresentada pela Escola e de então para cá nunca mais houve possibilidades sequer de a alterar.*

B ⇨ *Este ano perguntaram-nos se tínhamos sugestões de alteração apenas nas disciplinas técnicas. Agora alargamentos de rede e alterações, não é possível. Dentro do mesmo agrupamento e se tiver professores, e se, se... algumas disciplinas poderão ser mudadas.*

A ⇨ *Quando foi definida pela primeira vez a rede havia uma série de condicionantes que era necessário preencher, nomeadamente em termos de professores efectivos e em termos de recursos materiais, ou seja, escolas como esta que estavam pouco apetrechadas para cursos que não fossem cursos de papel e lápis, ficavam limitados porque a Escola não poderia estar à espera do apetrechamento, que não viria. As antigas Escolas Técnicas estariam em melhores condições porque existiam equipamentos e professores- caso da Escola D. Manuel I em Beja e do Curso de Electrónica, por exemplo. As outras escolas Secundárias, as novas, que não têm no seu historial esse tipo de Cursos não estavam minimamente apetrechadas.*

1. (b) - Não foram, a nível regional equacionados os cursos que as Escolas gostariam de ter e aquilo que, em termos de desenvolvimento local, seria o mais adequado? Posso concluir que foi o resultado de uma determinação centralizada e de optimização de recursos já existentes?

A ⇨ *Exactamente. Uma das coisas que nos preocupa bastante prende-se com a valorização de profissões que hoje se encontram muito desvalorizadas - profissões mais do âmbito técnico como a carpintaria, a marcenaria, a mecânica, etc - que são profissões que até permitem eventualmente a formação das tais micro-empresas, permitem, em última análise, que alguém com uma profissão dessas e que não consiga trabalhar por conta de outrem, desenvolva uma actividade por si próprio, como trabalhador independente. São profissões que não existem, neste momento, em termos de ensino. Não há ninguém a preparar nada. Teoricamente existirão em termos de formação através dos Centros de Emprego mas ...*

D ⇨ *As Escolas Profissionais têm cursos de pedreiro, de carpintaria, etc.*

A ⇨ *Também se tentou um pouco valorizar essas profissões aos olhos e ao nível das representações dos alunos, da própria família e da comunidade, valorizar essas profissões no sentido em que é uma saída rápida e eficaz, porque há efectivamente falta. Uma das actividades do Projecto foram as "Conversas com profissionais" e uma das preocupações que houve foi, exactamente, inserir pessoas com este tipo de actividades que demonstrassem perante os alunos que ganhavam relativamente bem e que gostavam daquilo que faziam e que eram valorizados em termos profissionais.*

2.

A ⇨ *Para além disso houve mesmo Orientação através da aplicação de testes e de conversas/entrevistas com grupos das turmas; houve a aplicação de um inquérito e depois a análise dos seus resultados, feita pelo sociólogo da ESDIME; e no final do ano lectivo houve a feira das profissões, aí conseguiu-se reunir pessoas que representavam várias profissões, escolas profissionais, Centro de Emprego de Ourique.*

3.

B ⇨ *Têm sido basicamente a Escola a trabalhar ao longo deste ano. A ESDIME tem pouca gente a trabalhar nisto e a Psicóloga está poucas horas em cada escola. Mesmo assim este ano temos um acréscimo de horas relativamente ao ano passado, mas este número de horas é muito, muito limitado. Este ano já começámos cerca de dois meses antes em relação ao ano anterior, mas mesmo assim os "timings" estão a ficar demasiado justos. O que vamos fazer em Maio já devia ter sido feito em Fevereiro ou Março, a fim de nesta altura já estarmos a concretizar alguma coisa e não estarmos a ensaiar o trabalho com os Encarregados de Educação. Isto para mim é um dos obstáculos que existiu o ano passado e existe este ano.*

A ⇒ *Eu acho que em termos de comunidade educativa, em termos gerais, não mexeu muito, não tanto quanto seria desejável, nem tanto quanto se perspectivava inicialmente. Em termos de E.E., se bem que se conseguiu uma coisa curiosa o ano passado, que foi alguns dos profissionais que vieram foram E.E. e foi por essa via - e não por acaso - que vieram, mesmo na tentativa de comprometer e envolver mais os pais e E.E.. De qualquer forma, de um modo geral, mexeu muito pouco com eles. Estou convencida que se fizermos um inquérito e perguntarmos à maior parte dos E.E. se conhecem o Projecto, ou se sabem se o filho participou no Projecto, a maior parte deles desconhece totalmente. E isso é uma falha que temos de assumir como nossa, porque a divulgação não alcançou tanto quanto se desejaria.*

3. (c) - *Desculpa interromper. Mas houve um procedimento que foi a comunicação, por carta, aos E.E. e, foi feito o pedido de autorização de frequência?*

A ⇒ *Exacto. Houve uma divulgação inicial, mas depois os apelos à participação dos E.E. parou um bocado, e por experiência sabemos se não apelarmos constantemente a relação com os pais não se cria, não se processa. Mesmos em termos de escola a participação foi muito limitada. Digamos que aquilo que mexeu mais foi ao nível dos professores do 9º Ano e dos alunos deste ano. Mesmo assim julgo que a maior receptividade foi ao nível dos alunos. Porque pelo menos há uma coisa curiosa, muitos deles não perdiam nem uma hora das reuniões com a psicóloga, e curiosamente houve alunos no ensino secundário, e em anos não abrangidos pelo Projecto, que vieram falar connosco e quiseram integrar-se na orientação. E, inclusive, mesmo no início das férias muitos alunos perguntavam pela Psicóloga e queriam saber os resultados dos testes, e o mesmo E.E. tinham curiosidade em saber os resultados da Orientação Vocacional. E este é um factor da avaliação positiva, agora em termos de grandes mudanças, não. Curiosamente, este ano, as coisas começam a integrar-se mais numa terminada "normalidade", não num sentido negativo mas no sentido em que se começam a criar hábitos. Inicialmente a Psicóloga demorou algum tempo a poder vir e a arrancar, e os miúdos perguntavam se este ano não havia o Projecto. Parece-me que ao nível dos alunos mexeu, mas diz-me [dirigindo-se à Coordenadora] se tens melhor essa percepção?*

C ⇒ *O conhecimento que tenho do projecto é o que me foi chegando mais este ano que no ano passado, porque, de facto em termos de efeitos do Projecto na comunidade, eu, o ano passado, não me apercebi de nada. Em termos de Escola não me apercebi também praticamente de nada, mas sei que é um Projecto em projecto, e que os miúdos que entrevistaram nisso gostaram particularmente das sessões que tinham com a Psicóloga. Pronto, eu acho que o que o V.P. disse é fundamental e é assim: eu ainda não percebi muito bem qual é a finalidade - percebes? a finalidade é a Orientação Vocacional - mas isto ainda está no início e parece-me que a Psicóloga está muito acelerada sem capacidade depois de dar resposta; e tem dado porque a gente, com esta história das reuniões temos apertado um bocado, e a Psicóloga anda no meio de papéis, e como diz o V.P. pouco tempo aqui e pouco tempo além, não sei se em termos práticos isto leva a algum lado, em termos visíveis na comunidade. Porque uma coisa é ter um projecto que é interessantíssimo e outra coisa é concretizá-lo, e concretizá-lo passa por ter tempo, por ter disponibilidade, nomeadamente por parte da ESDIME para dinamizar em termos de comunidade e em termos de Escola, se o que se pretende é isso.*

B ⇒ *Se tivesses mais uma pessoa a trabalhar com a Psicóloga, nem que fosse um "partime", eventualmente para a parte burocrática e por exemplo preparar contactos...*

3. (d) - *Desculpa. Alguém dentro da Escola, professor da Escola?*

B ⇒ *Sim, alguém dentro da Escola, professor ou não, mas preferencialmente professor e professor do 9º Ano, o que não quer dizer que fosse obrigatório. Se houvesse um quadro qualquer, que nós pudéssemos ir buscar e que estivesse profissionalmente orientado para esse tipo de situações era importante, julgo eu.*

3. (e) - O vosso discurso sugere-me a seguinte questão: Como é que vocês vêm a Escola sob o ponto de vista de circulação da informação, de comunicação interna?

A ⇨ *Isso nem sempre se faz com a eficácia e a rapidez desejável, e muitas vezes necessária. É o problema da comunicação e da divulgação que muitas escolas têm. O que eu julgo que, neste momento, contribui para isso - e que acabou por ter impacto aqui - é que as escolas estão, em termos gerais, acerbadas de informação - chega-nos tudo e mais alguma coisa. Eu costumo dizer que não há gato sapato que se lembre lançar qualquer coisa e o primeiro sítio para onde envia é para as escolas - e o que acontece, é que fazer uma selecção da informação e fazer veicular essa informação de forma a atingir de forma eficaz, e no mais curto espaço de tempo, o público alvo - dentro de uma escola determinar o público alvo preferencial é complicado - e as pessoas acabam de se ver tão acerbadas, e de lhes ser pedido tanta coisa em simultâneo que, por vezes, essa informação se perde completamente ou é deturpada. E isso aconteceu exactamente em torno deste Projecto.*

B ⇨ *Isso agravado por outra coisa: a informação que fica de ano para ano aqui não fica, porque as pessoas que cá ficam são muito poucas, e o que acontece é que nós temos de todos os anos relançar o espírito do projecto, a base do projecto. O caso concreto dos D.T. temos apenas um que é repetente, mas é por mero acaso e nada nos garante que para o ano haja qualquer continuidade em termos de D.T.*

A ⇨ *O problema é que a maioria dos professores não fica na Escola de ano para ano. Se ficassem de certo modo haveria uma passagem informal da comunicação.*

B ⇨ *E isto acaba de minar, um pouco, o espírito de qualquer projecto, não só deste.*

A ⇨ *Isso acaba por perturbar e há uma coisa que é o seguinte: O ano passado acabou por ficar - também pelos "timings" e que se prende com esta questão da informação - muito centralizado e condicionado aos D.T. do 9º Ano. Era trabalhar essencialmente com eles, as reuniões eram feitas com eles, e havia pouco "feedback", não quer dizer que as reuniões não tenham de ser feitas exactamente com eles, mas depois aquilo que fazem há que dar conta aos outros, nomeadamente no C.D.T. e no C.P.. No ano passado, aos dois níveis sei, se no C.P. ainda se fez alguma avaliação do Projecto, no C.D.T. isso não foi feito e tinha sido fundamental, tinha sido importante a passagem do tal testemunho informal, houve D.T. que trabalharam mais neste Projecto e ao fim e ao cabo o que é que fizeram? que dificuldades é que sentiram? que resultados é que se obtiveram? Isso não foi passado para os colegas de Direcção de Turma.*

3. (f) - Conseguiu-se ligar este projecto a algum projecto de Área-Escola?

A ⇨ *Não. Já houve em termos de Área-Escola o tratamento do tema "As profissões" mas há dois anos.. De qualquer forma, não se repercutiu, não houve uma relação directa entre o Projecto e a Área-Escola, mesmo com um tema que poderia ser trabalhado em conjunto.*

4.

A ⇨ *Por via do Projecto foram estabelecidas novas colaborações? Novas, novas, só com a própria ESDIME, porque quer com a autarquia, quer com o artesanato, com os Clubes... já havia, de uma forma, provavelmente, menos formal, mas existiam. Com o Centro de Emprego a mesma coisa. Houve colaborações pontuais que não existiam até aí e que através da ESDIME foram estabelecidas. Estou a lembrar-me das colaborações com as Escolas Profissionais de Mértola e de Serpa ... e que inclusive permitiu que começasse a haver um troca de correspondência que não existia antes. Esse aspecto foi fundamental e extremamente benéfico. O que se pode dizer é que houve colaborações noutras vertentes que*

até aí estariam desprezadas ou não existiriam. Com a autarquia existe uma estreita colaboração que nos últimos anos foi intensificada - e o mesmo com o Centro de Emprego - mas o que aconteceu foi que essas colaborações começaram a se processar a outro nível, que não existia até aí. Versaram determinados pontos que não nos tinham passado pela cabeça procurar, nomeadamente em termos da inserção na vida activa, isto é, o que fazer? e como fazer? E o que é que todos nós podemos fazer para desenvolver o concelho e a região tendo em conta a vertente da educação para fixar os jovens que são de cá e para os inserir activamente no concelho.

A autarquia, entendemo-la, de facto, como parceiro. Numa Escola como esta, numa localidade como esta, não podemos de todo deitar fora a autarquia ou sequer menosprezar a sua colaboração. De todos os parceiros parece-me que é, e julgo que tem de ser, o privilegiado. Mas há outros, que neste âmbito, também têm uma grande importância, nomeadamente o Centro de Emprego, e julgo que - o que o ano passado não foi conseguido - o procurar estágios... Julgo que, se alguma virtualidade o Projecto pode vir a ter desde que seja um trabalho que anteceda a sua concretização e a sua prática é eventualmente conseguir com as chamadas "forças vivas do concelho" - como geralmente se designam - aquelas entidades que realmente se mexem no concelho, pôr as pessoas a trabalhar em conjunto, não tanto estabelecer parcerias formais mas pôr as pessoas a trabalhar em conjunto, com os mesmos objectivos e que isso vise, em última instância, o desenvolvimento do concelho.

4. (g) – Por essa preocupação se explica o funcionamento do UNIVA na Escola?

A ⇒ O UNIVA veio na linha e na sequência, numa tentativa de aprofundar e tornar possível, concretizar, no fundo, aquilo que o projecto da ESDIME aponta.

4. (h) - Referes-te à criação de interfaces com instituições exteriores à Escola?

A ⇒ Isso é extremamente difícil. Em primeiro lugar por uma questão de mentalidade, em termos de modos de fazer, de organizar e de pensar as coisas. A própria Escola e as entidades que lhes são exteriores - e por muito que se conteste é essa a imagem que ainda se tem da escola: a escola tem um espaço muito limitado e está fechada sobre si e cada um, dentro das diversas instituições, tenta preservar muito o seu cantinho. É muito engraçado, do género de fazer uma acção ou de alguém ir, durante umas horas, fazer discurso ou trocar umas ideias, mas assumir alunos da Escola que estejam lá dentro é muito difícil, é difícil para essas instituições e é difícil para a própria Escola. Até os pais têm alguma dificuldade, e até os próprios alunos que entendem isso como "pois têm alguém é para trabalhar sem ganhar" muito mais do que uma experiência de enriquecimento. E isso também não é por acaso porque quando chegam lá a ideia também é essa: ter alguém para trabalhar sem pagar. Portanto, isso, julgo, que tem muito a ver com uma questão de olhar a escola e as entidades com quem pode estabelecer parcerias de uma outra forma. Por outro lado é muito difícil, no sentido em que as pessoas, de um modo geral, têm muitas dificuldades em delimitar campos de intervenção e muito frequentemente o estabelecimento de parcerias é intromissão em campos que não são da sua área ou da sua competência. Eu julgo que isto são ajustes que se acabam por ir fazendo, mas a verdade é que isso acontece e há alturas, quando se dá os primeiros passos, isso é uma das coisas que se sente muito. É das duas uma: ou tu tens uma escola que tenta ser aberta mas, senão tens algum cuidado, tens outras entidades a não desenvolver uma relação de trabalho de parceria mas a tentar uma intromissão em campos que não lhes dizem respeito, e vice-versa também pode a escola imiscuir-se em assuntos que são próprios da entidade. Eu acho que é difícil por isso mesmo. É preciso colaborar e estabelecer relações de parceria, mas logo aí tem de ficar muito bem delimitado os campos de intervenção, porque cada entidade continua a ser autónoma e independente, e há campos que são comuns, um campo de intersecção e esse é para ser trabalhado, não propriamente "afeudar" domínios que propriamente as pessoas não dominam. Vou dizer uma coisa, que ultimamente ando a dizer muito, e que é assim: em

Portugal de politica, futebol e educação toda a gente tem a mania que percebe e, portanto, hoje em dia - e também por culpa dos nossos políticos - está-se um bocado a desvirtuar a ideia de uma escola aberta, para uma escola anárquica em que toda a gente mete a colherada. Eu pelo menos não entendo assim, e continuo a achar que, se para se ser professor se tem de ter licenciatura ou no mínimo bacharelato, ter a profissionalização, ter isto e aquilo, desculpem lá, mas não é qualquer um que chega aqui e sabe como as coisas se fazem, e da mesma que em qualquer empresa de engenharia chega lá qualquer um a dizer ao engenheiro como se fazem os cálculos... e infelizmente essa mentalidade persiste. Julgo que se passou de um extremo ao outro, e que se está a confundir a abertura e o estabelecimento de relações de parceria com ingerência, e delimitar é difícil, sobretudo quando não temos, em termos de M.E., entidades superiores, alguém com capacidade, mesmo em termos mediáticos - isso julgo que seja extremamente importante - que seja capaz de pôr os pontos nos is a esse nível: sim senhor, parcerias são importantes, são necessárias mas o papel de cada actor social numa escola é o papel que lhe cabe. Ultimamente ninguém tem conseguido fazer isso, e os papéis andam muito misturados.

4. (i) - Esta é a vossa visão global de parceria ou é o caso concreto desta parceria?

A ⇒ Não, aliás neste caso concreto a parceria, nesse aspecto, funciona muito bem. É mesmo parceria. É uma excepção. Não há qualquer ingerência, ou tentativa de tanto no mau sentido ou no bom sentido, isto é ingerência por se não ter consciência de onde é que termina o seu lugar.

5.

A ⇒ Podes clarificar?

5 (j) - Posso pôr as questões de outra forma. Por um lado, se esta modalidade de formação contextualizada teve reflexos nas práticas escolares, por outro, se a Escola, quer ao nível do desenvolvimento programático das diferentes disciplinas quer ao nível dos complementos curriculares - através dos clubes, etc, - têm tido, ao longo dos anos, práticas em que as problemáticas do meio são desenvolvidas?

C ⇒ Em relação a isto eu tenho de facto muito poucos dados. Quanto à primeira questão se houve alguma percepção sobre os efeitos da formação contextualizada, eu não vi nenhum na Escola, mas também, voltamos sempre à mesma coisa, que é assim: Este Projecto vem do ano passado, a Escola debate-se - como a ESDIME com falta de profissionais - com falta de tempo e com programas e currículos para cumprir, que ninguém nos perdoa se não os cumprirmos. Isto é um facto. E depois debate-se com outra coisa que a Presidente falava que é a mentalidade que tudo o que seja mudança é complicado, e se tudo o que é mudança é complicado há uma resistência a essa mudança e só o tempo permitirá mudar estas mentalidades. Quanto a isto poder ser alterado a prazo, passa por duas coisas que eu considero fundamentais, que são: não só a intervenção directa dos D.T. no Projecto mas a intervenção indirecta de todos os D.T. desta Escola quanto mais não seja por informação e por participação em actividades que se possam alargar a toda a Escola. Eu acho que este ano estamos a começar a fazer isso - com essa história dos Pais - e em actividades que a Psicóloga propõe e que tem alguma dificuldade em pôr em prática por causa dos "timings" dela, mas eu creio que a médio prazo, ainda neste ano, se vão começar a sentir os efeitos do Projecto, e nos próximos anos penso que isto vai mexer e vai interferir com a dinâmica da Escola. Depois em termos dos Clubes, se calhar nunca houve... eu confesso que me apercebi da Orientação Vocacional e Profissional, numa acção de formação que estive em Évora, e em que será fácil se houver vontade e se houver essa parceria que ela falou até dentro da própria Escola - que eu penso que a falta de parceria começa logo dentro da própria Escola, ou pelo menos os conflitos... - os clubes, por exemplo, segundo o que ouvi na tal acção de formação, são formas privilegiadas de fazer, de alguma maneira, orientação. Utilizar os clubes como uma forma de

fazer isto, as viagens de estudo também. Depois como é que isto é feito? como é que isto é interligado? é que me parece mais complicado. Porque é assim: a Psicóloga está com pouco tempo, eu confesso que no momento pontual estava mais preocupada com uma informação imediata aos miúdos do 9º Ano do que duma orientação vocacional. Agora as coisas estão a mexer de uma forma que o projecto possa ser integrado na Escola. O Projecto tem estado um pouco fora da Escola, porque está agora a entrar na Escola. É um projecto que é para se ir concretizando.

B ⇒ Acho que há um pormenor que é assim: resultados efectivos dentro dos próprios miúdos só vamos ver daqui a uns tempos; vamos ver se os que foram orientados o ano passado de facto, quais os resultados deles, se as opções que tomaram foram conscientes e correspondem ao seu desejo. Um balanço concreto dos primeiros só daqui a dois anos, quando eles estiverem no mercado de trabalho. Se calhar resultados imediatos são um tanto ou quanto frustrantes.

C ⇒ E depois há aqui um detalhe que se calhar é um pouco ingénuo da nossa parte como docentes. Nós temos sempre o fantasma do programa e o facto é que em termos do 12º Ano eu tenho de ter o fantasma e portanto dizer como é que a gente trabalha estas coisas em termos de disciplina, os colegas do 9º Ano em que, supostamente, isto pode ser trabalhado no âmbito do Português e etc. que são aqueles que mais directamente estão ligados a isto, para além de não ter havido uma dinâmica, as pessoas também com a questão da prova global começam a sentir o tal fantasma do programa, e penso que isso pode ser para uns a justificação para não intervirem nestes projectos; e para outros pode ser um factor de medo e não já uma questão de mentalidade, é tal qual o mal estar da Área-Escola sobretudo no Secundário e que começa a se estender ao 9º Ano. Agora, isto passa por uma revisão da nossa parte, docentes e D.T., de vermos até que ponto é assim tão difícil trabalhar dentro de cada programa, dentro de cada currículo, dentro de cada grupo disciplinar, e de começarmos a trabalhar para ter os nossos miúdos cada vez mais conscientes das possibilidades e também muito das limitações. E, face a isto, eu tenho, neste momento, uma atitude mais positiva do que tinha o ano passado, porque não entendia muito bem qual era a intenção e agora entendi, e este entendimento tem a ver com a participação e com uma coisa que me interessa enquanto aqui estiver: se isto é para orientar os miúdos vamos para a frente, embora com o tal problema de tempo.

A ⇒ Mesmo aí com os problemas de “timings”, eu acho que nós professores estamos muito habituados a trabalhar em termos de unidade de tempo ano lectivo e estamos à espera que os resultados possam ser quantificados ao cabo de um ano lectivo. Com um projecto desta natureza isso é impossível e, portanto, não dá para se medir, dá para fazer uma avaliação, verificar o que é que funcionou bem e o que não funcionou bem e se está a ser positiva, ou se revela potencialidades, mas medir exactamente que resultados é que obtivemos não se consegue ao fim de um ano, tanto em termos dos miúdos como da própria Escola, e se quizermos da própria comunidade. Quando eu atrás falava da tal normalidade é um pouco para isso que se aponta: agora, ao fim de um ano ou ano e tal, é que o projecto começa a ser apropriado, ainda não pela Escola, mas por alguns professores da Escola.

C ⇒ Eu acho que tentamos fazer uma coisa que é importante para o Projecto: uma divisão de tarefas sem desmembrar o projecto. A UNIVA tem de entrar, os D.T. não podem estar alheados; e se houver uma divisão de tarefas isto torna-se cada vez mais alargado, o Projecto tem uma progressão cada vez mais fácil e a Escola ...

B ⇒ A Escola cada vez mais rentabiliza o tempo, as pessoas e, eventualmente, os recursos. Que foi o que nós tentámos já ensaiar, e já há uma evolução do ano passado para este ano: pela primeira vez vamos envolver directamente os pais ...

D ⇒ Os pais mais informados e os filhos também mais facilmente poderão chegar a uma conclusão que seja rentável para ambos tanto a nível económico como social e essencialmente a nível escolar...

C ⇒ E nós ficamos com a ideia que a comunidade começa a se envolver e o nosso papel começa a ter um pouco mais de sentido. É assim, a mim importa-me a Escola e não a ESDIME. Isto para falar claro. Importa que se saiba, que os pais saibam, que a Escola está preocupada com os filhos deles, não só quando estão aqui mas também quando saírem daqui orientados para um determinado futuro. E isso, eu penso que é uma boa maneira de aproximar os pais da Escola que normalmente andam muito arredados.

A ⇒ E isto é muito positivo. Aqui não vamos falar dos comportamentos que os meninos têm ou não têm, das dificuldades de aprendizagem ou não ...

C ⇒ E se os pais se aperceberem que a Escola se preocupa com os seus filhos vão perceber melhor a relação, não sempre fácil, entre a Escola e os filhos, e por tabela entre a Escola e os pais. Se tivermos sorte penso que isto se consegue. Agora vamos ver. O caminho está aberto, isto é um projecto...

6.

A ⇒ Eu acho que contêm essa possibilidade e essa potencialidade, por si só não é à partida factor de mudança. Não podemos ter a pretensão de pensar - e se o fizermo-nos estamos a ir no mau caminho - que apenas pelo facto de estabelecermos protocolos e relações de parceria com outras instituições estamos a mudar só por si. Isso é letra morta, se não fizermos viver na nossa prática, no nosso quotidiano de Escola, de Escola como um todo, dentro e fora da sala de aula; de Escola, tendo em conta que, como organização social, nela se movimentam e se posicionam vários actores sociais: temos os professores ao nível do papel enquanto grupo disciplinares, temos os professores ao nível do papel que desempenham enquanto D.T., temos os funcionários - eles também são pessoas muito importantes - os pais, a comunidade envolvente através de todas as forças com quem vamos estabelecendo relações que podem ser pontuais, mais ou menos formais, no âmbito de um determinado projecto. e aí então, qualquer projecto pode ser factor de mudança e este tem - no sido, sido com todas as contingências, limitações e andar de caracol que tem, porque se ele não existisse não estaríamos a debruçar-nos sobre estas questões, não estaríamos a perspectivar e a planear acções e actividades a desenvolver neste sentido, não estaríamos a perspectivar, e a repensar e a planear formas de intervenção aos nível dos D.T., dos professores, dos pais, dos próprios alunos e da comunidade. E este é um factor de mudança que tem potencialidades embora por si só não é factor de mudança, se nós mantivermos tudo igualzinho nunca vai ser, se burocratizarmos demasiado o Projecto, o tornarmos pouco vivido - porque isso de preencher uns inquéritos e fazer a análise é relativamente fácil, nem precisamos dos professores, eventualmente qualquer funcionário pode chegar lá ou mesmo um elemento exterior lança o inquérito e o sociólogo faz o tratamento de dados. Isso por si não é nada. Mas agora quando se começam a fazer reuniões destas, quando se começa a pensar de que maneira podemos envolver não só os D.T. que de algum modo estão mais ligados ao Projecto porque são os D.T. do público alvo, já de si é um passo para. Mas como é que da acção que eles fazem se dá feedback e se vão envolvendo outros D.T., se pode passar aos grupos? - uma das coisas que foram feitas o ano passado foi tentar que os guiões das visitas de estudo que eram feitas integrassem também questões que se prendessem com as profissões e com as representações que delas se tinha. Mas, quando estamos a repensar tudo isto, quando pensamos na maneira de atrair os pais e estamos também a verificar que esta é uma forma de chamar os pais para um factor que é positivo, ao contrário do que é normal na prática visto só chamarmos os pais quando há problemas, neste aspecto já é factor de mudança. Quando foi a partir daqui que nos abriu perspectivas para passarmos a um outro tipo de projecto em que se integra a UNIVA;

quando houve todo esse tipo de relações isto é a mudança, só que nós estamos dentro dela não dá para a sentir. Não mudamos por decreto, não conseguimos dizer: agora tomem atenção que estamos a mudar a Escola, mas mesmo a passo caracol ou até de caranguejo, com dois para a frente e um para trás, quando não é mesmo dois para trás e um para a frente. Se começarmos a analisar bem todos os projectos têm essa potencialidade, têm virtualidades, cabe-nos a nós traduzi-las na prática. Não é só por assinar um protocolo de parceria que se muda.

C ⇒ *Explica lá essa parte da legalidade que me escapou agora...*

6.(I) - A questão que eu coloco é assim: Até que ponto, quando a Escola assume essa parceria, sem ter de pedir autorização à D. R. - é uma decisão assumida pela Escola - está a construir a sua autonomia e a desenvolver a sua própria especificidade e identidade enquanto Escola una e singular?

A ⇒ *É óbvio que está. De qualquer forma acho que as escolas não estão tão pouco dotadas quando isso enquanto quadro legal geral. O 43 aponta para aí, portanto não haja nada, em termos do modelo de gestão que temos, que diga que temos de fazer parcerias, mas também não há nada que nos impeça do fazer. A própria LBSE aponta para aí e se vamos a toda a legislação avulsa - os novos planos curriculares, a área-escola ... - tudo aponta ... não diz lá taxativamente mas para nos desenvolvermos e atingirmos os objectivos pretendidos não nos podemos dar à fantasia de nos fecharmos e encerrarmos entre os muros da nossa escola. Nesse sentido eu acho que as escolas não estão tão pouco dotadas quanto isso. A questão está em ter ou não a capacidade - e isto sem qualquer juízo de valor - de a partir do que é geral, que está consignado nas leis gerais, agarrar e aplicar em questões concretas. E isso na minha perspectiva é que é a construção de uma autonomia. Porque tal como a mudança e inovação não se fazem por decreto também não foi a partir do momento em que saiu o 43 ou que saía o que sair que as Escolas passam a ser autónomas e que constrõem a sua identidade, mas vão-no fazendo, progressivamente, na medida em que forem capazes de traduzir para os actos concretos, reais, do dia a dia o exercício dessa autonomia, isto é retirar da concepção global e geral que está subjacente a todo o edifício legislativo da Reforma Educativa - com muitos defeitos que ela possa ter e com muita coisa que já foi ultrapassado, mas que está subjacente e é um princípio - retirar e aplicar na prática e traduzir em actos concretos e reais. É assim, nunca houve o sentimento de estar a ultrapassar a legalidade ... não há, nós já temos alguma coisa lá, temos é de nos apropriar daquilo que temos e dar o salto, e concretizar, já que o legislador não o fez - e ainda bem para nós - porque se o tivesse feito tínhamos de andar a pedir autorização e aqui não diz, antes pelo contrário, a Escola deve promover relações entre a comunidade ... então é o que a Escola fez. A Escola está indiscutivelmente a construir a autonomia ...*

C ⇒ *Mas não fora de nenhum quadro legal. É que é assim, uma escola que é suposto ter uma autonomia relativa, e que é suposto construir uma identidade de acordo com as características da zona em que se insere, etc. etc. não era pensável construir algo à margem da lei. O máximo que poderia haver era um buraco na lei que permita que as escolas possam fazer isso e eu acho que as escolas o devem fazer e devem investir sempre e quando a escola assume a responsabilidade daquilo que faz ao abrigo dessa autonomia e ao abrigo dessa construção de identidade, mas nunca fora de um quadro legal. Fora de um quadro legal eu nunca concordaria com nada. Se as escolas - e isto com o devido respeito pelas chefias - quiserem fazer uma coisa e estiverem à espera das respostas perde-se a oportunidade de fazer coisas pela demora das respostas, porque isto não me parece que seja muito diferente daquilo que a gente conhece de há muitos anos para cá... Isso vem na linha do velho legalismo que só podemos fazer aquilo que está escrito, e não podemos fazer nada fora disso, então não fazemos nem uma coisa nem outra e então vem a passividade das escolas. Isso uma das frentes de batalha do sistema educativo que é a autonomia. Então venha ela . E ela só pode vir assim.*

Não creio que seja lógico e funcional que venham de cima dizer-nos que devemos estabelecer parcerias ou relações de diversa ordem com esta ou aquela entidade. Eu acho que deve ser a Escola a definir isso, a escola C.D. e C.P.. A questão também passa pela mentalidade existente de que nós só somos obrigados a fazer aquilo que está preto no branco na lei e estas coisas vão obrigar as pessoas, a prazo, a perceberem que não são só obrigadas a isso que também são obrigadas a outras coisas, se de facto querem que o ensino deixe de ser aquilo que é neste momento e que as escolas deixem de ser os tais feudos. Quem é que fez os feudos nas escolas? Foi o sistema. E o que é o sistema? São os senhores lá encima mas somos nós também. E portanto se queremos mudar a escola ...

A ⇒ *Concordo inteiramente. Não é possível subsistir nas escolas se não houver este espírito de ler os normativos de acordo com o espírito e não de acordo com a letra da lei. Até porque eu julgo que isso implica a liberdade, e a liberdade implica sempre a responsabilidade e a responsabilização de quem toma as opções e corre riscos - por parte muitas vezes dos próprios pares - e isso julgo que as escolas tem de assumir porque o que leva a esse tipo de postura também é um certo medo de correr riscos, porque, como é evidente, nós estamos muito mais protegidos - entre aspas - se nos limitarmos a fazer o que vem consignado na lei do que se ultrapassarmos essa situação, e dentro do espírito da lei, procurarmos fazer aquilo que nós achamos possível e vai ser positivo para a Escola e para a comunidade. Corremos riscos quando permitimos que outras entidades venham à Escola, riscos da própria comunidade influenciar o seu funcionamento e dar a conhecer de uma forma mais concreta, e de mais de perto, como é que a escola funciona. Estamos, portanto, a expormo-nos. Por outro lado também podemos tirar proveito e a exposição tem, subjacente, riscos.*

6. (m) - De toda a maneira estão sempre a procurar aproveitar os espaços de liberdades que a lei permite para a construção da própria identidade de Escola?

A ⇒ *A questão é a seguinte. Julgo que qualquer escola pode construir a sua autonomia e conseguir encontrar a sua identidade aproveitando essas margens. Por isso é que dizia à bocado que ainda bem que o legislador não se lembrou lá de pôr o que podia ou não podia. Aproveitando esses buracos brancos da legislação, porque julgo que a autonomia é isso e assim é que se concretiza. Quanto à questão da construção de políticas educativas locais É embrião mesmo. São muitas as questões que têm de ser equacionadas, mas julgo que esta parceria pode constituir esse embrião; pode ser um ponto de partida para tratar desse tipo de questões e para fazer o lançamento de dados, e até funcionar um pouco como um balão de ensaio e ver como é que resulta.*

C ⇒ *Política educativa local é um conceito que não é entendido por todos da mesma maneira. Parece-me que aqui falamos todos da mesma coisa. Esta Escola tem neste momento uma abertura - que a Presidente poderá explicar- porque só entro nisto enquanto membro do C.P. e ela não só como Presidente. Do C.P. mas também como professora do 2º ciclo - uma experiência giríssima com o 1º ciclo, que tem trazido esses alunos a esta escola e já falam Inglês....Acho que é uma coisa que é visível e que é agradável embora também não seja muito conhecido na comunidade: é conhecido pelos professores do 1º ciclo do E.B., pelos pais de meia dúzia de miúdos da vila... É uma experiência muito rica sobretudo para os miúdos que é o contactó, antes de entrarem, com a Escola...*

A ⇒ *Isto foi um protocolo que foi assinado com a EBI aqui (...), no ano passado, em que os miúdos vêm cá ter Educação Visual e Tecnológica, Educação Musical e Educação Física e os professores de Línguas - Francês e Inglês - leccionam na Escola deles. Abro aqui um parênteses porque isto é uma questão de autonomia: são duas turmas do 4º Ano, a maioria dos alunos escolheu Inglês e dois Francês. Quando isto foi dito, fiz a requisição de horários, e posteriormente, é que foi compatibilizado o número de alunos e, então, superiormente, foi dito*

que dois alunos não teriam Francês. Como as horas já estavam integradas nos horários contrapaus e disse que não me parecia muito correcto porque a resposta não tinha vindo em tempo útil, as horas já estavam integradas no horário do professor e como experiência era logo um factor desmotivante para os alunos. E os nossos chefes foram receptivos e disseram tudo bem... Os miúdos vêm à Escola duas manhãs, os horários foram adaptados, as aulas de Línguas são dadas lá e ... isso incentiva a comunicação entre os professores - entre os alunos ela fortificou rapidamente - e ao abrigo desse início de colaboração que no início era só em termos curriculares houve uma série de coisas que se foram fazendo, por exemplo, materiais que não nos fazem falta cedemo-los - ex. fotocopiadoras, arranjo de computadores, etc.. - acaba por se realizar essa colaboração e vamo-nos apercebendo das dificuldades que os nossos colegas do 1º Ciclo vivem, desde o isolamento, às dificuldades económicas e à verdadeira falta de autonomia... pela completa ausência de meios... desde falta de papel, a cola, etc...

Quanto à outra questão, poderá, como dizes, contribuir para que, contrariamente ao que acontece actualmente, as Escolas possam decidir uma rede escolar complementar e diversificada, mas aí terá de haver uma reorientação do Projecto. Tem de haver uma avaliação das necessidades concehlias e interconcelhias e que passa por um trabalho conjunto das Escolas, da Esdime e não só...

6. (n) - As Escolas normalmente encontram-se nas reuniões que são marcadas pela D.R. em que são abordados temas específicos que são, superiormente agendados. As Escolas aqui, e a propósito deste Projecto, encontraram-se uma ou duas vezes. Houve a partilha, houve a troca de ideias, houve o confronto das experiências? Ou tudo isso não passou das intenções?

A ⇨ Não passou das intenções. Houve uma troca e uma partilha das experiências sobre o modo como estava a ser executado o Projecto em cada Escola. Não se discutiu a filosofia do Projecto, e o Projecto tal como está concebido não aponta nesse sentido. Penso que seria proveitoso mas aí terá mesmo de haver uma reorientação, que terá de ser feita pelas Escolas, pela ESDIME em termos técnicos - poderia servir como consultadoria externa - e necessariamente por outras entidades a nível local - empresas de maior dimensão ou menor mas capazes de terem alguma expressão em termos de mercado de trabalho, pelas autarquias e pelas Juntas da Freguesia.

Quanto à última questão, a Escola só tem vantagens em conseguir oferecer aos alunos a possibilidade de eles tomarem decisões mais conscientes. Porque alunos informados e que tomem opções quer ao nível da própria Escola quer os que finalizam o E.B. e procuram formas de aprendizagem que lhes permitam uma mais rápida integração na vida activa. A Escola a esse nível só beneficia. Em termos de imagem da Escola é fundamental: nós hoje em dia temos de ter alguma noção de Marketing, no sentido da imagem que se transmite e da representação que as pessoas têm da Escola. As Escolas ainda não aprenderam a investir, não publicitamos - damos a conhecer - aquilo que fazemos e por isso não é valorizada pela própria comunidade. A Escola se tiver uma boa direcção de Marketing, se em termos de imagem conseguir transmitir uma imagem positiva para a comunidade é fundamental para todos os actores da Escola e para aqueles que com ela se relacionam. Não tanto em termos de tirar dividendos imediatos mas através da possibilidade em que toda a gente gosta de participar naquilo que demonstra ser viável, ter algum sucesso, estar a dar frutos. As pessoas envolvem-se mais facilmente e a Escola aí tira dividendos em termos de projecção na comunidade. E para os alunos é fundamental. E se pensarmos que a Escola está integrada numa comunidade, e que a própria Escola beneficia na medida em que essa comunidade conseguiu crescer e desenvolver-se então aí estamos a colaborar e a ajudar nesse sentido.

[Foram perto de duas horas de conversa. Lançaram para a mesa muitos dados importantes para a minha investigação. Resta-me agradecer a vossa inestimável colaboração. Obrigado.]

Anexo 9 - Entrevista - ESDIME

Data: 24 de Abril de 1997

Elementos Presentes: Presidente ⇨ A; Sociólogo ⇨ B; Psicóloga ⇨ C

Duração: 135 minutos

Questões: vidé Anexo 2

Respostas:

1.

A ⇨ *A análise que nós fazemos é que o principal estrangulamento tem a ver com a falta de cultura empreendedora e empresarial por parte da população em geral, e por parte de alguns actores principais com responsabilidades; e esta falta de cultura empreendedora e empresarial - são coisas que se confundem nas têm as suas diferenças - tem raízes profundas na forma como esta região se foi desenvolvendo - ou não desenvolvendo - ao longo das últimas décadas, ou séculos, se calhar. De alguma forma podemos dizer que o Alentejo, e particularmente esta parte do Baixo Alentejo, foi perspectivado, um pouco, como uma colónia, ou seja, eram-lhe dadas funções económicas conforme as necessidades do centro e sempre dependente disso. O caso mais próximo com a política de Salazar- o Alentejo Celeiro da Nação - era preciso uma auto-subsistência do ponto de vista alimentar e, nesse sentido, os cereais eram fundamentais; e tudo o que era terreno, com ou sem aptidões, foi feito para trigo, cevada, aveia; e, ainda por cima, numa lógica que era completamente fora do mercado; os preços eram fixos, não havia circuitos, propriamente, de comercialização, e o Estado controlava .. portanto é evidente que isto gerou - e sendo naturalmente, como era todo o interior uma economia predominantemente agrícola - uma monocultura e fora dos circuitos de mercado. Por outro lado, isso também tem a ver com a estrutura fundiária, que tem grande importância por existir um número muito escasso de agrários - eu não lhe chamo empresários agrícolas - sendo que estes, como escassa percentagem da população detentores de grandes propriedades - propriedades estas mesmo não sendo rentabilizadas - geravam os rendimentos suficientes para que as famílias possidentes pudessem sobreviver e bem. Isto não apelava a uma vontade de iniciativa, de melhor tirar partido dos recursos mesmo no domínio da agricultura.*

B ⇨ *Existiam esses muito poucos empresários e depois todos os outros assalariados e a tendência de se manter sempre assim.*

A ⇨ *Eram assalariados sazonais - e ainda agora - que faziam a campanha da azeitona, da ceifa, da monda, etc e o número de trabalhadores permanentes era relativamente escasso, e com prática de salários de miséria. O que apesar de tudo levou a que o Alentejo tivesse crescido nos anos 40 - tem o seu ponto mais alto de população nos anos 50 em virtude das migrações internas .. Esta é um pouco a situação. O que havia depois, praticamente, eram serviços ou pequenas actividades artesanais ligadas à agricultura, quer a montante quer a jusante. Nos últimos anos criou-se um sector que jogou na intermediação agrícola e que até foi o que gerou maior riqueza. Indo ao concreto, todo este processo leva ao facto de não ter havido uma cultura do empreendimento, empresarial, e ao contrário, uma cultura da dependência, dependência do poder central, de um conjunto muito restrito de "líderes" económicos. Eu costumo dizer, caricaturadamente, que o capitalismo não passou por aqui. Nós não podemos dizer que tivemos, neste século, uma situação de capitalismo - capitalismo no sentido da actividade do empreendedor que tenta, com os recursos existentes, tirar o máximo de lucro - até porque a terra era muito mais vista como uma posse do que como um recurso. Costumo dizer- tendo até uma vida muito ligada ao movimento cooperativo - que uma das*

necessidades históricas hoje é tornar a haver capitalismo aqui, haver empresários, pessoas que tenham iniciativa, que tenham esse espírito - obviamente, embora estejamos hoje, numa fase, sobre estas questões do que é que é o capitalismo ou o socialismo, muito complicada - hoje interessa à região que hajam pessoas que de forma individual ou de pequenos grupos queiram tirar partido de actividades económicas, segundo a lógica do tirar lucros.

Ligada à questão da falta de cultura empresarial temos o processo de emigração dos anos 50/60. Neste processo são os mais audazes, os com maior capacidade de iniciativa e aventura que saem, sendo que os que ficam aqueles que têm menos capacidades. Por outro lado temos outra circunstância que é agravante, que foi com o fenómeno do 25 de Abril que destrutura e quase faz desaparecer a elite anterior, a elite, com todas as características que tinham ela praticamente desaparece com o processo de reforma agrária ...perde-se um núcleo de pessoas com mais meios, com mais formação, dado que neste século o agricultor abastado apostava na formação superior dos seus filhos ...e o que é um facto é que houve uma diminuição fortíssima desta elite que o Alentejo tinha. Eu penso que neste processo - o processo da Reforma Agrária é muito complexo e não pode ser analisado como um processo uniforme, há situações muito diversas No pós 25 de Abril quais são as apostas? Por um lado é a agricultura - e isto desenquadrado historicamente como se a agricultura tivesse a prazo possibilidades de continuar manter os efectivos - dizia-se que as UCPs, e foi verdade, durante os anos 76/77 tiveram muitos mais empregos, mas não eram empregos sustentáveis com a agricultura do futuro, houvesse ou não C.E.E., com a mecanização ... Segundo, houve uma fase que no fim de contas teve a ver com o poder local e com a criação de condições sócio-culturais e infra-estruturais mínimas (esgotos, águas, estradas, escolas...). As câmaras durante muito tempo foram grandes empresas de construção e ainda hoje são dos maiores empregadores. Isto coincide com o meu regresso à terra mãe, em que estávamos perante uma situação em que as pessoas continuavam nisto, as câmaras continuavam a dizer que não tinham nada a ver com o desenvolvimento sócio-económico, que isso era um problema do poder central...

1. (a) - *Desculpe interromper. Segundo a sua opinião, porque é que houve essa inflexão no discurso por parte das Câmaras?*

B ⇒ *Eu diria só uma coisa. Em relação às infra-estruturas, tal como tu disseste, quando se fez a caracterização do LEADER, uma das coisas que esta região - e que eu acho surpreendente - é ter 100% as infra-estruturas feitas. Se calhar o poder local também repensou as suas funções, talvez daí naturalmente se tivesse virado para a área sócio-económica.*

A ⇒ *Eu penso que há aí várias razões. Por um lado isso acontece no Alentejo porque é muito mais fácil que noutras regiões ... Mas as razões desta tomada de posição das Câmaras são: por um lado acabaram, no essencial, a sua missão básica a nível das questões, chamemos-lhe, básicas; por outro lado, tornou-se óbvio que as câmaras tinham de ter essa preocupação - como o poder local no Alentejo sempre foi oposição aos vários poderes centrais existentes desde 76, e, neste sentido, havia aqui um fenómeno importante que era o conjunto dos poderes locais de uma cor em oposição ao poder central de outra cor, e numa altura em que os confrontos eram muito mais fortes - isso entrou-lhe pelos olhos adentro, mas mesmo assim eles ganharam o discurso mas não ganharam a prática: perceberam o discurso, afirmam-no, criaram alguns instrumentos como os ditos Gabinetes de Apoio ao Desenvolvimento, mas não operacionalizaram a ideia nem idealizaram muito bem qual será o seu papel, sendo que, como as câmaras continuaram a ser os grandes empregadores - e isso sob o ponto de vista eleitoral tem uma importância muito grande - o que ainda complica mais a questão. No entanto, e voltando à questão central, esse é o grande bloqueamento: dependência de uma ou duas actividades - da agricultura e da indústria extractiva (minas) - pouca diversificação, inexistência de um sector empresarial com algum peso e algum dinamismo, fraco, senão completo alheamento dos factores de mercado. Portanto - o factor*

força mercado que é determinante no sucesso ou no êxito empresarial - esta é a causa principal e dela saem uma série delas, como p. ex., neste momento, é a existência de um nível de densidade populacional extremamente baixo, recursos humanos extremamente desqualificados e as qualificações a desactualizarem-se em relação às novas possibilidades, e daí considerarmos que é este o cerne da questão, e é por aqui que temos de apostar.

Em termos de quais as possibilidades, e se se quiser falar em questões de ordem económica, há que reconverter a agricultura aos tempos de hoje e em duas situações diferentes: por um lado, uma agricultura ligada às questões do ambiente, biológica, pastorícia, etc. em zonas de terras mais fracas e de sequeiro, podendo nas zonas de terras mais fortes e de possibilidades de regadio implementar uma diversidade no próprio sector agro-pecuário e florestal, sendo que para isso é fundamental a existência não de agricultores mas de empresários agrícolas. Isto é um processo que tem tido algumas alterações; há a vertente turística, quer o turismo cultural, da natureza, não de massas mas um turismo especializado - mas neste momento estamos no ponto zero, dado que não temos oferta nem ao nível de alojamentos, nem de animação turística, nem de organização - que é uma potencialidade já identificada mas não iniciada a sério; há todo o campo do agro-alimentar em pequena escala ou de média escala; há alguns sectores industriais de não grande dimensão, mas que não se pode comparar com o artesanato que, pode desempenhar um papel ao nível da economia mas será sempre muito diminuto, e que terá de funcionar sempre em articulação com o turismo; e são estas as possibilidades.

Em relação há dez anos avançou-se; há uma maior capacidade de organização, há uma maior cooperação entre organizações e sectores - não é ainda o ideal mas avançou-se muito com a superação de vários entraves - e portanto as possibilidades serão essas e, perante estas causas e estas perspectivas, a nossa linha de trabalho será apostar muito numa intervenção junto dos recursos humanos, tentando qualificá-los no domínio da cultura empresarial, da capacidade de iniciativa e em simultâneo e paralelo com isso exercer alguma capacidade de atracção de recursos humanos externos porque a debilidade é tão grande que não estamos num processo de auto-regeneração por si mesma, ela tem de ser feita e ajudada por atracção de recurso humanos e desta conjugação toda poderá nascer também a capacidade de "lobby" junto do poder, em que finalmente sejam dadas importâncias e as condições a esta região para se desenvolver, e enfim os recursos financeiros e institucionais necessários para que isto aconteça.

2.

A ⇒ Isso deve ser feito de uma forma diversificada do base para o topo. Não sou contra os chamados pólos de maior dinamismo mas esta ideia das chamadas cidades intermédias - que eu sou contra - os chamados "Projectos Âncora", isto aqui no Alentejo é um bocado "treta". Há que apostar da base para o topo, criar lógicas de sustentabilidade, não é pensar isto macro, há que cada comunidade... apostar que todos esses processos de qualificação sejam feitas a nível do local, e não de uma forma burocrática, superestrutural e centralizada.

3.

A ⇒ Nós apostamos na formação. Inicialmente pensámos na formação e a ESDIME nasce de um processo de formação - formação enquanto actos e intervenções que levem ao aumento das aptidões intelectuais e de competências. Obviamente que quando nos deparamos com as gerações - não as novas ...

B ⇒ Tens uma segmentação do público em que queres intervir...

A ⇒ Exactamente, temos uma situação da grande maioria que tem a 4ª classe, com uma formação de base muito escassa, e sem formação técnico profissional adequada. Apostamos, evidentemente, nestas duas, ou seja, o Projecto Messejana que levou à formação

da ESDIME, a grande novidade que teve a nível nacional, foi ser uma formação que conjugava três níveis de formação: a formação técnico-profissional, a formação à iniciativa empresarial e a formação ao, que na altura chamávamos, desenvolvimento comunitário, hoje a formação à motivação, ao desenvolvimento pessoal, que eu gosto de chamar alfabetização, no sentido geral, à cidadania ... Portanto, perante as gerações que se encontram, hoje, com trinta ou mais anos, há que apostar muito em acções de formação com essas componentes, tentando apostar em sectores onde haja perspectivas do ponto de vista económico. Ai fizemos, e achamos que é necessário continuar a fazer-se, embora esbarremos com um enquadramento institucional da política de formação - que está feita para os grandes centros urbanos, para as zonas industrializadas e desenvolvidas do país e não para estas zonas onde o tipo de formação levanta problemas completamente diferentes, como em coisas tão básicas como o número de pessoas e os públicos... se fossemos para as segmentações exigíveis não tínhamos público para fazer formação! Aqui há que ter uma visão muito mais integradora e transversal nessa área de formação inicial e depois da formação permanente - que é uma coisa que não se faz - quer dos empresários quer dos quadros ... onde continua uma subvalorização para uma formação que é necessária. Entretanto, e obviamente, há o problema da Escola. No aspecto de aprendizagem e de formação a Escola é o cerne. Hoje com os nove anos de escolaridade obrigatória consideramos que aí a intervenção é fundamental do ponto de vista das gerações novas e das gerações vindouras. Consideramos que aqui a qualidade de ensino é mais degradada que noutras zonas até pelas dificuldades de recrutamento de professores, etc, e quando nós achámos que era preciso intervir foi segundo a lógica que referenciámos anteriormente: provocar e disponibilizarmo-nos para trabalhar no seio das escolas sabendo que se tivermos à espera de uma qualquer reforma e que é, por via do Ministério da Educação que as coisas se resolvem, não se resolvem, e portanto, tem de ser por via de uma actuação da comunidade junto da escola que se faz. Aqui o que consideramos fundamental- e é a questão da "Vida Activa" - é combater nas gerações actuais - e que de certa forma já herdaram dos pais - é uma postura relativamente passiva, que não uma postura activa, de empreendimento. E isso é uma das coisas que nos preocupa sobremaneira e o Projecto incidiu muito nesse domínio e, neste momento, é para nós uma vertente fundamental do trabalho da ESDIME. É bom que se diga que é uma vertente extremamente difícil de convencer os poderes públicos da sua importância e de arranjar meios para ele: o Ministério da Educação não os tem até porque tem a visão que é por via da Escola; convencer, por exemplo, a C.C.R.A. que fazer um Centro de Orientação e Vocaçào Profissional - como era a nossa ideia inicial - era enquadrável num programa ocupacional para o desenvolvimento sócio-económico é difícil (porque os efeitos são a prazo e não imediatos) convencer que para esta intervenção nas Escolas é necessário haver recursos de um conjunto de instituições, que irão parar aos jovens que estão nas Escolas.

Pensamos também que há aqui um trabalho a fazer de formação, que é a dos jovens fora das Escolas, enquanto jovens cidadãos que estão nas suas localidades, enfim, encontrar aqui, nos vários sítios - e porque a formação se faz fazendo, fazendo coisas, dinamizando actividades, pequenas coisas pouco visíveis e nem precisam de ser de grande inovação, mas que cria capacidade de "mexer" e a partir daí estarem mais educados para perante os problemas dar-lhe respostas activas e não apenas reivindicativas ou do queixume.

E já agora, é um parênteses à resposta anterior que tem a ver com as possibilidades do Alentejo, a especificidade do Alentejo: esta é uma zona única na Europa com conjunto de características - ambientais, arquitectónicas, culturais ... - e é preciso - é fácil e bonito dizer isto mas traduzir e fazer é muito mais difícil - apostar aqui no casamento da tradição com a modernidade, não está em causa irmos para um desenvolvimento que nos desidentifique do ponto de vista cultural e doutros pontos de vista, mas obviamente que isso tem de ser feito à luz dos tempos modernos; a influência das culturas dominantes é decisiva; é preciso encontrar esse casamento, não podemos ir para o típico, para o tradicional sem que seja equacionado com as questões da modernidade.

4.

A ⇒ *Para a segunda, embora - e pela minha formação económica - eu ache que a vertente das questões da economia são essenciais, ou seja a gente não pode fazer nada de bem feito irracionalmente do ponto de vista económico. Agora o económico hoje é uma coisa muito vasta: é económico a existência de um lar, é económico a existência de uma série de serviços para a comunidade, etc.*

[Desculpe interrompê-lo. Normalmente quando se põem esta questão e se diz económico está-se a pensar em termos economicistas. Não é essa a ideia que depreendi da análise que fiz do vosso Projecto e daí que a questão tenha sido formulada dessa forma.]

A ⇒ *Hoje mesmo no campo daqueles que poderiam ser economicistas - os empresários - aqueles que vingam são aqueles que apostam de facto na cultura, uma grande aposta na formação. O empresário que não é uma pessoa com alguma cultura de base, que alguma formação, que tem consciência da necessidade de recorrer a quadros especializadas nesta e naquela matéria, que tem de saber ouvir, dialogar, etc. uma pessoa com um espírito aberto (...) com o sentido de precisar de recursos humanos e ao contrário do que aconteceu por exemplo agora no 1º Quadro Comunitário de Apoio em que se apostou quase tudo na renovação tecnológica e muito pouco na renovação dos quadros fazendo incidir os investimentos no equipamento e na maquinaria...*

4 (b) - Isso tinha também muito a ver com as concepções de modernidade existentes?

A ⇒ *Precisamente, os equipamentos são importantes. É absurdo trabalhar-se com equipamentos que são obsoletos, mas isso levanta problemas gravíssimos, a máquina cada vez mais se substitui ao homem e isso levanta problemas de emprego complicadíssimos, mas não podemos ir contra a História, como por exemplo dizer "Abaixo os tractores" porque voltaria a haver emprego se o pessoal estivesse a ceifar à mão ...*

E a falta de valores... Eu agora num seminário disse que "sou de uma família há muitos anos abastada que chegou à minha geração a zero" - os meus antecessores fizeram o favor de ir delapidando o património e fizeram-no com alguma consciência social ... - mas disse isso e afirmei que a coisa principal que tenho - e também tive na Escola felizmente - foi a transmissão de valores, valores que não assentavam na ganância, no lucro, dessa visão de hoje do dinheiro ... tem de se ter consciência disso, mas há conjunto de valores e, há falta de melhores, vou aos da Revolução Francesa da Fraternidade, Igualdade e Liberdade, que é um triângulo pelo qual as pessoas devem ser educadas; e a Escola hoje, ainda tem um de ter um papel mais importante, quando os pais das crianças de hoje estão de facto completamente dominados pelas questões materiais e financeiras, quer dizer, o que deseja é que o seu filho seja rico, não que seja um bom homem, ou uma boa mulher, um bom cidadão... A Escola - talvez por ser de formação católica e ter tido um conjunto de professores que transmitiam essas preocupações - tem de estar atenta a esses fenómenos. É evidente que quando falamos de cidadania activa estamos a falar de valores, que a Escola ensine os jovens a ser cidadãos activos, preocupados com o social, com o ecológico, com o futuro e não uma visão estreita...

4 (c) - Essa vossa intervenção nas Escolas, dentro dessa vertente axiológica, tem a ver com a defesa dos valores da comunidade em que os alunos estão inseridos?

A ⇒ *Sim, embora esses valores estão muito esbatidos ao nível das sedes de concelho - isto não é científico - e mantêm-se mais nas aldeias e nas pequenas vilas. Eu gosto do muito pequeno, onde as pessoas todas se conhecem... onde a estratificação social não é tão grande...*

4 (d) - No entanto os sociólogos continuam a dizer que as relações sociais dominantes se baseiam no interconhecimento, mesmo nesses núcleos ...

B ⇒ *Mas é evidente que os vínculos vão ficando cada vez mais esbatidos... mas mantêm-se muito as relações de interconhecimento; e eu até contesto que na cidade não exista esse interconhecimento só que é mais difícil de detectar.*

A ⇒ *Aqui mesmo na Escola os miúdos são muito mais interclassistas... nas grandes cidades, os miúdos são formados no seio da sua classe...*

C ⇒ *Embora haja outra coisa interessante. As turmas são, por necessidades de transporte, constituídas por aldeias, gerando uma certa rivalidade e separação dos miúdos das aldeias com os miúdos das vilas...*

A ⇒ *Não sei se ainda se mantêm a lógica de separar as turmas dos bons e dos maus?*

C ⇒ *Ainda há! Eu sinto declaradamente isso, há a turma dos bons e há, quase sempre, as dos outros. Pegando numa das frases do Presidente há o discurso verbalizado mas não assumido, por exemplo, relativamente à heterogeneidade das classes e dos grupos e isso contribui para o desenvolvimento cognitivo - ou não - que tem sido largamente discutido - que se calhar já está largamente comprovado - mas por vários factores não é assim que funciona. Eu consigo pensar em cada uma das escolas e dizer qual é a turma dos bons alunos. Mesmo os miúdos têm essa percepção..*

B ⇒ *Às vezes pode coincidir que os bons são da sede de concelho e os mais problemáticos são os das tais freguesias...*

C ⇒ *Eu agora estou-me a lembrar de duas turmas, cada uma delas da sua escola, que são tipo a turma da "desgraça" onde vão para lá todos os meninos que já não são sob o ponto de vista de motivações e interesses "alunos" ... e que depois estão com eles um conjunto de dez ou mais alunos, quase todos a caminhar para essa situação ...*

A ⇒ *Isso leva-nos a dizer que o país é centralista do topo à base. Este projecto ter sido sediado em Messejana é já um pouco inverter a lógica de permanência do centralismo. As coisas são feitas na sede, sede do concelho, sede do distrito, sede de qualquer coisa que tem sempre um papel centripeto sobre tudo. Por exemplo, soube ontem que os miúdos que estão na 4ª classe em Aljustrel já vão com frequência à outra Escola enquanto a das aldeias não... para além de obviamente que a turma daqui sob o ponto de vista de um certo grau de formação é inferior às de Aljustrel; e ainda a situação das escolas não terem nenhum intercâmbio e intercomunicação quer entre professores, quer entre alunos que se mantêm fechados...*

5.

B ⇒ *Eu julgo essencialmente que o início do projecto - foi a Escola de Aljustrel - onde nós conhecíamos algumas pessoas e onde começamos a fazer alguma intervenção e a ESDIME teve alguma visibilidade. Depois ...*

A ⇒ *Tu sempre disseste que a entrada não foi fácil...*

B ⇒ *A entrada não foi fácil; foi muito proporcionada na altura quando se começou com a área-escola - e que a Escola não sabia muito bem o que fazer - e de algum conhecimento da ESDIME para animar algumas actividades lá. Resumia-se muitas vezes a sermos um recurso para a própria Escola: faltar uma pessoa para um debate, ou à última hora uma visita aqui a Messejana ... o que é natural. Quando propusemos o Projecto, como foi com a temática da Orientação Profissional - que nós detectámos que era uma falta das Escolas - e um, tanto ingenuamente, dissemos que iríamos fazer uma sensibilização às Escolas para a necessidade de orientação vocacional, e verificámos que essa sensibilização não era necessária porque as Escolas já a sentiam... Mas inicialmente foi pelo conhecimento de proximidade e de algum contacto...*

5 (e) - E quando o projecto foi generalizado às cinco escolas?

A ⇒ *Ai é que eu penso- e aqui sou mais ouvidor - que já os outros contactos estavam mais facilitados e portanto houve uma maior receptividade, de facto por se sentir que a gente iria trazer qualquer coisa de novo, que não viria pelo contacto institucional ...*

C ⇒ *Eu aí posso acrescentar mais alguma coisa. Através do meu contacto directo com as Escolas, eu senti que fui extremamente bem recebida nas Escolas. Ao fim ao cabo isto é uma temática que é a orientação escolar e profissional, que é um trabalho muito directo com os alunos - a proposta do Projecto tem sido essa: que vai um psicólogo - que é um recurso que a Escola não tem, e que é alguém de fora que está a oferecer esse recurso, e que é bem-vindo - fazer um trabalho que é especificamente com os alunos e que não mexe nas práticas das escolas. Essa boa recepção tem muito a ver com isso. Eu estou a cobrir uma necessidade que do ponto de vista dos pais, dos alunos é extremamente bem aceite e dos próprios professores porque é importante, mas é um trabalho que à partida, pelo menos à partida, não iria mexer... é uma coisa paralela, mas que não interfere. Eu digo isto porque em termos de psicologia educacional, nós estamos mais preparados para intervir numa vertente da escola no seu conjunto, nas várias áreas, e provavelmente se eu fosse colocada numa determinada Escola, como psicóloga, aí iria ter uma função diferente e iria sentir muitos mais constrangimentos do que senti com o Projecto "À descoberta..."*

A ⇒ *Eu acho que aqui há uma visão que nós temos, uma visão gradualista de entrada nas coisas. Pensamos que é preciso gerar cooperações na base de confianças sólidas e as confianças sólidas geram-se com o tempo. Portanto, não se deve entrar abruptamente. É preciso um processo de ir lançando pistas, lançando conhecimentos, gerando relações, que se vão alargando e cria-se depois um ambiente favorável. Penso que nós cultivamos pouco uma postura de 'bicos de pés', o que também facilita, visto que nenhuma instituição gosta de ser tratada de fora de uma forma subalterna, sente-se agredida, sente-se ofendida na sua missão, e portanto à que ter esta entrada, e isto fizemos nas Escolas como fizemos com outros, é preciso entrar com uma certa calma e respeitar muito quem está a fazer, sabendo que muitas vezes se não está a fazer melhor porque não se pode, porque lhes falta meios, se calhar relações. E o que aconteceu foi isto: progressivamente as Escolas foram percebendo que o contacto connosco era positivo, porque trazia novas ideias, porque lançávamos pistas, porque trazíamos algumas outras preocupações, e portanto alguns núcleos dos professores mais interessados começaram a sentir que a nossa acção era bem-vinda. Acho que as iniciativas que se tomaram não pretenderam ter espectacularidade mas com algumas práticas relativamente acessíveis.*

6.

B ⇒ *Em relação à Orientação Profissional o que nós detectámos, essencialmente, foi as escolhas profissionais do inquérito serem extremamente limitadas àquelas profissões que era valorizadas, e que a própria Escola e os meios de comunicação contribuem para isso. O primeiro objectivo do programa de Orientação foi prestar informação e essa informação de uma forma diversificada, não só em termos de mostrar o que é local como também o que se passa no todo nacional, e também com a perspectiva de mostrar algumas profissões que nós achamos aqui fundamentais. Houve sempre essas três vertentes. Essencialmente foi com o objectivo de informação e que os próprios miúdos possam através dessa informação construir o seu projecto de vida. Mas isso a P. responde melhor, dada a formação com que veio. Eu, por exemplo, fiquei bastante admirado porque pensava que a orientação profissional fosse muito directiva e isso já discutimos muito, e não ...*

C ⇒ *Isso era uma visão que se tinha dos psicólogos que fazem testes e ponto final... Do ponto de vista das sessões de orientação existe um conjunto de ideias organizadoras sobre o que deve ser a Orientação Escolar e Profissional, em que abordamos três grandes objectivos: o*

primeiro elucida-nos sobre “o conhecimento de si” - quem é aquele jovem, o que é que ele quer, os seus interesses, as suas aptidões - tentando que o jovem faça um olhar para dentro, pesquisar sobre quem é, como é que foi a infância, os factores importantes, as áreas de interesse, as relações familiares - porque a construção de uma pessoa começa desde pequenino - e a partir daí eles se vejam de outra forma e depois tentem estruturar a sua vida e consequentemente percebam o tipo de curso que é para si mais adequado. Há informação sobre o sistema de ensino- o que é que existe, aonde existe, quais são as possibilidades - e embora referidas em separado obviamente que estas coisas funcionam muito em interligação - e depois uma abordagem sobre o mundo das profissões e aí entra muito a articulação com a acção 3. que era as actividades de aproximação à vida activa. Em termos de dificuldades que eu tenha sentido, foram várias: primeiro por parte dos jovens - a existência desse tal modelo de representação do psicólogo - e sobre o ponto de vista da Escola - este é um trabalho muito pontual com os alunos e por isso mesmo não mexe muito com as práticas da Escola - supostamente a Escola não esperava que nós viessemos muito a mexer com determinado tipo de coisas ...as suas práticas...

B ⇨ *A questão da mudança. Não foi objectivamente esse o objectivo do Projecto. Sabíamos que poderia ser uma consequência transversal ao próprio Projecto. Inicialmente foi preencher um espaço que não estava a ser desenvolvido em cada escola ... Esse objectivo está presente na Orientação Profissional, dar visibilidade à mudança, mesmo no mundo profissional, que hoje marca não só a região mas mesmo todo o país. Mas provocarmos mudanças das práticas da Escola, da Escola como instituição nunca foi por nós considerado como objectivo. Se isso depois resulta - o facto de termos contribuído para o estabelecer de algumas relações institucionais - como por exemplo com as Escolas Profissionais - isso foi como resultado .*

C ⇨ *Eu ia agarrar o ponto onde estava que era relativamente a algumas dificuldades e que remetem para o tipo de competências que nós achamos que devem estar presentes e ser desenvolvidas nos jovens e que aí está toda uma concepção de educação que remete para as competências, para os saberes ...em relação aos miúdos senti uma dificuldade que advém dessa representação do psicólogo e que é alguma desresponsabilização pelo processo de tomada de decisão o que foi difícil de ultrapassar - e está a ser; o responsabilizá-los por esse processo implica por um lado estarem atentos e pensarem quem são - que é uma das actividades que é bastante rejeitada por eles - e, por parte de alguns pais e de alguns professores uma grande pressão para saberem os resultados dos testes vocacionais. O tipo de competências que nós achamos que devem ser desenvolvidas têm a ver com esse tipo de articulação - e com actividades que o ano passado não desenvolvemos e que este ano estamos a lançar - que é que eles se responsabilizam por esse processo; que eles estejam atentos e dispersos para procurarem informação, para pesquisarem, para dialogarem - o processo de tomada de decisão deve passar por esse diálogo não só com o psicólogo, mas também com os pais, com os professores, com o conjunto de actores sociais à sua volta, profissionais que os ajudam a reunir informações nesse processo - e são, assim, muito esquematicamente, esse tipo de competências que são fundamentais não só num processo de orientação profissional mas igualmente de educação, porque se falamos nas mudanças - não haverá estabilidade de emprego, não haverá profissões estáticas - vai haver uma necessidade de uma série de competências, de uma valorização pessoal, de um acreditar em si - que a maior parte destes miúdos não têm (mais nuns lugares que noutros) e que me assusta um pouco - em Almodôvar é notório - e depois é o grande problema, até que ponto é que se incentivam sonhos e até que ponto se chama à realidade, dada que esta separação é muito ténue.*

Do ponto de vista das “Conversas com Profissionais” e que se calhar mexeu com alguma coisa - e isso não foi feito por acaso; o facto de termos solicitado um maior número de pessoas da comunidade, envolvê-las sobretudo os pais - sempre que sabíamos que existiam com aquela determinada profissão - teve a ver com questões financeiras do Projecto e não só,

porque achamos que o mais correcto do ponto de vista de actuação é envolver todos os recursos que temos no próprio local. Claro que isso mexe se calhar noutras relações- se damos o poder aos miúdos em determinadas situações eles vão reclamar esse poder noutras, e provavelmente isso vai provocar mudanças...

6 (f) - E isso poderá mudar as práticas educativas? Como vocês fazem um trabalho muito contextualizado, trabalham não para o aluno ideal, normalizado, mas para os alunos que têm ali presentes, o aluno individualizado... isso poderá provocar mudanças ao nível das práticas da escola, sendo os próprios alunos a exigir isso?

C ⇨ *Sim. Por outro lado, eu não estava dentro das questões do desenvolvimento - por razões de formação e de trabalho - e encontrei uma série de princípios que nos são comuns. Por exemplo, quando se fala na valorização das profissões, dos cursos superiores, da parte do ensino mais tecnológico ou do ensino profissional, esse discurso, relativamente aos cursos tecnológicos e profissionais tem - por parte dos professores - junto uma mensagem que esse tipo de ensino é para os alunos com menos capacidade que os outros, ou com uma situação sócio-económica mais desfavorecida, o que eu penso que sob o ponto de vista de reconhecimento também não ajuda nada a essa valorização...*

B ⇨ *Mas esse é um discurso que é reproduzido pelos professores e pelos próprios agentes mas é também um discurso que está na própria sociedade. É uma visão que está incorporada nos pais, que está nos próprios alunos do 9º Ano, e também é transmitida e reforçada pela escola, como mostram muitos estudos sobre isso, e começa a ser transmitida logo na escola do 1º ciclo.*

6 (g) - E qual é a visão do sociólogo relativamente à mudança e sobre as competências necessárias aos jovens para essa mudança?

B ⇨ *Eu aposto naquilo que a Ps. disse: o dar essa tal autonomia ao jovem de construir o seu próprio projecto de vida, tendo nós como função dar essa informação, não deixando criar a dependência, mas fornecendo referências e directivas. Nós habituarmo-nos a ser assalariados é muito confortável e se isso não existe torna as pessoas muito mais vulneráveis se tivermos algum empreendimento... havendo o empreendimento haverá o direito e a se ser assalariado e obviamente que não se está a pôr a tónica que toda a gente vai fazer empresas... o desenvolvimento também não vai por aí... Julgo que é essa autonomia que eles terão de ter ao longo da sua vida porque são eles que vão tomar as decisões e construir conforme estiverem mais ou menos informados. Eu ponho a tónica muito na informação, num sentido muito lacto...*

C ⇨ *Mas o passar só a informação não chega, porque depois não se controla o modo como a informação é recebida...*

B ⇨ *Por isso é que se fala das competências, de desenvolver essa apetência... Porque se também só se espera a informação está-se a desenvolver outra dependência, também se tem de desenvolver aquela procura e isso vai marcar ao longo da vida. Quando falámos que no 9º Ano precisam de referências não podemos esquecer - e por isso é que os escolhemos como público alvo - que eles vão tomar decisões que os vão marcar, embora se diga que o processo não é irreversível, mas é dramático quando se escolhe mal. Por outro lado a orientação - e fizemo-lo nas "Conversas" que houve muitas pessoas que falharam e que tiveram processos de vida não lineares...*

7.

A ⇨ *A gente acredita. Acho que vai ser um processo muito lento, quer por parte da própria Escola quer por parte das outras instituições. É um processo que tem a ver, com*

aquilo que nós chamamos, a importância estratégica do tempo. Portanto, estas coisas tem de ir sendo feitas. Penso que sim. Em termos de ESDIME...

B ⇨ *Havia uma questão que eu penso que deves referir, e que é a tradição do contacto institucional que a ESDIME tem. Não foi só em relação ao Projecto "À Descoberta da Vida Activa", mas é o próprio posicionamento que temos tido...*

A ⇨ *Precisamente. Nós gerámos este tipo de relações com muita prudência. A ESDIME, fruto do seu desenvolvimento, neste momento tem uma área de intervenção- programa LEADER tem 9 concelhos - e há aqui uma coisa que nós apostamos que é a necessidade do surgimento de associações locais ao nível das comunidades. Não me importa agora aqui estar a qualificar a nossa agência mas o que é um facto há uma coisa que nós negamos: não queremos ter uma lógica de animadores das comunidades. Onde vamos, pretendemos gerar processos de auto-sustentação e de animação; nós temos mais um papel de desbravar caminhos que outros melhor do que nós poderão pegar. Pode acontecer que em qualquer local pudesse haver uma associação que pegasse... com maior capacidade porque mais próxima do local, em interligação, sendo que nós de alguma forma pelo tempo que temos destas coisas, por alguma especialização que vamos ganhando nessa matéria, se essas coisas funcionarem em rede, e em rede de vários níveis, se calhar era o mais importante. Eu diria, para essa questão é fundamental o fomento da micro-associação local, com capacidade de intervir nessa ligação com a Escola. Não vejo nada uma ESDIME a crescer exponencialmente, porque inevitavelmente se burocratizaria e ficava com problemas de gestão, etc, daí apostarmos em ir largando coisas, o óptimo é que alguém apareça e queira pegar no testemunho sem que a gente saia do projecto. Mas obviamente, com uma zona de intervenção deste tipo, não podemos ambicionar estar a promover essas coisas prolongadamente em cada sítio.*

7 (h) - Posso concluir que a ideia deste Projecto "À descoberta..." é criar dentro das Escolas dinâmica necessária para elas possam, per si, desenvolverem esse mesmo projecto?

B ⇨ *E mesmo o espaço de diálogo com as outras instituições que nós abrimos com este projecto...*

A ⇨ *Aí sim, nós devemos manter este papel, mas quanto mais viermos a conseguir fazer em parcerias quer institucionais- com o Estado ou outro tipo de associações - e despertar outro tipo de associações para este tipo de problemática. Não é a ESDIME que pode fazer nesta grande zona uma dinamização junto dos pais do papel da Escola e na educação dos filhos. E mesmo as Associações de Pais - embora conheça mal o projecto - que muitas vezes têm uma lógica defensiva, enquanto deveria ter muito uma lógica de parceiro. Temos aqui uma tendência muito forte para sindicalizarmos as relações [com tudo o que isso tem de conflito, de acusações múltiplas...] como se houvesse aí classe contra classe... há que tecer muito mais relações de cooperação, que são cooperações em conflitualidade, mas essa conflitualidade é geradora de novas ideias. Portanto, deste ponto de vista a ESDIME aposta muito em manter essa postura, sabendo que temos de ter policiazinhas que nos impeçam de burocratizar, temos de saber gerir isto muito bem, ter capacidade de autocritica e auto-análise que não nos deixe cair nessas tentações... e o ideal era que daqui a uns anos em houvesse associações, ou novas ou antigas renovadas, com esta perspectiva de intervirem de forma integrada, tanto atentas aos problemas sociais, educacionais, económicos, patrimoniais... essas associações terem muito um papel integrador ... com uma visão de cooperação, que preencham os vazios daquilo que não está a ser feito, que pode autonomizar-se com o andar do tempo...*

7 (i) - As Escolas embora vivam no mesmo território estão praticamente isoladas umas relativamente às outras: as pessoas conhecem-se das reuniões que são marcadas pela Direcção Regional, mas não tem um contacto, uma política comum. A questão é se esta parceria pode ser

possibilitadora de uma rede de relações entre as diversas escolas de forma que estas tenham um papel de “peso” no sentido de inverter a lógica centralista, ou seja, as Escolas contextualizadas e inseridas na própria região, tendo conhecimento dos constrangimentos e das possibilidades de desenvolvimento, possam elas próprias ser capazes de criar uma rede escolar de ofertas educativas complementares, que dê resposta às necessidades efectivas da região e concomitantemente dos jovens?

A ⇒ *Perfeitamente de acordo, e desse ponto de vista se pensarmos na “Folha À Descoberta” a intenção era ... por detrás era um pouco essa a ideia. Até que ponto seria interessante fazer um encontro inter-escolas...*

B ⇒ *O projecto nessa segunda fase teria de ter esses componentes, isso estava no plano, só que não há financiamentos - a Somincor apoiou só o primeiro ano - e nós não temos hipótese de assumir qualquer um desse inventos, quer em relação aos alunos, quer em relação aos professores, às Associações de Estudantes, e achamos que essa deveria, este ano ser a vertente máxima do Projecto. Nós no primeiro ano consolidámos as nossas posições e no segundo ano teríamos então de promover as relações entre as escolas, não só entre os professores, mas também dos alunos e de Associações...*

A ⇒ *Nós temos a noção disso, a preocupação da comunicação. Importa dizer uma coisa: a Somincor ter dado dinheiro é uma excepção; o que era natural era que outros organismos percebessem isto facilmente, e portanto isto vai ser uma batalha, vamos voltar-nos a recandidatar nesta área. Temos já alguns aliados para fazer perceber que isto é importante. A criação de condições das pessoas intercambiarem, de se correlacionarem, de terem momentos de permuta, de complementaridade ... se gerar todos estes processos.*

3 *Eu penso que uma organização como a ESDIME é fundamental para que isso aconteça. A confrontação de fora é fundamental. Uma das coisas que nós temos no nosso país é uma tendência para o espírito corporativo, o que tem, depois, todos os vícios. O ser confrontado passará muito por haver organizações exteriores a esse sistema que moderem, que provoquem, e que consigam tirar rivalidades, ou um conjunto de aspectos perturbadores e bloqueadores que muitas vezes impedem isso.*

B ⇒ *Eu sobre a questão colocada estou um bocado optimista, porque acho quando a escola se vira para o local há condições para que isso seja feito, sem inclusive mudar os tais curriculos... e estou optimista porque em termos da inserção na vida activa temos alguns mecanismos que podem possibilitar que isso seja feito com muito mais eficácia. O discurso dos curriculos regionais está nas escolas mas prática não é muita, por diversos condicionalismos, como por exemplo da grande extensão dos programas, isso leva a que não se façam mais actividades com o local; mas os professores que já começaram a fazer isso e sentiram resultados e sentiram que essa é uma via a seguir ... estou optimista em relação aos mecanismos que há, p. ex. os UNIVA, que começam a desenvolver trabalho em relação à orientação profissional nas escolas, há uma grande possibilidade de se efectuar essa relação dos jovens à vida activa, o que não está é ainda concretizado no terreno e efectivada essa intervenção. Estamos a caminhar para haver essa relação sem ser necessário irmos aos curriculos regionais ou locais, que eu não sei de é bom ou mau, mas continuo a acreditar que a Escola tem aquela formação universal que deve dar.*

8.

B ⇒ *Em relação às escolas, e individualizando, há sempre diferenças em relação às próprias escolas, porque estamos a trabalhar com pessoas e os Conselhos Directivos são formadas por pessoas, mas as diferenças são mais resultantes das pessoas diferentes que nos receberam. Quanto à dificuldade de nos integrarmos nas escolas, nós no primeiro ano tivemos*

uma visão mais optimista e dissemos que houve uma muito boa integração e nós podemos desenvolver o nosso projecto, não só porque fomos preencher a tal lacuna que podia haver como de certa maneira fomos úteis para a Escola e demos essa visibilidade em relação às escolas. Agora no segundo ano nós estamos a repensar e ficou alguma coisa por fazer e esta acção tem de ser mais integrada na Escola...

C ⇒ *Eu tenho estado um pouco pessimista com a questão da integração e do modo como a escola no seu global se apropriou ou não do Projecto. E em termos das questões como a escola se tem adaptado às mudanças, eu penso que é assim: há um conjunto que eu poria de duas formas: há uns constrangimentos que tem a ver com aquilo que o Ministério obriga e com as questões formais às quais as escolas tem de responder - e estou-me a lembrar que depois de Reforma Educativa e das questões da avaliação neste momento estamos como se numa reviravolta com as questões das provas globais que vem condicionar grandemente a vida das escolas - e há depois um conjunto de professores com muita vontade de fazer coisas, de fazer diferente, com sensibilidade para iniciativas diversas e aí já não sou tão pessimista porque há um conjunto de docentes que são muito capazes e se às vezes não fazem mais é porque tem um conjunto de constrangimentos que passam pelas obrigações que tem de cumprir. Penso que do ponto de vista do Projecto há apesar de tudo algumas dificuldades - porque descansamos e descuramos alguns aspectos no pressuposto que as escolas ao fim de um ano teriam mais consolidadas - mas por outro lado há todo um conjunto de acontecimentos que fará com que as escolas cada vez mais vão assumindo esse processo. E que a própria escola e os próprios professores alguns deles vão até reclamar do ponto de vista de haver uma maior integração por exemplo de toda uma série de actividades de exploração vocacional que sejam efectuados por si próprios.*

8 (j) - *Aquilo que me foi dado a perceber das conversas com escolas é que há alguma dependência das escolas face à ESDIME e que esta não apoia, neste ano, aquilo que devia apoiar. Isto não me parece que tenha muito a ver com aquilo que vocês propunham, isto é, não era pressuposto que as escolas tivessem dinâmica para avançar no processo iniciado por vós?*

B ⇒ *Quando a Ps. se dizia pessimista não se referia aos professores, e até referiu, anteriormente, que os professores estavam interessados em fazer coisas diferentes. O que eu digo mais este ano é que as escolas devem integrar mais o projecto. No primeiro ano chegamos à conclusão que foi positivo nós sermos marginais na Escola - não termos obrigações, não termos responsabilidades directas sobre a Escola - e por isso mesmo até havia uma certa liberdade para fazer, e as escolas viam com interesse as nossas actividades.*

C ⇒ *Do primeiro ano foi um pouco o consolidar relações. No primeiro ano entrou-nos alguém pela porta - que no acaso fui eu que estive mais tempo nas escolas - e estabelecemos relações com as pessoas... este ano tínhamos como objectivo envolver cada vez mais os professores num conjunto de actividades ...*

B ⇒ *Chegámos à conclusão que as duas vias tem de ser: o envolvimento dos professores pelo próprio interesse - não poderia ser uma directiva do conselho directivo e também não queríamos ir por aí - mas também estamos a sentir que é preciso uma responsabilização da escola e - vamos mais longe - é preciso apoio da Direcção Regional da Educação- já que reconhecem o nosso Projecto - mas depois não há nenhuma responsabilização, nem em termos financeiros e de apoio de materiais, e muitas vezes até articularem com coisas que nós podemos fazer. Essa articulação tem de resultar mais estando a escola mais empenhada no Projecto sendo, inclusive, mais directiva em relação às actividades que nós fazemos ao mesmo tempo que a componente da sensibilização para os professores de aderirem por vontade própria também é necessária, que estamos se calhar a conseguir este segundo ano mas que a outra parte está a falhar.*

8 (l) - Mas não acham que as escolas também não tem autonomia suficiente para dar uma resposta cabal aquilo que vocês necessitam?

C ⇒ *Penso que tem, pelo menos para este Projecto, concretamente, penso que sim. De qualquer modo, penso que, haver alguém encarregue de fazer as sessões de orientação escolar e profissional, é uma coisa que não contribui para que haja um maior envolvimento dos professores em determinado tipo de actividades e penso que cabe-nos a nós fomentar isso. Neste momento temos um conjunto de acontecimentos que vem facilitar: a criação dos UNIVAs nas várias escolas o que implica que haja mais gente com que nós possamos articular as coisas, e por outro lado, por parte da própria D.R.E.A. que nesta última reunião que aconteceu, houve uma chamada de atenção - para as escolas sem orientadores ou conselheiros profissionais - para que os próprios Directores de Turma fossem integrados, dando sugestões para integrarem a orientação nos projectos da área-escola, como aliás foi sugerido o ano passado na Escola de C. Verde, e que este ano está a acontecer com a Escola Secundária de Aljustrel e em Almodôvar também aconteceram algumas coisas interessantes que vão nesse sentido e para o ano, com uma maior credibilidade, apesar das dificuldades que nós sentimos quer as escolas - p. ex. o que acontece no 2º e 3º períodos é que as cargas horárias dos alunos são enormes por causa dos apoios e começam a aparecer coincidências com as sessões de orientação... Eu apoiou-me, neste momento, num conjunto de argumentos para poder dizer que era necessário e era útil que nalgum tipo de actividades pontuais houvesse uma maior motivação e um maior envolvimento dos professores. Ai foi gradual e nalgumas escolas já está a acontecer que a p. ex. informação dos agrupamentos está a ser feita pelos Directores de Turma - depois de uma conversa de preparação - sendo eles os responsáveis pela informação junto das turmas, assegurando que todos os miúdos, quer vão ou não à orientação, tenha, acesso à informação. Houve, inclusive, na escola EB2,3 de Aljustrel, actividades feitas na sala de aula conjuntamente com professores, e tudo isto são bons indicadores para que para o ano haja possibilidades de um maior envolvimento.*

8 (m) - Em termos globais qual é a vossa visão da Escola? E do seu funcionamento?

B ⇒ *É complicado. Se eu dissesse que a escola é fechada estava a omitir uma série de coisas que fazem com que a escola seja fechada. Se a escola tem um currículo que é muito extenso - e que não dá liberdade ao professor - por mais que ele queira fazer actividades e possa achar interessante tem grandes dificuldades e só com grande imaginação (e ai estamos outra vez a sobrecarregar o professor) faz, mas não vamos só valorizar esse professor mas defender que todos deveriam ter espaço para ter essa imaginação (evidente que sempre irão haver pessoas que se gostam de se acomodar e não querem participar); portanto, eu poderia dizer que a escola é fechada mas estava a omitir uma série de constrangimentos que a própria escola tem. E nisto volto a ser optimista: eu volto à Escola com um Projecto e foi uma surpresa porque encontrei uma escola completamente diferente do que era no meu tempo, em termos de participação, de aceitação do que nós podemos fazer e ainda por cima se nós tivéssemos mais actividades - conforme preocupação da ESDIME - de carácter mais lúdico e que dessem prazer aos miúdos, então aí, teríamos uma entrada quase triunfante. Não posso dizer que a escola é fechada precisamente pelo que aconteceu. E achamos que tivemos uma entrada, nas diferentes escolas, fácil. Houve sempre a preocupação de levar um projecto estruturado e senti imediatamente que houve uma adesão e uma abertura; e em termos de articular a própria implementação do Projecto apareceram muitas sugestões numa altura em que eu nem sequer conhecia as escolas e nem sequer poderia dar sugestões. Houve sempre essa colaboração, e por isso não consigo dizer que a escola é assim tão fechada e que não está tão aberta a processos que se calhar vão provocar mudança na própria escola.*

9.

B ⇒ *O que eu vou dizer tem a ver com a nossa própria lógica de intervenção. Nós intervimos nas escolas com o objectivo de fazer a Orientação Profissional mas também porque na Área Jovem era aí que tínhamos mais jovens. Pretendíamos conhecer os jovens e foi o meio mais fácil de a eles chegarmos, para daí fazermos outras coisas de que neste momento estamos a realizar, e que são as sessões de associativismo das freguesias rurais, porque a maior parte dos miúdos conhecemo-los lá e sentimos que havia necessidade de fazermos actividades nas freguesias e com a aceitação do Projecto "Gira Escola" do ICE também nos serviu para termos uma intervenção numa freguesia - em que apesar de ser de escolas básicas do 1º ciclo - mas possibilitava também conhecer os actores que são principais na própria freguesia e a partir daí houve até possibilidade de os alunos das escolas serem os veículos de passagem da informação sobre as sessões... Houve uma aprendizagem que nós fomos fazendo ... À partida quando foi feito o desafio - quando há 3 anos vim para a Área Jovem as questões eram: por onde começar? E como é que a vamos apanhar?... A nossa intervenção na Escola não foi inicialmente pensada como uma visão integradora - nem neste momento nós temos uma intervenção integradora - vamos tendencialmente tentando, e as escolas foram o local onde supostamente apanhávamos todos os jovens até ao 9º Ano. Evidente que agora já compreendemos outra realidade: as desistências que há, os que abandonam o sistema depois do 9º Ano e que são jovens que a gente tenta acompanhar e e, em termos, da intervenção da área jovem inicialmente ...*

C ⇒ *... foi a ponte para outro tipo de intervenções ... permite-nos estabelecer a tal rede de contactos que nos vai ajudar a entrar noutros espaços ...*

B ⇒ *A intervenção no terreno que nós queremos privilegiar... a Ps. que diga, a sua secretária não é utilizada aqui... É a vontade de ir para o terreno, de conhecermos as pessoas, em que os projectos são estruturados no papel e depois há muitas condicionantes que temos em conta através do contacto com as pessoas e isso na área jovem tem sido possível na ESDIME.*

10.

B ⇒ *Aquela componente do inovador - nós costumamos dizer muitas vezes isto- às vezes é inovador para um contexto que há, inovador não é preciso fazer alguma coisa de novo ou inventar. Nós o que estamos a fazer não é nada de inovador neste sentido, só é inovador porque pode não existir ...*

C ⇒ *Quando dizemos que não é inovador é no sentido do tipo de acções propostas, nos instrumentos, no tipo de técnicas utilizadas....*

B ⇒ *Nem os instrumentos, nem as técnicas, nem as acções são de facto inovadoras mas... este posicionamento é muito o posicionamento da casa e que tem a ver com o que o Ps. disse, e segundo tem muito a ver com a nação que nós temos que não podemos, nem devemos fazer tudo sozinhos. Isso obriga-nos a fomentar o relacionamento e a articulação entre as diversas instituições que trabalham para o mesmo, no caso das "feiras" foi para nós surpreendente porque não havia articulação entre as diferentes organizações... no caso de Ourique - fisicamente é o exemplo - quando fomos ao Centro de Emprego nos foi dito "como é possível que tendo ao fim da rua a Escola porque é que a Escola não vem cá e nós não vamos lá..." essa proximidade que até pode não ser física é em termos da mesma preocupação ...*

O Projecto REAGIR que nós estamos a encetar incide sobre isso, é exclusivamente pôr em diálogo e tentarmos, de uma forma concertada, fazer a intervenção das várias instituições que estão a actuar com um público que é o mesmo. Quando falei do IPJ - que também programas de inserção (estágios) dos jovens nas empresas - estamos todos a fazer o mesmo. O Projecto que agora fizemos é para efectuar essa articulação e nisso eu estou optimista porque as respostas têm sido positivas. Se calhar vamos muito para aquilo que ... há instituições que podem servir como pretexto de articulação e a ESDIME tem essa função e tem essa função por

duas ou três razões: 1º porque não queremos substituir ninguém - não vamos nós intervir pelos outros - e por outro, pelos próprios condicionalismos que nós temos na área Jovem . Somos dois e quanto mais envolvermos as pessoas mais conseguimos fazer isso. A Ps. já sentiu isso nas Escolas: se não tiver a colaboração quer dos D.T., dos pais, dos professores quer de toda a gente que tem contribuído para o Projecto nós não o poderíamos fazer.

10 (n) - E como equaciona a relação entre as expectativas e a realidade que têm vivido. Têm de facto essa abertura das pessoas, o estabelecimento de relações frutíferas com os diversos actores dentro da Escola que tem permitido levar a bom termo o Projecto. Mas as vossas expectativas ainda iam mais além ou não?

B ⇨ *Não. Eu até digo o contrário, o Projecto "À Descoberta da Vida Activa" no primeiro ano, o que nós tínhamos estabelecido realizar - fora as acções que implicavam mesmo financiamento - tudo o que lá estava superou as expectativas que nós tínhamos a não ser aquele pormenor dos estágios que nós próprios também não equacionamos...*

10 (o) - À partida a Ps. que está a viver o dia-a-dia nas escolas acha que estas têm condições para poderem agarrar no Projecto.? Ou pensa que com a sua saída acaba o Projecto?

C ⇨ *Se saísse agora das escolas o Projecto acabava. Embora eu ache que o ter posto em diálogo com as escolas outras instituições - não só os Centros de Emprego mas também as escolas profissionais - que nós tivemos uma preocupação enorme quando foi proposto e debate e quando eu dizia de superar as expectativas, p. ex. a Feira não estava no plano inicial do Projecto e que surgiu precisamente ...*

B ⇨ *... pelas condições que se foram criando favoráveis à "Feira", tanto que nós quase nem acreditamos que duas pessoas conseguiram, assim de repente, montar uma "Feira" em cada uma das escolas; mas nós montámos por tivemos a colaboração de um conjunto de pessoas e que sabíamos que podíamos contar com elas. Foi uma colecção de coisas que surgiram e nós avançamos...*

C ⇨ *Eu penso que, neste momento, uma das coisas, em termos de perspectivas futuras do Projecto, o pôr mais em contacto - o ano passado houve uma reunião final, mas este ano deve ser tentando uma coisa mais formal, até porque se fizeram coisas diferentes nas cinco escolas- isso também permitirá rentabilizar o Projecto e essa troca vai ser importante. P. ex. em Almodôvar e com a Coordenadora dos Directores de Turma houve uma preocupação, numa acção pontual, de envolver directamente os professores mas que podemos aproveitar por aí e através desta e de outras experiências diferentes e analisando os seus contributos positivos, se repense o Projecto para o ano, e haver algumas preocupações semelhantes nas cinco escolas do ponto de vista da organização das coisas e de certa forma até induzir à tomada de assunção e apropriação pelas próprias escolas do Projecto.*

10 (p) - Mas mesmo acabando a Orientação Profissional podem continuar ao nível de outro tipo de intervenção?

B ⇨ *Sim, a ideia do P. era essa, mas nós consideramos não ser de deixar a Orientação, porque a achamos fundamental, orientada naqueles princípios que nós achamos que são úteis até porque é muito mais abrangente que a Orientação ... A tal preocupação com várias actividades é alargar a esse âmbito de actividades no contexto da Orientação Profissional - que qualquer dia se calhar já não chamamos orientação - e essa preocupação de cidadania... nós alargamos o âmbito e os temas da intervenção dentro do contexto que chamamos orientação que às vezes até parecem nada ter a ver com...*

C ⇨ *Eu idealizo assim: se calhar não ter o horário semanal como estou a ter. Logo na primeira acção envolver os professores- uma acção de sensibilização ao Projecto- que algumas linhas orientadoras ficassem definidas pelo grupo de professores que tem estado a participar neste ano; haver um trabalho meu com os professores sobre os agrupamentos - tipo apoio nessa área, fazer o mesmo com os pais e depois no ponto de vista da orientação começar todo o programa ao contrário, por exemplo criar uma estrutura qualquer, tipo Clube de Orientação, nem que eu tivesse de ficar uma manhã em cada Escola dando suporte aos professores entrando num outro clube e em que algumas actividades sejam logo de início articuladas com os professores - p.ex. o professor de Português ajudar a fazer uma entrevista ... a Matemática pode tentar arranjar informações sobre profissões daquela área ... por exemplo as "Conversas com Profissionais" serem temáticas e cada disciplina organizar as suas e haver o tal Clube onde os alunos trabalhem mais concretamente comigo... Nós este ano começamos muito mais tarde. O que gostaria era de ir à Escola logo no início do ano lectivo, fomentar logo algum tipo de trabalho, arrancando o trabalho com os miúdos mais tarde, haver logo um maior envolvimento, e não ser como agora que vou às escolas só para estar com os miúdos...*

B ⇨ *Mas é essa questão da Escola assumir mais, que nós pretendíamos para o ano, não só em termos de integrar as acções que já estão mais ou menos integradas na dinâmica da Escola como também...*

C ⇨ *... como também uma calendarização com os professores, se calhar um professor perde uma ou duas aulas - perda no sentido de não dar programa - por ex. o de História perde uma hora, o de Matemática ganha uma... e no conjunto há um trabalho global que foi feito com os alunos que há um ganho e as perdas individualmente para cada um são bastante pequenas.*

B ⇨ *Em relação mesmo à tal "responsabilização" da Escola era fazer muito mais pressão para se ter Orientação Profissional - a sensação que nós temos é que a D.R. é um bocado assim: a ESDIME está a fazer e portanto nós não nos vamos preocupar - responsabilizando a D.R.E.A. - já que tem o discurso também ... mas isso em conjunto com as escolas, e é isso que vamos pedir também às escolas, e por outro lado, não sei se é polémico, mas que haja também um contributo da própria escola em arranjar outras pessoas que estão disponíveis no mercado - se as escolas já tiveram estagiários do ISPA e gostaram deles, pensarem numa forma de o conseguir (como fez Almodôvar), sensibilizando as Associações de Pais que pudessem assumir isso...*

A pouco dizia-se se a ESDIME sair o Projecto vai cair ... não vamos dizer isso mas sim que a ESDIME está em vias de sair e se as escolas valorizam o Projecto tem de tentar outras formas de o assegurar... Falamos no ISPA porque neste momento procuramos uma articulação que nos pode dar esse contributo, se falamos no IEF, se, p. ex., em termos de contratação do psicólogo quer a ESDIME no LEADER quer o IEF nos estágios que tem que são remunerados porque não articular um estágio - mas já estando a IEF dentro da estrutura de discussão de tudo isto que nós achamos importante, quando apresentamos a candidatura já é assumida pelo próprio IEF e portanto viabiliza mais facilmente um estágio dum psicólogo que sai do ISPA, e que todos nós sabemos que tem as competências porque já estagiaram numa Escola. É esta articulação que no final deste ano lectivo nós vamos tentar "passar" um bocado. Os resultados é que nós não sabemos qual vai ser. Temos de responsabilizar as Escolas mas também responsabilizar outras entidades que têm valorizado o projecto, gostam do projecto. ... deixar a ideia que temos de fazer um esforço conjunto, como foi no ano passado com a SOMINCOR, que conseguimos fazer do princípio ao fim sem problemas financeiros.

[Mais não tenho que agradecer. Obrigado.]

